



QUILOMBO MULHER

**AS VOZES DAS ANGUTA DE TURI VIMBA EM DOCUMENTOS
SONOROS DO PROJETO CAFUNDÓ**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – *CAMPUS* SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

ANDREIA APARECIDA DE OLIVEIRA

**QUILOMBO MULHER: AS VOZES DAS *ANGUTA* DE *TURI VIMBA* EM DOCUMENTOS
SONOROS DO PROJETO CAFUNDÓ**

SOROCABA

2023

ANDREIA APARECIDA DE OLIVEIRA

**QUILOMBO MULHER: AS VOZES DAS *ANGUTA* DE *TURI VIMBA* EM DOCUMENTOS
SONOROS DO PROJETO CAFUNDÓ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos - *Campus* Sorocaba, para obtenção do título de Mestre em Estudos da Condição Humana

Orientador: Prof.^o Dr.^o Geraldo Tadeu Souza

SOROCABA

2023

Oliveira, Andreia Aparecida de

Quilombo Mulher: As vozes das Anguta de Turi Vimba em documentos sonoros do Projeto Cafundó / Andreia Aparecida de Oliveira -- 2023.
124f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Geraldo Tadeu Souza
Banca Examinadora: Adilbênia Freire Machado, Vanda Aparecida da Silva
Bibliografia

1. Mulher Negra. 2. Memórias. 3. Quilombo. I. Oliveira, Andreia Aparecida de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Folha de aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Andréia Aparecida de Oliveira, realizada em 31/08/2023.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza (UFSCar)

Profa. Dra. Vanda Aparecida da Silva (UFSCar)

Profa. Dra. Adilbênia Freire Machado (UFRRJ)

Dedico essa dissertação à minha avó Candinha, *in memoriam*,
minha maior referência de ligação com minha ancestralidade africana.

AGRADECIMENTOS

Por esses anos de mestrado de muito estudo, esforço e empenho, gostaria de agradecer a algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a realização de mais este sonho. Por isso, expresso aqui, através de palavras sinceras, um pouquinho da importância que elas tiveram – e ainda têm – nesta conquista e a minha sincera gratidão a todas(os)

Primeiramente, agradeço à Comunidade do Cafundó na figura dos griôs Marcos e Jovenil que me deram a benção para que iniciasse essa pesquisa com suas ancestrais. Agradeço também a generosa acolhida que sempre tive por parte da comunidade, pois nossa relação foi além de uma relação formal e institucional, nos tornamos amigos, me senti com os meus e, como sempre diz o Griô Jovenil de maneira carinhosa, para dizer que somos da família: “Somos da Oca”.

Minha gratidão especial ao Prof.^o Dr.^o Geraldo Tadeu Souza, meu orientador e, sobretudo, um querido e grande amigo, pela pessoa e profissional que é. Obrigada por sua dedicação, que o fez, por muitas vezes, deixar de lado seus momentos de descanso para me ajudar e me orientar. E, principalmente, obrigada por sempre ter acreditado e depositado sua confiança em mim ao longo de todos esses anos de trabalho. Gratidão eterna pela sua orientação, paciência, apoio, confiança e amizade.

Agradeço à Dr.^a Alessandra Ribeiro que, na minha qualificação, muito me ajudou a ter uma nova escuta dos áudios e me deu um novo Sul. Me chamou a atenção para uma escuta mais atenta dos arredores, o que me proporcionou outras descobertas até então despercebidas. Grata, minha querida.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Maria Walburga e à Vanessa Ferreira que, por meio do curso de extensão da UFSCar, me convidaram para ser parceira no projeto de alfabetizar os mais velhos da comunidade e assim tive a honra de estar no Quilombo Cafundó, me reconhecer nesse território e me conectar também com meus ancestrais.

Agradeço ao meu marido Paulo Roberto pela compreensão e paciência, ao ser privado em muitos momentos da minha companhia e atenção, pelo apoio e estímulo nos momentos mais difíceis.

Obrigada a meu grande amigo e irmão Prof.^o Dr.^o Eder Proença por desejar sempre o melhor para mim, ser sempre meu maior estímulo e responsável por estar no mestrado,

pelo esforço que fez para que eu pudesse superar cada obstáculo em meu caminho e chegar até aqui.

Agradeço à Coleção Projeto Cafundó, da Plataforma de Documentos Sonoros do Centro de Documentação Alexandre Eulálio da Unicamp, pelo fornecimento de todos os áudios que precisei para minha pesquisa, o que muito me ajudou num momento crítico de pandemia de covid onde não podíamos estar presencialmente nos locais de arquivos. Sou grata pelo atendimento de pronto, nas trocas de mensagens por e-mail com Cristiano, da Área de Atendimento ao Público – CEDAE, que gentilmente me forneceu todos os documentos sonoros do período pesquisado por Carlos Vogt e Peter Fry.

Agradeço ao senhor Joel Yamaji, que me proporcionou, entre as tantas descobertas sobre a Comunidade Cafundó, um raro documentário poético que resgata um mundo quase esquecido até então, do diretor Joel Yamaji, no seu filme “Cafundó”. Localizar esse filme foi quase uma odisseia, pois não se achava em nenhum site. Tive a ideia de procurar Joel Yamaji nas redes sociais, deixei-lhe um recado e nada de resposta, mas, por sorte, tínhamos um amigo em comum, Marcelo Domingues, a quem agradeço por esse contato, Secretário da Cultura de Votorantim que o conhecia pessoalmente e gentilmente me passou o contato pessoal, o qual Joel respondeu prontamente. Assistir ao documentário foi algo surpreendente para mim, pois os personagens que eu buscava conhecer nos documentos sonoros da UNICAMP eram somente vozes. O filme acrescentou rostos, sorrisos, gestos e movimentos que até então eu só conseguia imaginar.

Agradeço à Universidade Federal São Carlos *Campus* Sorocaba- Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana – PPGECH. Sempre serei grata pela acolhida e aconchego com que esse programa nos recebeu, universidade pública, gratuita e de qualidade, patrimônio do nosso povo e que tem se aberto cada vez mais àqueles que antes não tinham acesso ao ensino superior. Agradeço a toda comunidade acadêmica, docentes e discentes, que conheci ao longo do mestrado e que de alguma forma contribuíram de forma inestimável para minha formação.

Agradeço aos amigos e familiares e em especial às amigas Maria de Lourdes Araújo Almudi e Dona Regina Aparecida Pereira grande liderança no Quilombo Cafundó, que de alguma forma torceram, me estimularam a continuar firme na dedicação à minha pesquisa.

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias podem reparar essa dignidade perdida. [...] Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história, sobre qualquer lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso.

Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral investigar o protagonismo das mulheres na formação da Comunidade do/no Quilombo Cafundó, área rural do município de Salto de Pirapora – SP, por meio das Matriarcas Dona Ifigênia Maria das Dores, Dona Benedita Pires Pedroso e Cida Aguiar. Para tal, busco fazer a análise das trajetórias de vida dessas *Anguta*, tendo o território como terra sagrada de corpos políticos de mulheres pretas, seu modo de ser, pertencer, saberes e marcas ancestrais, nesse Quilombo Mulher. Nesse sentido, procuro compreender suas referências culturais e as influências de seu universo sociocultural e simbólico com o território no presente. Trago, assim, o protagonismo das matriarcas, responsáveis pela preservação das terras, hoje restituídas à comunidade, e preservação da língua falada por eles, a Cupópia, uma língua própria desenvolvida pelo grupo, que combina vocábulos africanos como o quimbundo, umbundo e o português caipira, fazendo chegar até às gerações atuais a memória de *Turi Vimba*. Do ponto de vista teórico-metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental em arquivos sonoros e artigos de jornais selecionados, com fundamentação nas obras de Carlos Vogt e Peter Fry (VOGT; FRY, 2013), Lélia Gonzales (GONZALES, 2020), Beatriz Nascimento (RATTS, 2006), e Glória Moura (MOURA, 2012). Os resultados apontam para o resgate da ancestralidade e das memórias das matriarcas no registro da história do Quilombo do Cafundó, reconstituindo parte desse passado que ainda atravessa as gerações atuais.

Palavras-chave: Ancestralidade; Mulher Negra; Quilombo; Memórias.

ABSTRACT

This study aims to investigate the role of women in the formation of the Cafundó Quilombo Community, a rural area in the municipality of Salto de Pirapora, São Paulo, through the Matriarchs Dona Ifigênia Maria das Dores, Dona Benedita Pires Pedroso, and Cida Aguiar. To do so, I seek to analyze the life trajectories of these *Anguta* women, considering the territory as sacred land for the political bodies of black women, their ways of being, belonging, knowledge, and ancestral marks in this Quilombo Mulher. In this sense, I aim to understand their cultural references and the influences of their sociocultural and symbolic universe on the present territory. I highlight the protagonism of the matriarchs, who are responsible for preserving the lands, which have now been returned to the community, and for preserving the language spoken by them, Cupópia, a unique language developed by the group that combines African words such as Kimbundu, Umbundu, and Portuguese caipira, thereby passing down the memory of *Turi Vimba* to current generations. From a theoretical and methodological perspective, this is a bibliographical and documentary research using selected sound archives and newspaper articles, grounded in the works of Carlos Vogt and Peter Fry (VOGT; FRY, 2013), Lélia Gonzales (GONZALES, 2020), Beatriz Nascimento (RATTS, 2006), and Glória Moura (MOURA, 2012). The results point towards the recovery of ancestry and the memories of the matriarchs in recording the history of the Cafundó Quilombo, reconstructing a part of this past that still resonates in current generations.

Keywords: Ancestry; Black Women; Quilombo; Memories.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Minhas <i>Anguta</i>, da esquerda para a direita: mãe Benedita, vovó Candinha e bisavó Amélia	14
Figura 2 - Plataforma de Documentos Sonoros.....	20
Figura 3 - Registros da escuta em caderno dos áudios 004(b) e 005(a e b) (p. 26)	25
Figura 4 - Apontamentos dos registros de escuta no caderno (p. 28).....	27
Figura 5 - Registro da escuta em caderno do áudio 009(b) (p. 30)	29
Figura 6 - Registro da escuta em caderno do áudio 011(b) (p. 32)	31
Figura 7 - Registro da escuta em caderno do áudio 029(b) (p. 33)	33
Figura 8 - Genealogia de Caxambu e Cafundó	39
Figura 9 - Imagem de Dona Ifigênia Maria das Dores criada a partir da memória coletiva dos descendentes.....	47
Figura 10 - Registro de Casamento de Joaquim Congo e Ricarda	49
Figura 11 - A Família de Joaquim Congo e Ricarda.....	50
Figura 12 - Mapa com os quilombos Cafundó, Caxambu e Faxinal.....	52
Figura 13 - Imagem criada a partir da memória coletiva dos descendentes de Dona Ifigênia Maria das Dores.....	55
Figura 14 - Foto das terras do Cafundó já tomadas pelos grileiros de terras	56
Figura 15 - Foto onde se pode notar as marcações do cercamento feito pelos fazendeiros invasores.....	57
Figura 16 - Foto com o que sobrou das terras ancestrais.....	57
Figura 17 - Imagem criada a partir da memória coletiva dos descendentes de Dona Ifigênia Maria das Dores.....	62
Figura 18 - A centenária Igrejinha da Santa Cruz erguida por Dona Ifigênia Maria das Dores.....	65
Figura 19 - Interior da Capelinha da Santa Cruz.....	66
Figura 20 - Filha caçula da Matriarca Dona Ifigênia Maria das Dores, Dona Maria Augusta.....	68
Figura 21 - Imagem dos rabiscos deixados na casa onde morou Pernambuco.....	76
Figura 22 - Antigo centro comunitário do Quilombo	79
Figura 23 - Comidas de Santo na Festa de Oxóssi.....	80
Figura 24 - Maria Aparecida Aguiar, a Cida, na Capela de Santa Cruz.....	81

Figura 25 - Maria Aparecida Aguiar, cozinhando na cozinha comunitária	82
Figura 26 - A morte de Dona Cida nas páginas do Jornal Cruzeiro do Sul.....	83
Figura 27 - Foto de Dona Benedita Pires Pedroso	87
Figura 28 - Dona Benedita Pires Pedroso e sua pequenina casa de pau a pique coberta de cipó	101
Figura 29 - Festa do casamento de Dionizia, sobrinha de Dona Dita Pires, neta de Dona Antonia Maria das Dores	103
Figura 30 - Amanda Aguiar, tataraneta da Matriarca Ifigênia, durante a colheita de hortaliças na pandemia	111
Figura 31 - Aparecida Delgado, em frente à capelinha de Dona Ifigênia, conversando com alunos que visitam o Quilombo	112
Figura 32 - Alunos visitantes tocando atabaque	113
Figura 33 - Os tambores continuam a tocar	115
Figura 34 - Praia Morena-Benguela, local de embarque de humanos escravizados	116

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O PROCESSO DE ESCUTA SENSÍVEL E ESCRIVIVÊNCIA DAS VOZES DAS <i>ANGUTA</i> NOS DOCUMENTOS SONOROS: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS	19
3 QUILOMBO CAFUNDÓ: UM QUILOMBO MULHER	37
4 DONA IFIGÊNIA MARIA DAS DORES E DONA: BAOBÁ DO <i>TURI VIMBA</i>	45
4.1 A HISTÓRIA DE VIDA	47
4.2 RELIGIOSIDADE NO TERRITÓRIO SAGRADO: O LEGADO DE DONA IFIGÊNIA MARIA DAS DORES SE PERPETUA.....	64
4.3 DONA MARIA APARECIDA ROSA DE AGUIAR: OS CAMINHOS DA RELIGIOSIDADE NO TERRITÓRIO SAGRADO.....	73
5 DONA BENEDITA PIRES PEDROSO: A MEMÓRIA ORAL DO <i>TURI VIMBA</i>	85
5.1 A HISTÓRIA DE VIDA: RECONSTITUIÇÃO DE UM TERRITÓRIO DE LIBERDADE	88
5.2 A VIDA COLETIVA EM <i>TURI VIMBA</i> : TRABALHO E TEMPO DE FARTURA.....	100
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	118
DOCUMENTOS SONOROS	119

1 INTRODUÇÃO

A voz de minha bisavó
 ecoou criança
 nos porões do navio.
 ecoou lamentos
 de uma infância perdida.
 A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela
 A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e fome.
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.
 (EVARISTO, 2005, p. 74-75)

Iniciar essa pesquisa com a poesia de Conceição Evaristo (2005) é posicionar-me em relação à trajetória do povo negro, em especial da mulher negra, historicamente silenciada e invisibilizada, mas que, na contemporaneidade, estão a duras penas arrancando mordanças e quebrando silêncios, trazendo à tona suas memórias, a história de sua ancestralidade, sempre relegadas às margens da história oficial. Evaristo (2005) aponta a importância dessas memórias como forma de resistência e também para que assumamos nossas singularidades, quem somos e de onde viemos. O nosso presente é consequência da luta de nossas ancestrais pretas contra o sexismo e o racismo.

O poema “As Vozes Mulheres” de Conceição Evaristo atravessa intimamente minha ancestralidade, como se contasse a trajetória das mulheres da minha família, ou melhor, das minhas *Anguta* como são chamadas as mulheres adultas na língua Cupópia, dialeto falado pela comunidade do Quilombo Cafundó no *Turi Vimba, Terra de Preto*, as que vieram antes. Creio que, inconscientemente, também me motivou nessa escrita de nós,

como tão bem a autora conceitua essas nossas escrevivências, pois escrever sobre as matriarcas ancestrais da Comunidade do Cafundó é um pouco falar de mim de meu pertencimento, como filha, neta e bisneta de mulheres negras representadas na fotografia da Figura 1.

A primeira rota dessa construção como pesquisadora traz esse registro fotográfico, um dos poucos que tenho da minha família. Registros como esse só aconteciam em eventos especiais, como um passeio de trem com saída na estação Ferroviária de Sorocaba rumo à Cidade de Pirapora do Bom Jesus, interior de São Paulo, provavelmente em uma romaria de homenagem ao padroeiro da cidade, Senhor Bom Jesus. Raros registros fazem parte da colcha de retalhos que é reconstituir as(os) nossas(os) que vieram antes, principalmente dentro de um contexto de apagamento e invisibilidade da trajetória do nosso povo negro. Vejo nessa imagem o poema “Vozes Mulheres” da Conceição Evaristo. É minha vivência, forjada na figura dessas mulheres, e com ela início essa escrita de nós, honrando também as *Anguta*, minhas ancestrais.

Nesta foto, manchada pelo tempo, estão minha mãe, avó e bisavó. Benedita da Silva Oliveira, ainda uma adolescente que, poucos anos depois, já estaria casada e seria mãe, pois, quando eu nasci, ela tinha por volta de 16 anos. Minha avó Candinha, Candida Madureira Silva, que traz no colo seu neto primogênito Nilton, criado por ela, filho de sua filha mais velha. Vovó Candinha teve somente duas filhas. E minha bisavó materna, Amélia Dias Madureira.

Vó Candinha foi minha referência de ancestralidade negra. Só fui tomar consciência já adulta do quanto tive minha personalidade forjada no exemplo dessa minha ancestral. Hoje, ao buscar na memória resquícios da infância em sua casa no sítio, área rural dos arredores de Votorantim, a vejo em seu quintal, benzendo crianças levadas por suas mães para cortar o medo de andar.

Observava, sem entender muito, ela amarrando uma folha de bananeira em um barbante na perninha da criança segurada pela mãe, que dava passinhos enquanto minha avó ia atrás com um machado a cada passo da criança, cortando um pedaço da folha da bananeira e, a cada corte, perguntava para a mãe: – O que que eu corto? No que a mãe respondia falando o nome da criança: – O medo de fulano andar.

Figura 1 - Minhas *Anguta*¹, da esquerda para a direita: mãe Benedita, vovó Candinha e bisavó Amélia



Fonte: Arquivo pessoal da minha família, c. 1960.

¹ *Anguta*: Mulher em Cupóvia.

Acho que isso me impressionava, pois eu, muito criança ainda, tenho nítidos esses momentos em minha memória. Prestava muita atenção, creio que achava engraçado ou meio assustador, vendo vovó com aquele machado enorme cortando a folha. Acho que resolvia, pois eram muitas as mães que a procuravam.

A vovó contadora de histórias da carochinha, do Saci-Pererê que, nas suas histórias, era um ser real participante de sua juventude, que atrapalhava a noite na hora de costurar, pois ele vinha e apagava a lamparina, sujava a água do pote que buscava na bica com redemoinhos de ventos, o responsável pelas tranças encontradas de manhã nos rabos de cavalo, pelas trilhas que caminhávamos juntas para ir lenhar madeira para acender o fogão de lenha.

Vó Candinha nos ensinava a fazer o rodilho de pano para pôr na cabeça e equilibrar o feixe de galhos. Ela carregava seu grande feixe com perfeição e elegância, enquanto eu, como aprendiz, levava o meu feixinho segurando com as mãozinhas para não derrubar a lenha necessária para acender o fogão. No caminho, ia me ensinando quais frutinhas do mato podia ou não comer, amorosa do seu jeito, pois não era de beijos e abraços. Reproduzia esse carinho nos cuidados para com os netos, era a protetora que preparava o lanche de pão com ovo para a merenda da escola, que fazia os bolos de milho mais saborosos que ficaram na memória da minha infância, assados com brasa colocados na tampa de lata no fogão a lenha, que nos tratava da tosse e da gripe com seus chás, que ia até o quintal e voltava com ervas ou folhas com as quais fazia o preparado que nos curava.

Minha Vó Candinha, sempre ativa, de atitude, uma mulher preta além do seu tempo, era dona de terras no Itapevinha, um bairro rural de Votorantim interior de São Paulo. Terras que ela e meu avó Floriano Vieira da Silva compravam aos poucos com o salário que ganhavam. Ele, como guarda ou vigia na empresa. Ela, como funcionária da fábrica de tecidos nas indústrias do Grupo Votorantim. Serem proprietários de vasta quantidade de terras era algo raro na época para uma família preta cercada na vizinhança por sitiantes brancos, mas, mesmo já viúva, sempre manteve uma boa relação de respeito recíproco com esses vizinhos.

Vó Candinha, sempre presente em nossas vidas, não importava para onde mudássemos. Tive uma infância nômade, já que meu pai mudava de casa todo ano nas várias trocas de emprego, mas todo domingo ela estava por lá para nos ver. Na certeza de que ela viria, a esperávamos na área da casa e era uma alegria para nós. Quanto à minha bisavó Amélia, não a conheci, só ouvi falar que era presente na vida das filhas e netos.

Nessa imagem, posso ver um rosto sempre fechado, sério, creio que são as marcas da convivência próxima de um contexto escravocrata, suas dores e durezas parecem esculpidas no seu rosto. São essas mulheres que me constituíram na pessoa que sou hoje e o que me fez me conectar ao Quilombo Cafundó, esse Quilombo Mulher, de forma tão profunda nesse processo de pesquisa, ou melhor, de escrita de nós, das nossas escrevivências pretas.

Nesse processo de retirar mordanças, de escrita de nós, o registro de nossas vivências como tão bem conceitua Conceição Evaristo (2020), serviram para forjar ferramentas que vão contra o apagamento de nossa história, buscando elementos nessas memórias e oralidades, as formas de construção de novas metodologias afroreferenciadas para, assim, não continuarmos a ser produtores e reprodutores de uma história única:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos. (EVARISTO, 2020, p. 30)

Cabe a cada uma de nós o esforço para que essas memórias sejam referências e nos fortaleça nas nossas lutas diárias para conquistar maior visibilidade e direito de escrever nossa própria história, se não extinguindo, pelo menos diminuindo as violências e apagamentos de nossas existências.

A história oficial do povo negro é uma versão da história que o mundo já viveu em seus milhares de anos de formação e transformações, história essa contada na versão do colonizador. Este fato nos mostra a necessidade de romper com o silêncio e invisibilidade do negro, consistindo numa das formas mais eficazes para a permanência e reprodução da cultura hegemônica, ainda hoje marcada pela exclusão da participação do povo negro no contexto social, econômico e histórico da sociedade brasileira, como nos evidencia Alex Ratts pensando sobre a trajetória de Beatriz Nascimento:

[...] a dificuldade do reconhecimento do sujeito negro, mulher ou homem, como produtor de pensamento por parte de setores hegemônicos da academia brasileira, permeáveis, portanto, aos mecanismos da “invisibilidade negra” semelhantes em outros âmbitos sociais. (RATTS, 2006, p. 31)

A história da África e a diáspora forçada do povo negro é maior do que nos trazem os livros de História. Sobre isso, Abdias Nascimento (1980, p.84), afirma:

A memória dos afro-brasileiros, muito ao contrário do que afirmam aqueles historiadores convencionais de visão curta e superficial entendimento, não se inicia com o tráfico escravo e nem nos primórdios da escravidão dos africanos, no século XV. Em nosso país, a elite dominante sempre desenvolveu esforços para evitar ou impedir que o negro, após a chamada abolição, pudesse assumir suas raízes étnicas, históricas e culturais, desta forma seccionando-o do seu tronco familiar africano.

Meu percurso na pesquisa tem sido de descobertas, aprendizagem e encantamentos constantes com esse tronco familiar africano de que fala Abdias Nascimento. Vejo nessas minhas descobertas a reconstituição de um passado importante para a comunidade, a história das matriarcas, das *Anguta*, registradas para a posteridade, assim chegando ao conhecimento das gerações futuras e que, além de patrimônio da comunidade, sirva também como uma fonte de pesquisa e material pedagógico.

Esta pesquisa tem por objetivo geral investigar o protagonismo das mulheres na formação da Comunidade do Quilombo Cafundó, em Salto de Pirapora – SP, por meio das Matriarcas Dona Ifigênia Maria das Dores, Dona Benedita Pires Pedroso e Dona Maria Aparecida Rosa de Aguiar.

Nesse contexto, a pesquisa parte da busca pela história dessas mulheres do Quilombo Cafundó, a fim de encontrar indícios da formação e constituição de sua presença nesse espaço territorial, tendo por objetivos específicos:

1. Compreender o Quilombo do Cafundó como um Quilombo Mulher.
2. Construir a memória da Baobá Ifigênia Maria das Dores nas vozes das *Anguta* em documentos sonoros, principalmente na voz de sua neta, Dona Maria Aparecida Rosa de Aguiar.
3. Registrar a História de *Turi Vimba* na voz de Dona Benedita Pires Pedroso.

Nossa questão é saber se os registros documentais de diferentes tempos demonstram o protagonismo dessas *Anguta* do *Turi Vimba*, mulheres pretas, dentro do território Cafundó e como esses registros dão importância para a ressignificação a seus descendentes como forma de pertencimento, preservação cultural e ancestral dessa comunidade.

No que diz respeito à metodologia, iniciaremos pela delimitação dos pressupostos básicos que regem o presente trabalho, de pesquisa documental de caráter qualitativo, na

medida em que nos apoiaremos na história oral em depoimentos dados para Carlos Vogt e Peter Fry, na Coleção Projeto Cafundó, disponível na Plataforma de Documentos Sonoros do Centro de Documentação “Alexandre Eulálio” da Unicamp, Campinas – SP.

Como referências bibliográficas principais, selecionamos: os estudos de Lélia Gonzalez (2020); Beatriz Nascimento (RATTS, 2006); Glória Moura (2012); e o livro “Cafundó: a África no Brasil: Linguagem e Sociedade”, obra de Carlos Vogt e Peter Fry (2013). Como fontes primárias, ouvi um relativo número de áudios em documentos sonoros que se constituíram no principal material estruturante da minha pesquisa, inicialmente buscando as vozes-mulheres nessa escuta. Isso se mostrou a minha maior dificuldade, por estarem essas vozes atravessadas pelo protagonismo dos homens, o que me incomodou. Ao retomar essa escuta por várias vezes, atenta aos arredores, sons, movimentos, pude então ouvir essas *Anguta*. A seguir, descrevo como se deu esse processo.

2 O PROCESSO DE ESCUTA SENSÍVEL E ESCRIVIVÊNCIA DAS VOZES DAS ANGUTA NOS DOCUMENTOS SONOROS: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa, desenvolvida dentro da linha de pesquisa “Sujeitos de discursos, narrativas e mobilidades” do Programa de Pós-graduação em Estudos da Condição Humana (UFSCar – *Campus* Sorocaba) se propõe interdisciplinar, abordando perspectivas da História, Filosofia, Antropologia, Geografia e dos Estudos Feministas Negro. A pesquisa compreende alguns pontos de vista para sua construção metodológica: uma pesquisa documental com base em documentos sonoros e uma pesquisa bibliográfica.

No que diz respeito à metodologia, iniciaremos pela delimitação dos pressupostos básicos que regem o presente trabalho, de caráter qualitativo, na medida em que nos apoiamos em depoimentos orais concedidos a Carlos Vogt e Peter Fry, na Coleção Projeto Cafundó, e no livro “Cafundó: a África no Brasil”. Este livro traz o estudo feito nessa comunidade rural negra hoje conhecida com Quilombo Cafundó, localizada na cidade de Salto de Pirapora – SP. A comunidade foi formada no final do século XIX ainda sob as bases estruturais escravocratas, que permanecia, na década de 1970, com seus costumes e modos de vida. Tem como principal característica estruturante dessa permanência cultural a “língua secreta” falada dentro da comunidade, a Cupópia, que utiliza um léxico do grupo linguístico banto: o quimbundo, umbundo e quicongo. Vogt e Fry (2013, p. 205-206) nos explicam sobre essa diversidade de língua:

Fato que não é de estranhar, quando se considera a grande quantidade de escravos trazidas para o Sul do país provenientes de regiões onde se falam até hoje essas línguas. Mais estranho é o fato de que esse léxico tenha sobrevivido de maneira ativa numa comunidade perto de São Paulo, se levar em conta o desprestígio oficial que por séculos caracterizou a atitude da cultura “branca” em relação à cultura “negra” no Brasil.(...) Elas consistem em dizer que nos contatos das diferentes línguas africanas entre si e com o português produziram-se duas grandes “línguas gerais” características do Nordeste e do Sul do país: a primeira, com base nagô: a segunda, com base quimbundo. Assim o fato, de numa determinada região como o Cafundó, se encontrarem palavras que tenham correspondências no quimbundo ou no quicongo não significa de forma nenhuma que isso seja prova de que os ancestrais do pessoal dessa comunidade tenham necessariamente vindo de regiões onde se falavam essas línguas. Simplesmente eles podem ter aprendido essa “língua africana” nos postos de embarque ou aqui no Brasil (...)

Toda essa diversidade linguística só nos leva a confirmar o quanto a caça e sequestro dos nossos ancestrais se deu em várias regiões da África, para alimentar todo um sistema colonial cruel e desumano que transforma pessoas em mercadoria. Dito isso,

a construção de uma língua africana foi o meio encontrado para povos, que em muitas situações eram de grupos étnicos diversos e até inimigos, tivessem na comunicação entre si uma forma de (re)existirem numa união que os fortalecesse em terras estranhas.

A leitura do livro de Vogt e Fry me fez perceber que precisa saber mais sobre as pessoas e assuntos lá tratados, o que me direcionou para a busca dos documentos sonoros da Plataforma de Documentos Sonoros do Centro de Documentação “Alexandre Eulálio”, da Unicamp, onde constam gravações que foram a base para a escrita do livro e, principalmente, as vozes das pessoas que eu buscava, as vozes das mulheres, sujeitas de interesse na minha pesquisa, em gravações e entrevistas realizadas por Carlos Vogt e Peter Fry, na Coleção Projeto Cafundó.

Figura 2 - Plataforma de Documentos Sonoros

Add	Capa	Fundo/Coleção	Arquivos de Áudio
		Coleção Projeto Cafundó	87
		Coleção Projeto de Aquisição da Linguagem Oral	803
		Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil	210

Fonte: CEDAE, 2021. Disponível em: <http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/browse.php?action=album>.

Dentro de um momento pandêmico, onde ir a campo em busca das fontes necessárias para pesquisa era impossível, o mundo virtual me abriu portas para ter acesso a essas fontes. Encontrei os depoimentos que buscava na Coleção Projeto Cafundó da Plataforma de Documentos Sonoros do Centro de Documentação Alexandre Eulálio da Unicamp, ao qual sou grata pelo atendimento de pronto, nas trocas de mensagens por e-mail com Cristiano, responsável pela Área de Atendimento ao Público, que gentilmente me forneceu todo os documentos sonoros de que necessitava.

Ao tecer uma colcha de retalhos para o preenchimento das lacunas e apagamento da história do povo preto, encontrei também nos arquivos do jornal Cruzeiro do Sul vastas publicações mostrando interesse sobre a comunidade, até então inexistente por parte da mídia escrita na região. Surpreendentemente, a “descoberta” desse bairro negro chamou

a atenção de vários veículos de comunicação da capital e até do estrangeiro. Jornais locais passam a fazer constantes registros do cotidiano do bairro, algo não comum para a época, e que muito me ajudou na escrita para poder entender o olhar da sociedade para a comunidade negra do Cafundó.

Importantes foram os registros encontrados, mas, com o aprofundar da leitura desses artigos e até matérias completas sobre o bairro de negros, percebi que lá não estava o que eu realmente procurava: o cotidiano da comunidade contado pelas vozes dos que viviam, e não as interpretações feitas pelos jornalistas e editores. Foi o que me levou a não considerar todo esse material para essa pesquisa, pois encontrei nos documentos sonoros o que buscava, as vozes dos moradores dessa comunidade que, com propriedade e pertencimento a esse território ancestral, me levaram com eles, nessa escuta sensível, a conhecer e me encantar com os moradores do *Turi Vimba*².

Dentre essas tantas descobertas, nos deparamos com um raro documentário poético de 1986, que resgata um mundo quase esquecido até então, do diretor Joel Yamaji, o seu filme “Cafundó”. Localizar este filme foi quase uma odisseia, pois não se achava em nenhum site. Tive a ideia de procurar Joel Yamaji nas redes sociais, deixei-lhe um recado e não consegui retorno. Por sorte, tínhamos um amigo em comum, Marcelo Domingues, Secretário da Cultura de Votorantim, que o conhecia pessoalmente e, gentilmente, me passou seu contato pessoal, pelo qual Joel respondeu prontamente. Conversamos e ele me explicou que o filme original se encontrava na Cinemateca Brasileira, local em que tinha havido um incêndio de grandes proporções e, até então, ele não sabia se o filme tinha sido salvo. Ele me disse que tinha uma cópia que, apesar de não estar em bom estado, poderia me ajudar.

Assistir ao documentário foi algo surpreendente para mim pois, até então, as pessoas que escutava nos documentos sonoros da Unicamp eram somente vozes. O filme acrescentou rostos, sorrisos, gestos e movimentos que eu só conseguia imaginar. Isso me levou para mais próximo desse lugar, dessas pessoas, desse cotidiano, agora com imagens, sons e movimentos.

Na análise dos documentos sonoros, do ponto de vista da pesquisa documental, selecionamos como objetos de análise, num primeiro momento, áudios que continham registros das vozes de mulheres da Comunidade Quilombo Cafundó, com recorte temporal que abrange o período compreendido entre 1978 e 1980. Inicio a escuta dos áudios 025(a)

² *Turi Vimba*: na língua falada pela comunidade, a Cupópia, significa Terra de Pretos.

e 25(b) nessa busca pelas vozes-mulheres, ainda não certa de qual realmente seria a sequência correta ou qual caminho seguir, pois ainda prevalecia nessa escuta o lugar de fala dos homens da família Caetano. Dentre as mulheres, na busca por seu lugar de fala, a voz de Dona Maria Aparecida Rosa de Aguiar, a Cida, era uma constante, já impondo seu protagonismo, estando presente em muitos dos momentos das entrevistas feitas pelos pesquisadores. Abaixo, apresento uma lista dos áudios com os depoimentos com os quais minha pesquisa se constrói nessa escuta sensível:

1. DEPOIMENTOS 002(b): de Maria Aparecida e Maria Augusta. O pesquisador está tentando montar a árvore genealógica dos Almeida Caetano e questiona Maria Aparecida e Maria Augusta sobre Joaquim Congo, ocorrido em 1978.
2. DEPOIMENTOS 005(b): de Otávio Augusto e Maria Augusta. Sobre como bravamente Dona Ifigênia, de como sozinha, enfrentou os fazendeiros que invadiam suas terras onde tiravam seus meios de sobrevivência, ocorrido em 1978.
3. DEPOIMENTOS 008: Festa de Santa Cruz. O pesquisador descreve os rituais e depois entrevista alguns visitantes, indagando as relações mantidas com os moradores do Cafundó em 1978. O êxodo de jovens mulheres da comunidade Cafundó.
4. DEPOIMENTOS 009(a): com Maria Augusta, Adauto, Maria Aparecida relatando sobre a capelinha de Santa Cruz festas de casamentos do tempo de mãe Dona Ifigênia.
5. DEPOIMENTOS 009(b): com Maria Augusta relatando como aprendeu sobre a “língua africana” com a mãe Dona Ifigênia.
6. DEPOIMENTOS 011(b): Dona Benedita Pires Pedroso em entrevista com a estagiária Viviane, objetivando elaboração de lista lexical.
7. DEPOIMENTOS 025(b): Entrevistas com Maria Aparecida, a Cida relatando sobre a busca pela cura do irmão em um benzedor. A fé como cura das doenças.
8. DEPOIMENTOS 029(a): Entrevista com Peter Fry com Dona Dita Pires sobre sua vida, casamento entre parentes, afilhados, religião, feitiço, doação de terras, escravidão e os filhos da avó.
9. DEPOIMENTOS 029(b): Com Dita Pires sobre sua infância no território, convivência com seu avô Joaquim Congo e troca das terras.

10. DEPOIMENTOS 021(b): Entrevistas de Vogt e Fry com diversos moradores, dentre eles Dona Dita Pires Pedroso, sobre a vida e os costumes da comunidade Cafundó, sobre religião etc.
11. DEPOIMENTOS 021(a): Entrevistas de Vogt com Dona Benedita Pires Pedroso.
12. DEPOIMENTOS 022: Entrevistas de Carlos Vogt com Dona Dita Pires e Otavio Caetano, sobre aprendizado da língua, os antepassados etc.
13. DEPOIMENTOS 034(a): Entrevistas de Peter Fry com Geni, Mãe de Santo.

Nessa escuta primeira dessas vozes-mulheres dos áudios acima, selecionados para o *corpus* desta pesquisa, minha maior dificuldade foi conseguir ouvir as vozes das *Anguta*, sempre atravessadas pelas vozes dos homens, sendo até o direcionamento principal dado pelos pesquisadores era para eles. Percebia-me, ao fazer a decupagem dessas vozes nas gravações, reproduzindo o mesmo comportamento, não as ouvindo, novamente tornando essas mulheres invisíveis e silenciadas, e isso me incomodava. Esse incômodo me leva a refletir sobre o motivo de não as ouvir e percebo-me, nessa relação de gênero, reproduzindo algo que também está em mim como mulher, mulher negra, também constituída dentro de um contexto em que ficar em segundo plano era tido como normal, deixar o homem ser o protagonista e falar por nós era a norma.

Meu desconforto explica porque hoje, mesmo estando pesquisadora em processo de descolonização, apoiando-me numa literatura afrocentrada, ainda me vejo repetindo esse padrão machista e patriarcal do silenciamento, introduzido em mulheres e, principalmente, mulheres pretas como eu, por séculos e ainda hoje, prevalecendo nos inúmeros casos de feminicídios e violência doméstica, estampados nos meios de comunicação quase que diariamente para aquelas que ousam querer dar um basta nesse padrão do silenciamento e da subserviência da mulher.

Não conseguir ouvir as mulheres nos áudios e continuar a *decoupage* na busca de informações ainda nas vozes masculinas só me fez constatar o quanto essa estrutura do silenciamento ainda me atravessava. Isso me levou a revisitar memórias da infância e adolescência onde, por muitas vezes, fui silenciada, sem lugar de fala em casa e na escola. Esse incômodo e a consciência desses atravessamentos dolorosos me movem para a cura, ainda em construção ou tratamento. Me despir dessa estrutura do silenciamento é também parte desse processo de me livrar da mordada do silenciamento estrutural da

mulher, pois ainda estamos no processo, nessa luta que vai longe, mas sem volta. Tirar as mordanças e ocupar espaços que nos são negados é o caminho.

Dito isto, retomamos por diversas vezes o processo de audição desses documentos sonoros, numa escuta sensível voltada para essas vozes-mulheres, que estavam lá, com seu protagonismo, esperando por serem ouvidas. Nessa construção do meu método de produção de uma escrita, de minha escrevivência, nesse juntar retalhos aqui e acolá para o feitiço dessa colcha a partir das vozes-mulheres, me apoio em Mills (2009, p. 14) dando, assim, início ao meu artesanato intelectual, buscando caminhos para se chegar a um fim:

(...) organizar um arquivo, manter um diário. No arquivo unem-se experiência pessoal e reflexão profissional. Ao continuamente revisitar e rearranjar o arquivo, o artesão intelectual estimula a *imaginação sociológica*. Esta consiste, em grande parte, na capacidade de passar de uma perspectiva para outra, e, nesse processo, consolidar uma visão adequada de uma sociedade total e de seus componentes.

Nesse processo artesanal de encontrar os caminhos da escrita e anotações, Mills (2009), por meio de uma linguagem clara, mostra uma possibilidade de construir e estruturar minha pesquisa: o caderno de anotações, onde fui registrando minhas impressões do que acontecia nos arredores enquanto ouvia os áudios dos documentos sonoros, anotando as reflexões que vão surgindo, as dúvidas, as conclusões iniciais, as (re)visitas aos áudios e transcrições desses. Esse processo de escuta sensível me levou à construção do arquivo de anotações demonstradas nas imagens abaixo.

Nesse processo de escuta sensível, atenta e fichamento no meu caderno de anotações, também tive grande contribuição da amiga Dr.^a Alessandra Ribeiro, que esteve no meu exame de qualificação desta pesquisa, orientando para que me atentasse aos sons dos arredores. Isso me fez passar de uma perspectiva para outra, a (re)visitar e reorganizar meus arquivos, assim recolhendo nessas escutas dos áudios, não somente as vozes, mas sentindo e ouvindo os sons dos arredores, buscando descrever as falas juntamente com o que acontecia nesses momentos, vozes de crianças sempre próximas dessas mulheres, brincando com outras crianças, interagindo nas conversas ou chorando por atenção das mães durante as entrevistas, sons dos seus afazeres como o mexer nas panelas, acender o fogo a lenha, até o frigar da gordura na panela, os pintinhos piando na cozinha. Foi me colocando próxima das pessoas que ouvia, como se lá estivesse. Me percebo conhecendo um pouco mais quem eram essas mulheres, me encantando com a voz mansa com que se comunicavam com as crianças, os cuidados para com os seus, suas

dores, medos, amores e, principalmente, perceber a determinação e resistência das mulheres dentro de um contexto histórico de opressão ao qual elas estavam expostas.

Trago mais uma vez Mills (2009, p. 13) para relatar esse meu proceder no fichamento dessas escutas:

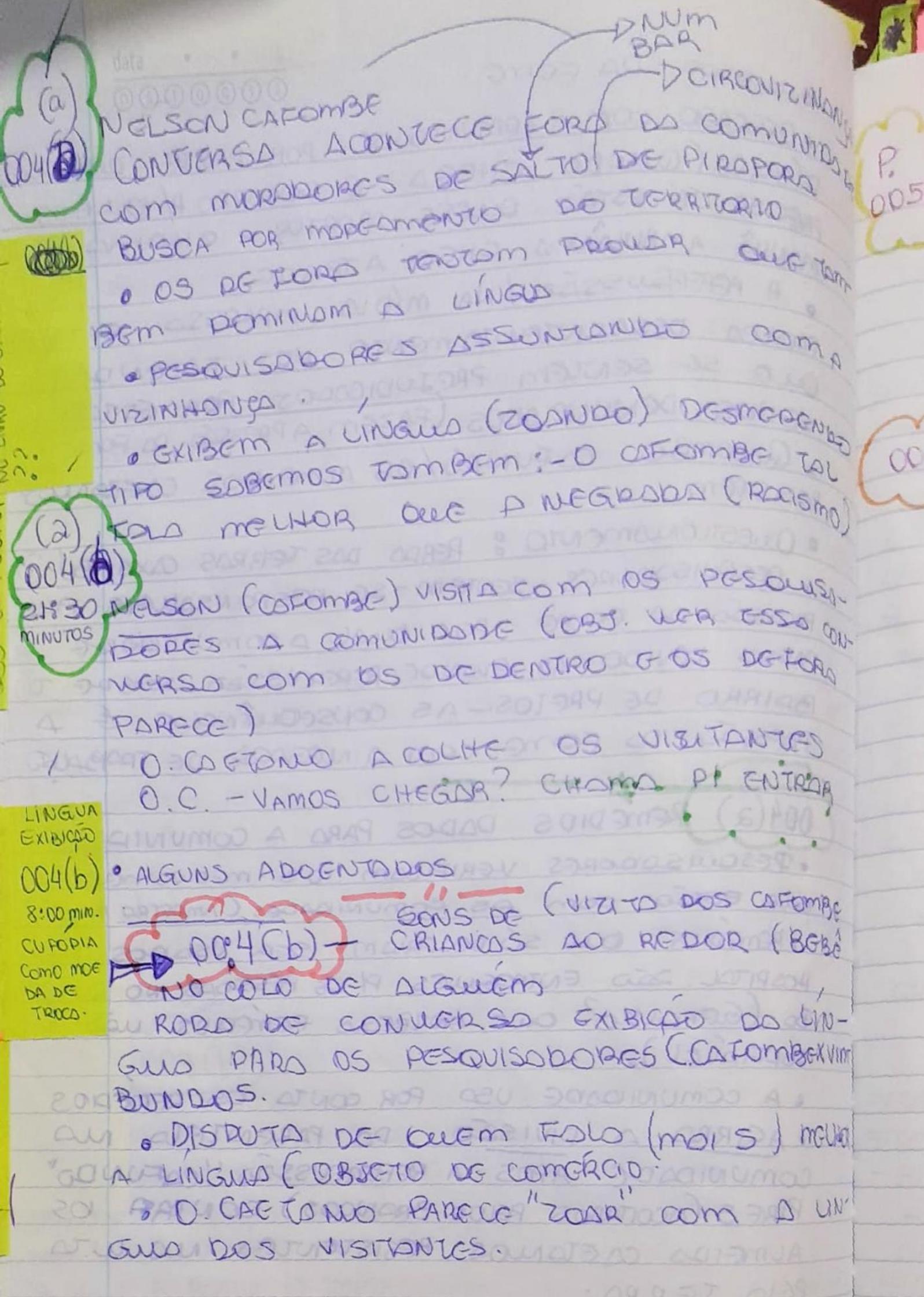
Parece-me válido, portanto, relatar com algum detalhe como procedo em meu ofício. Este é necessariamente um relato pessoal, mas escrito na esperança de que outros, em especial aqueles que estão iniciando um trabalho independente, o tornem menos pessoal através dos fatos de sua própria experiência.

Mills (2009) me mostra o quanto vida acadêmica e pessoal se entrelaçam na busca pelo se aperfeiçoar, no que ele chama de “ofício” de artesão intelectual, onde vou tecendo minha colcha de retalhos, juntando vozes na busca de reconstituir histórias, vivências silenciadas e apagadas. Vejo-me atravessada por essas histórias, sinto-me pertencente nesse contexto. A escuta sensível dessas mulheres ativa em mim memórias da minha infância, da minha ancestralidade e que, com certeza, me moveram para essa pesquisa, para a escrivência dessa escrita de nós, como relatei sobre esse atravessamento na introdução desta pesquisa.

Encontro, assim, meu modo de construção e anotações para poder fazer a decupagem necessária para a audição dessas vozes, corpos, sentimentos dessas mulheres. Apresento, abaixo, um pouco de meu processo de registros das vozes no meu caderno de anotações (Figura 3).

Figura 3 - Registros da escuta em caderno dos áudios 004(b) e 005(a e b) (p. 26)

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.



(a)
004 (a)

NELSON CAFOMBE
CONVERSA ACONTECE FORA DA COMUNIDADE
COM MORADORES DE SALTO DE PIROPORA
BUSCA POR MOVIMENTO DO TERRITÓRIO
• OS DE FORA TENTAM PROVAR QUE TAMBÉM
BEM DOMINAM A LÍNGUA
• PESQUISADORES ASSUNTANDO COM A
VIZINHANÇA.
• EXIBEM A LÍNGUA (ZANUDO) DESMORANDO
TIPO SOBEMOS TAMBÉM: - O CAFOMBE TAL
TALA MELHOR QUE A NEGRADA (RACISMO)

NUM BAR
CIRCUNVICINHO

P. 005

(2)
004 (a)
21:30 MINUTOS

NELSON (CAFOMBE) VISITA COM OS PESQUISADORES
A COMUNIDADE (OBJ. VER ESSA CONVERSA
COM OS DE DENTRO E OS DE FORA
PARECE)
O. CAFOMBE A COLHE OS VISITANTES
O.C. - VAMOS CHEGAR? CHAMA PI ENTRAR

LINGUA EXIBIÇÃO
004 (b)
8:00 MIN.
CUFOPIA
Como MOC DA DE TROCA.

• ALGUNS ADOENTADOS
SONS DE (VIZITA DOS CAFOMBE)
CRIANÇAS AO REDOR (BGBÉ)
NO COLO DE ALGUÉM
RORD DE CONVERSA EXIBIÇÃO DO LINGUA
PARA OS PESQUISADORES (CAFOMBE) VIZITANTES
BUNDOS.
• DISPUTA DE QUEM FALO (MOLIS) MELHOR
A LÍNGUA (OBJETO DE COMÉRCIO)
O. CAFOMBE PARECE "ZOAR" COM A LÍNGUA
DOS VISITANTES.

004 (b)

Esses áudios, 004(b) e 005(a e b), mostram as minhas primeiras transcrições, onde ainda estava atravessada na escuta das vozes dos homens que tinham mais protagonismo nas entrevistas feitas pelos pesquisadores. Nesses áudios, percebi que o objetivo principal se tratava de conhecer melhor a língua falada na comunidade e buscar entender como interagiam com a circunvizinhança. Registrei que os pesquisadores buscavam pessoas na cidade que falassem a língua. Nota-se que muitos, por conviverem com a comunidade, conheciam algumas das palavras em Cupópia, e alguns desses eram falantes *cafombe*³. Os moradores parecem se exibir aos pesquisadores e disputar com os visitantes o domínio do saber falar a língua.

Nesse momento, minha escuta estava ainda na busca pelas vozes das mulheres, o que não se deu de forma linear. Essa escuta se deu na sequência da numeração dos áudios, o que muitas vezes não correspondia com o que eu buscava, pois a descrição no site com indicação do que havia nas gravações nem sempre correspondia com o que eu buscava. Isso me obrigou a fazer essa escuta primeira em todos os áudios até chegar aos áudios que foram efetivamente selecionados.

Nessa busca ou construção do meu artesanato e o aguçar da escuta, observei que, durante as entrevistas, as primeiras feitas pelos entrevistadores também homens, Carlos Vogt e Peter Fry, a palavra, a importância e lugar de fala eram dados aos homens, em especial aos falantes da língua africana, a Cupópia, objeto principal dos pesquisadores. Dona Maria Aparecida Rosa de Aguiar, a Dona Cida, me chamou a atenção pelo seu protagonismo nas gravações. Neta de Dona Ifigênia Maria das Dores, a matriarca dessa comunidade, sobre quem me aprofundarei nos capítulos seguintes.

Na imagem abaixo do meu caderno de anotações, já me encontro num momento de escuta mais atenta e sensível das vozes-mulheres, corpos e sentimentos, e já atenta aos sons dos arredores. Vou, assim, ouvindo-as, buscando chegar aos áudios que seriam selecionados para estruturar em definitivo a construção da escrita da minha pesquisa.

Figura 4 - Apontamentos dos registros de escuta no caderno (p. 28)

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

³ *Cafombe*: como é chamado homem branco em Cupópia.

005(b) OTAVIO CA...

09(b)

RONA FIGUEIRA

CONTINUAÇÃO AUDIO 008

005(a) 30:4nd.

SEMENTE SOBRE A LÍNGUA

...ÇÕES DE PARENTESCO...

P. 005(a)

- CRIANÇAS BRINCAM AO REDOR DOS ENTREVISTADOS CONTAM, PARECEM FELIZES.
- MULHERES CONVERSAM, RIAM.
- PEDEM A BENÇÃO PARA OS MAIS VELHOS (O.C.)

TERÇO (ARROZ DOLE) TIPO DOS PERIGOS DOS ARREDORES

005(b) LÍNGUA

SARFONE(A)

CORIMA DO FOLE = DANÇAR

HISTÓRIA QUE A MÃE CONTAVA

INGÊNA

PESQUISADOR: SEU OTÁVIO O SENHOR LEMBRA ALGUMA HISTÓRIA?

OTÁVIO COTIANO: HISTÓRIA A GENTE SEMPRE LEMBRA. LONTA ASSIM JÁ POSITIVO, MAS SEMPRE A GENTE LEMBRA ALGUMA HISTÓRIA, QUE SUCEDE NÉ.

P: ALGUMA HISTÓRIA QUE SUA MÃE CONTAVA, ALGUMAS COISAS ASSIM, O SENHOR LEMBRA?

O.C: HUMM! EU VOU CONTAR UMA

P: ENTÃO CONTA.

O.C: É A MINHA MÃE TRABALHAVA DE FAZER PÃO NÉ, EU TINHA 11 ANOS MAIS OU MENOS E IA BUSCAR ELA.

P: ONDE QUE ELA TRABALHAVA?

O.C: TRABALHAVA AI NOS ALMEIDAS.

P: NA CASA DELES

O.C: ISSO É, DE FAZER PÃO, E TODO DIA IA BUSCAR ELA, ELA FAZIA A SEMANA INTEIRA NA

P: SEI

O.C. DAI QUANDO FOI LÓ UM DIA, NOIS VINHA

Na transcrição do áudio 009(b), já me deparo com o que buscava. Nessa etapa mais atenta aos sons e movimentos dos arredores e mais atenta às vozes-mulheres, tentei trazer o máximo de detalhes que poderiam ajudar a compor a história de vida dessas pessoas, entender melhor como era o cotidiano e interação entre os moradores da comunidade na voz de Dona Maria Aparecida Rosa Aguiar, a Dona Cida, uma voz constante em quase todos os áudios e entrevistas, sempre acompanhando os homens e ocupando espaços, seu lugar de fala. Atento-me em ouvi-la, mulher preta da terceira geração da matriarca Ifigênia que vive no cotidiano da comunidade e fora dela, que já morou fora em cidade grande como São Paulo, capital, trabalhando como empregada doméstica, vivência que justifica sua desenvoltura e participação constante nas entrevistas (Figura 5).

Onde outras mulheres entrevistadas aparentam mais retraimento, Dona Cida se destaca, parece entender a importância daquele momento da “descoberta da comunidade”, importância da língua africana falada na comunidade, e a necessária urgência de registrar as histórias não contadas, silenciadas e apagadas, em especial as das mulheres. Ela se faz presente. Essa escuta é a proposta primordial desta pesquisa, a busca das vozes dessas mulheres pretas nos documentos sonoros, as protagonistas, participantes, produtoras de saberes que foram relegados ao esquecimento.

Uma outra voz que me surpreendeu profundamente já nesse momento de uma escuta sensível foi a de Dona Benedita Pires Pedroso. Meu encontro com essa encantadora senhora nesse processo de escuta fez com que eu revisse a metodologia e, no vai e volta da revisão, no rearranjo dos meus arquivos, me deparo com essa voz mansa e sábia. Foi como se ela estivesse falando, ou melhor, ralhando comigo: – como você não me escuta? Trago mais uma vez aqui, para reforçar essa prosa de rearranjo dos meus arquivos de anotações, Mills (2009, p. 42);

No nível mais concreto, o rearranjo do arquivo, como já disse, é uma maneira de estimular a imaginação. Você simplesmente junta pastas até então separadas, misturando seus conteúdos, depois os reorganiza. Tente fazer isso mais ou menos relaxado. A frequência com que e a extensão em que você rearranja os arquivos dependerão, é claro, dos diferentes problemas e de quão bem eles estão se desenvolvendo. Mas a mecânica do procedimento é simples assim. Você terá em mente, é claro, os vários problemas em que está trabalhando ativamente, mas tentará também ser passivamente receptivo a conexões imprevistos e não planejadas.

Figura 5 - Registro da escuta em caderno do áudio 009(b) (p. 30)

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Mills (2009) vem explicar e me auxiliar nesse rearranjo, no refazer rotas, descosturar e costurar essa minha grande colcha de retalhos no meu artesanato intelectual, buscando realmente onde estavam essas Matriarcas, essas *Anguta* ancestrais, trazendo luz para uma pessoa que, até então, não estava em meu radar. E foi o que eu fiz, fui escutar e conhecer melhor Dona Benedita Pires Pedroso, a Dona Dita, e ela foi, generosamente, nesse prosear com os pesquisadores nas gravações, me contando tudo que precisava saber. Ela irá trazer informações ricas e detalhes da formação dessa comunidade.

A descoberta se deu na escuta do áudio 011(b) dos documentos sonoros. Diferentemente dos outros áudios que ouvi até então, essa entrevista foi feita por uma jovem mulher, Viviane, que parece ser uma estagiária que acompanhava os pesquisadores homens e que tinha com Dona Dita amigos em comum, estratégia, creio eu, usada pelos pesquisadores para colher mais detalhes do cotidiano e intimidade das mulheres da comunidade.

As prosas descontraídas dessa jovem pesquisadora, que parecia muito à vontade e jovialmente atrevida na casa de Dona Dita, em alguns momentos parecia deixar a matriarca injuriada com tantas perguntas, puxando tantos fios da memória da senhora, mas que iriam trazer informações, pistas importantes para a documentação das terras em litígio com os invasores. Isso fez com que os pesquisadores retomassem as perguntas dessas entrevistas outras vezes o que, por sua vez, viria a preencher muitas das lacunas da minha pesquisa.

As primeiras gravações com Dita Pires com a entrevistadora mulher no áudio citado acima, o 011(b), parece ter sido o gatilho para que os pesquisadores Carlos Vogt e Peter Fry também percebessem a mina que eram as memórias de Dona Dita, notadas pelas várias retomadas nas gravações com ela, até para confirmar tantas informações que trouxe, como podemos notar na imagem abaixo do meu caderno de anotações das minhas transcrições no áudio 029(b) em entrevista com Peter Fry.

Figura 6 - Registro da escuta em caderno do áudio 011(b) (p. 32)

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

BENEDITA PIRES PEDROSO.

1(b) DONA DITA PIRES (1882-1996)

(00.05.50)

DONA DITA MOSTRA AS FOTOS DOS FILHOS DE 'CRIAÇÃO' DOS PATRÕES

D. DITA: RODOLFO RAMOS DOS SANTOS E BENEDITO RAMOS DOS SANTOS, SÃO I AMÉOS

PESQUISADORA: E PORQUE A SENHORA GUARDOU AÍ? SÃO SEUS AMIGOS?

D.P.: SÃO DE CRIAÇÃO.

P.: MOSSO!!! DE QUANDO QUE A SENHORA CONHECEU?

D.P.: DE BRINCO

P.: A SENHORA AMAMENTOU?

D.P.: NÃO, EU CRIEI ELES.

P.: CRIOU OS DOIS?

D.P.: AJUDEI A MÃE CRIAR ELES. EU SOU SOLTEIRO.

P.: E SOLTEIRO (RISOS)

D.P.: É.

P.: NÃO QUIS CASAR?

D.D.: SILÊNCIO (SEM RESPOSTA)

P.: DONA BENEDITA, ESSES DOIS AQUI MORAVAM NA FAZENDA ONDE A SENHORA MORAVA?

D.D.P.: MORAVA.

P.: É O AMIGO, O TIO DA MINHA AMIGA, A SENHORA MOROU LÁ? JUNTO COM SEU MOACIR.

D.P.: MOROU SIM.

1855

P.: MAS DESDE CRIANÇA, OU SÓ TRABALHEI?

D.P.: TRABALHEI DE UMA IDADE EM DIANTE, E ESSES UM AQUI DESDE O NASCIMENTO, ESSES MOÇO AÍ.

P.: E FOI DE QUE FAZENDA ESSES DAI.

D.P.: MESMA FAZENDA QUE É AGORA DO TIO DO MOACIR, TIO DELES. OS AVÓ DELES. VENDERAM P/ O AVÓ DO MOACIR.

P.: COMO É QUE TIO ^{nome} AVÓ DO MOACIR?

D.P.: PEDRO PIRES DE MELO. É O AVÓ DEBES AÍ (FOTOS) TIO HONÓRIO DE AUMENTO BARROS.

P.: E ESSE HONÓRIO VENDU P/ O PEDRO

D.P.: É.

P.: E A SENHORA MOROU POR COM O HONÓRIO?

D.P.: É. DESPOIS QUE ELES FORAM EMBORA, FIQUEI TRABALHANDO PARA A FAMILIA DE NHO PEDRO. (VENDA DE PORTEIRO FECHADA) DE MELO.

D.P.: FIQUEI DE NASCIMENTO, TANTO ESSES DOIS MOÇOS AÍ (CONTINUA A MOSTRAR COM ORGULHO AS FOTOS DOS FILHOS (DE CRIAÇÃO)). AÍ QUI TEM MAIS DOIS MOÇOS AQUI. DEPOIS QUE ELES FORAM EMBORA (LEVANTA ARRASTANDO O CHINFRIO, PUXA ALGO EM BUSCA DAS FOTOS) BARRILHO DE MEXER MAS CAIXAS.

VOLTA ARRASTANDO DEBOLGAR AS CHINFRAS E MOSTRA AS FOTOGRAFIAS ENCONTRADAS

D.P.: ESSES SÃO OS SÍRIOS

P.: SÃO, O QUE?

D.P.: SÍRIOS

P.: É SÍRIO?

D.P.: É.

P.: COMO É O NOME DELE? / D.P.: JOEL FIADADO.

(A) 29 DITA
(B) 29 PIRES

29
DONA DITA PIRES

Esc
CITE
DITA PIRES
COM A VIVIANE
PESQUISADORA

RESOLUÇÃO

Dona Dita Pires, em suas memórias, nos faz revisitar e reconstituir um Quilombo de ontem vivido por ela na sua infância, com suas dores, amores e convívio familiar, que nos leva a colocá-la como uma das mais velhas da comunidade, mais próxima no convívio com Dona Ifigênia Maria das Dores, a Matriarca da família dos Almeida Caetanos que, pela resistência e a perseverança de uma mulher preta, foi responsável pela existência do *Tury Vimba* de hoje. Assim, podemos concluir, hoje, que o Quilombo Cafundó não ficou no passado, ele vive e resiste.

Na escuta sensível das gravações, os assuntos permeiam o cotidiano da comunidade e seus conflitos pela retomada das terras invadidas. A influência religiosa, a espiritualidade, é algo que atravessa a todos dentro desse espaço, é o sagrado, numa cruzada entre o medo e proteção. Nas narrativas, podemos notar também que são elas, as mulheres, a deixarem a comunidade em busca do necessário para a sobreviver, já que não havia mais terras suficientes para o plantio e sustento de todos, partindo para as cidades próximas em busca de trabalho como domésticas ou cozinheiras, garantindo, assim, a subsistência necessária para si e para os que ficaram na comunidade.

Dentro dessa perspectiva, busco com minha pesquisa diminuir ou, quiçá, desconstruir esse apagamento dessas sujeitas históricas. Trago na escrita a vivência dessas mulheres, a *escrevivência*, termo cunhado por Conceição Evaristo e que, segundo ela, traz a junção das palavras “escrever” e “vivência”, como explica numa transmissão *online* de 2022: “A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade.” (EVARISTO, 2022)⁴

Corroborando com Evaristo, numa perspectiva de descolonização do conhecimento e um olhar para epistemes outras além das hegemônicas, Adilbênia Freire Machado (2020, p. 30) nos propõe:

(...) pensar a filosofia africana, em terras brasileiras, implicando-se com a descolonização do conhecimento e com uma perspectiva antissexista, desde os saberes ancestrais femininos que encantam o pensamento africano e de sua diáspora. Saberes tecidos, fundamentalmente, por mulheres negras que bordam suas experiências coletivas, irmanadas, ancestrais e encantadas, desde compartilhadas de seus dons, suas vivências, experiências e saberes.

Figura 7 - Registro da escuta em caderno do áudio 029(b) (p. 33)

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

⁴ Para ver a *live* com Conceição Evaristo na íntegra, acesse: HERMÍNIO, Beatriz. A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>. Acesso em: 20 out. 2023.

29 B

MATAVAM DE SURRA.

QUEM ERAM ESSE SENHOR DONA DITA?

XIII, NEM ME LEMBRO, LEMBRO DELES CONTAVAM FALAREM, MEUS AVÓ CONTAVAM. NA RUA ELE PEGAVA ANIMAL, QUE TINHA CAVALO BOM E SAIA ESSA PASSAR O SERVIÇO, SE TAVA DE ACORDO E SE NÃO TAVA COM A GUAÇA DO (...) ELE SURRAVA ELES TRABALHANDO. QUE HORROR NÃO?

MAS O SENHOR DA SUA AVÓ NÃO ERA ASSIM? MAS CASTIGAVA?

CASTIGAVA.

NA SURRA?

MAO A MINHA AVÓ, MEU AVÓ NUNCA APANHOU, MEU AVÓ FOI UM DIA PELO ERRO QUE ELE FEZ, ELE "DESCOBIENTE" ELES MANDAVAM TAR COISAS ANSIM ANSIM E PRO FATE, ELE APANHOU DO SENHOR DEVE UM PÉ DO OUIRO. E PUNHO ELE DE CASTIGO. FOI SÓ, MAS APANHOU COMO OS OUTRO APANHAVA NÃO.

COMO QUE É, APANHOU PEDE OUIRO, DO QUE? DAVA TAPA.

MAS A ÚLTIMA VEZ QUE ESTIVEMOS AQUI DONA DITA A SENHORA FALOU QUE SUA MÃE ANTES DE CASAR, TRÔUXE ESSES DOIS FILHOS, DOIS IRMÃO NATURAL, IRMÃO JOZUM ERA UM. ISSO FOI ANTES DA ABOLIÇÃO?

SENHOR?

ISSO FOI ANTES DO...?

DA LIBERDADE, FOI ANTES. (FALA COM ALGUMAS CRIANÇAS QUE PEDE ALGO) - O QUE É QUE CÊ QUÊ? LEVAVAM APANHANDO A CHINELA E PERGUNTO: - QUEM MAIS DOUTOR EN DESCOÇO? NÃO É OBRIGADO.

QUE ALIQUER CHUPA

NÃO, NÃO EU NÃO QUERO NÃO.

-VOCÊS TÃO AMOLANDO - FALS COM A CÇA EME MEIO PEDIR ALGO (PARECE ABRIA ALGO UMO LTA TALUEZ, BORULHO DE FEIJOES).

INGRATO.

INGRATO INGRATO POR QUE?

POR QUE TANTO TEM O REGALO, COMO TEM O SOFRIMENTO NÃO

ISSO SIM, MAS UMO CORA QUE QUERIA SABER DO SENHORA, NÃO SEI SE VAI SE LEMBRAR? QUANDO A SUA MÃE, TEVE ESSES DOIS FILHO COM O JOZUM LEME, ELE ERA DONO DELA ENTÃO?

ERA SINHO

ERA SENHORA DELA ENTÃO

AGORA A SENHORA ACHA QUE ELA FOI FORÇADA? ELA FALOU?

NUNCA. PRO MIM ELA NÃO FALOU. QUE ELA ERA NOME

NOVISSIMO

MAS ISSO O MOTIVO, NUNCA ELA CONTOU. EU LEMBRO QUE ELES CONVERSAVAM, (...) MAS ELES NÃO DEIXAVAM

A GENTE FICAR PERTO. QUANDO ELES VINHAM CONVERSAR NEM PERTO FICAVAM, NÃO DEIXAVAM. SEI DIZER QUE ELA ERA NOME. (QUE TINHA PAI E MÃE) QUE A DONA LÁ TINHA UM MEDO QUE ELA MORRESSE PRO JE A CRIANÇA.

POR SER MOVA MÊ, E AGORA, MAS AGORA O SENHOR SABE QUE TEM UMO MENINA (QUE) 12 ANO TEVE UMO CRIANÇA. MAS UMO MENINO BONITO.

ONDE DONA BENEDITA?

MORAVAM ALI PRO LADO DO CASA DO (...) AGORA MURAVAM PRO SULTO.

Concluimos que, nas vozes dessas mulheres ou *Anguta* da comunidade do Quilombo Cafundó, ou melhor, desse Quilombo Mulher, se faz presente a história da formação do território de pertença e saberes ancestrais de toda uma coletividade, o que nos leva a pensar ser esse um território de aprender, descolonizar e encantar com nossa ancestralidade africana. Nesse contexto, Machado (2020, p. 36) nos convida a esse encantamento:

O encantamento por nossa ancestralidade africana nos leva a seguirmos numa luta engajada por nosso direito à vida, à existência em sua totalidade. Desse modo, é necessário não perdermos de vista a construção da consciência política, social, cultural, amorosa, estética, filosófica, de pertencimento, também para a construção de uma sociedade democrática, onde o bem-viver marque nossas existências, nos permitindo viver plenamente nossa cidadania e assim o respeito às diferenças aparece como primordial. Portanto, compreendemos que a descolonização perpassa a escuta sensível, a percepção do todo, o cuidado a cada segundo com o que o colonizador (e o patriarcado construído por eles) e o racismo entranhado em nosso modo de ser e estar no mundo.

Estamos em pleno século XXI, ano 2023, marco de duas décadas da criação da Lei 10.639/2003⁵, sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira, a primeira lei sancionada no primeiro governo de Luís Inácio Lula da Silva, algo para comemorar. Mas, infelizmente, ainda se busca por sua concretização, sua efetividade nas escolas e universidades com qualidade e propriedade no assunto. Quando sua aplicação acontece, é de forma rasa, pelas beiradas e frestas dos currículos escolares, o que nos faz considerar que ainda temos um longo caminho a seguir nessa incansável luta diária para a construção de uma educação antirracista, uma educação inclusiva e descolonizada.

E é nessa toada que busco contribuir para uma releitura da história e cultura africana e afro-brasileira, através desse diálogo com as filosofias presentes na sabedoria ancestral, nas memórias das que vieram antes, suas experiências vividas e transmitidas nesse território de aprender esse Quilombo Mulher do Cafundó.

Ainda em diálogo com Machado (2020) sobre a importância da escrita das nossas vivências para a produção de novas epistemes, ou seja, ao fortalecer nossa pertença ancestral africana, valorizando saberes dos que vieram antes, também nos fortalecemos hoje:

⁵ Em 2003 entrou em vigor a Lei 10.639, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira no ensino fundamental e médio. Cinco anos mais tarde, a Lei 11.645/08 instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena.

Assim, afirma-se que reconhecer nosso pertencimento negro africano fortalece, potencializa e multiplica os sentidos de nossa existência em toda sua potência, atingindo outras pessoas, sabendo que a “luta contra o racismo e as desigualdades raciais, assim como a afirmação da identidade negra são processos complexos, desafiadores e que precisam ser desenvolvidos de forma enfática, persistente e contundente” (GOMES, 2018, p. 113). Por isso, é fundante existirmos em nossas pesquisas, falarmos desde nós mesmas, desde nossas experiências, fragilidades, dúvidas, curiosidades, lutas, conquistas, pois o racismo, a colonialidade afeta profundamente nossas subjetividades, desde o ser-tão que nos tece. A afirmação de si é afirmação de todas as nossas ancestrais... de quem já veio, de quem aqui está e de quem virá. Afinal, nossos passos vêm de longe... (MACHADO, 2020, p. 36)

O reconhecimento desse meu pertencimento negro africano, que tão bem Adilbênia Freire Machado traz, significa exatamente essa reconexão com minha ancestralidade que registro na introdução dessa escrita de nós pretos. Como ela nos lembra, é fundante existirmos em nossas pesquisas para, assim, nos tornarmos mais uma ferramenta nessa construção afrorrefenciada que nos potencialize para a luta antirracista, que é uma constante ainda hoje. Onde forças opressoras nos rodeiam para tentar que o racismo continue a existir entre nós, sejamos potências fortalecidas nas nossas escrituras.

No capítulo que segue, apresento esse Quilombo Mulher, sua genealogia e como ele foi se constituindo em um território de liberdade, trazendo como protagonistas desse pertencimento em *Turi Vimba*, Terra de Preto(as), as vozes das *Anguta* e suas vivências.

3 QUILOMBO CAFUNDÓ: UM QUILOMBO MULHER

A comunidade Quilombo Cafundó, localizada no Município de Salto de Pirapora - SP, originou-se na doação de terras por parte dos seus ex-senhores no final do século XIX, prática atrelada à promessa de alforria em troca da lealdade de seus escravizados. Cientes de que a abolição da escravidão era algo próximo e certo, essa era uma das formas de tornar a comunidade dependente e controlada em relação a possíveis rebeliões ou fugas.

Havia, por parte dos senhores, o incentivo na formação de grupos familiares, que parece apontar para a permanência do grupo com estabilidade de parentesco, tanto no Quilombo Cafundó como no extinto Quilombo do Caxambu, o que era considerado raro em situações de escravidão no Brasil. Segundo dados colhidos por Vogt e Fry (2013, p. 91), essa estabilidade de parentesco era uma prática comum na região de Sorocaba, havendo registros de que também acontecia em outras regiões do interior de São Paulo:

No mínimo os dados são coerentes com a hipótese de um grupo substancial de médios e grandes senhores de escravos possa ter seguido uma política de domínio centrada na tentativa de encorajar a formação de famílias entre seus escravos, visando torná-los mais dependentes (...) em suma trata-se de uma prática específica de domínio que teria emergido de um embate entre escravos e senhores numa determinada época e região.

Quanto a esta estabilidade familiar, Slenes e Faria (1998, p. 2) também confirmam que foi uma prática constante nas regiões rurais do oeste paulista no século XIX:

Esses estudos mostram uma altíssima razão de masculinidade entre os escravos ao longo do século, junto com altas taxas de casamento formal, feito na Igreja, entre homens e mulheres, em propriedades com 10 ou mais cativos (nas quais estava a maioria dos escravos). Indicam também, para essas propriedades, uma estabilidade impressionante (no contexto da historiografia sobre o assunto) nas famílias conjugais constituídas (isto é, entre cônjuges e na convivência entre pais e filhos menores de 10 anos). Em suma, nas propriedades maiores, a experiência de viver numa família conjugal estável era a norma para a grande maioria de mulheres e crianças escravas. Além disso, em propriedades “maduras”, com muitos anos de funcionamento, essa estabilidade se traduzia na existência de muitas famílias extensas, contando com a presença de três gerações e a convivência entre irmãos adultos e seus respectivos filhos.

Seguindo as pistas deixadas em documentos e baseadas em depoimentos dos mais velhos sobre a doação das terras para os ex-escravizados do Quilombo Caxambu, e unidade dos grupos, é fato que essas duas comunidades se relacionaram e se casaram entre si. Como indicam os pesquisadores acima, a doação das terras acontece de forma semelhante para o Quilombo do Cafundó, onde esses grupos de escravizados divididos entre seus senhores, também parentes, recebiam os escravizados como herança, passados

de pai para filhos, o que caracteriza essa proximidade dos dois grupos, Caxambu e Cafundó. Isso explica a linearidade do grupo familiar e a permanência juntos, por tempo precedente à abolição. Algo considerado raro, afinal famílias de escravizados estruturadas parecia algo improvável, num contexto histórico de nação escravocrata.

Nessa linearidade, construíram formas de solidariedades significativas, para além do parentesco, ressignificando e fortalecendo (re)existências. Apresento, a seguir, a genealogia do Cafundó e do extinto Caxambu (Figura 8), onde podemos perceber a união pelo casamento entre os dois quilombos e formação das duas parentelas que atualmente constituem o Quilombo Cafundó: a dos Almeida Caetano e a dos Pires Pedroso. É pela perspectiva de construção genealógica linear do grupo, que prefiro chamar de linha matrilinear das *Anguta* desse Quilombo Mulher, que busco o protagonismo das mulheres pretas e quilombolas que irão ressignificar o território de terras doadas pelo escravocrata, o “*Turi Vimba*”, a Terra de Negros(as), espaço de liberdade, de encontros, amores, conflitos, negócios, colaboração e acolhida aos que lá se achegavam.

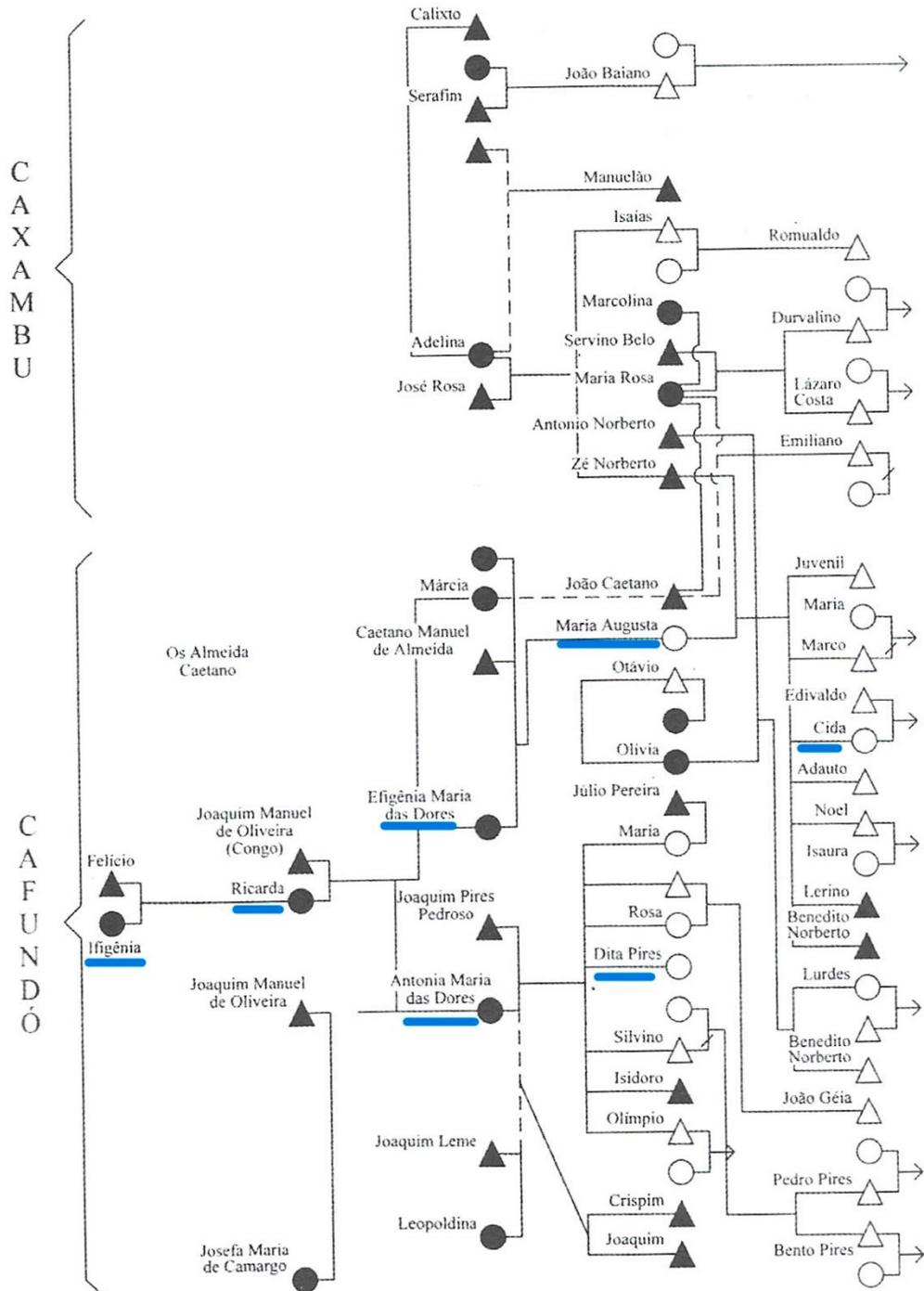
Nos documentos sonoros selecionados, predominam narrativas das descendentes e contemporâneas de Dona Ifigênia Maria Das Dores: Dona Maria Aparecida Rosa de Aguiar, a dona Cida, neta de Dona Ifigênia Maria das Dores; Dona Maria Augusta, filha de Dona Ifigênia e mãe de dona Cida; e Dona Benedita Pires Pedroso, sobrinha de Dona Ifigênia, filha da irmã dessa, Antonia Maria das Dores que, escravizada ainda menina, cresceu fora da comunidade, para só retornar com a abolição; Antonia Maria das Dores, uma das herdeiras das terras doadas e matriarca da parentela Pires Pedroso.

Os arquivos e documentação do testamentário encontrados em cartórios por Vogt e Fry (2013, p. 62) deixam evidentes o que caracteriza o Cafundó hoje como comunidade/parentela que tem uma história que antecede a abolição em 1888, a doação de terra e a fixação do grupo no local atual. O que nos leva para essa linha que poderíamos chamar de matrilinear, sendo as terras doadas para as mulheres dessas famílias, mães pretas que provavelmente ainda traziam vivas memórias de um passado em terras ancestrais na África, quando passaram a ser propriedade desses antigos senhores. Como amas de leite, educavam seus filhos e os filhos do seu senhor adaptando-os ao “pretoguês”, pois eram elas essas mães pretas que deixam a marca da africanização do português falado no Brasil, trazendo aqui Lélia Gonzalez que nos explica:

Figura 8 - Genealogia de Caxambu e Cafundó

APÊNDICE 2

MAPA GENEALÓGICO: CAXAMBU E CAFUNDÓ



Fonte: VOGT; FRY, 2013, p. 333.

Ou seja, aquilo que chamo de “pretoguês” e que nada mais é do que a marca da africanização do português falado no Brasil (nunca esquecendo que o colonizador chamava os escravos africanos de “pretos”, e de “crioulos” os nascidos no Brasil) (GONZALES, 2020, p. 128-129).

Nesse sentido, Ifigênia Maria das Dores pode ser considerada a Matriarca dos Caetanos, nascida livre e criada onde hoje é o Cafundó, segundo relatos orais do seu filho Otávio Caetano. Quando questionado sobre seu nascimento, ele também acrescenta:

P: Você sempre viveu aqui?

O.C: Nasci e me criei aqui, minha mãe nasceu e se criou aqui. (...) (DEPOIMENTOS... 1978, 001(a)).

Ifigênia Maria das Dores herda o nome de sua avó Ifigênia, nome da Santa dos Pretos, bisneta de Florinda que, segundo os pesquisadores, é localizada nos registros de unidade doméstica da parentela de seus senhores escravocratas no ano de 1803 (VOGT; FRY, 2013, p. 69). A doação das terras do Quilombo do Cafundó foi feita para dona Ricarda, filha de Dona Ifigênia e neta de Dona Florinda, e teve como beneficiárias suas filhas, Antônia Maria das Dores e Ifigênia Maria das Dores. Como registram Vogt e Fry (2013, p. 51) em entrevista com Dita Pires Pedroso, filha de Antônia:

A doação do Cafundó não foi feita diretamente nem à sua mãe, nem à sua tia. Segundo ela, foi sua avó Ricarda, mãe de Ifigênia e Antônia, que recebeu de Joaquim Manoel de Oliveira um pedaço de terra no bairro do Faxinal: “Quando chegou a liberdade, que deram a liberdade para eles saírem, eles ficaram meio triste, muito nervoso, deles saírem e não tinham nada. Sair só pra voltar, daí eles deram um pedaço de terra para eles que é aqui” (25/06/1978). Mais tarde, Dita Pires se corrige, afirmando que o Cafundó foi o resultado de uma troca de terras entre sua avó, Ricarda, e um tal de Rafael Teixeira, casado com Maria de Almeida: “Era lá, e daí quando ele {Rafael Teixeira} casou e pegou a parte da mulher e comprou tudo lá, aquele Faxinal. E aí ele breganhou com meu avô. Ele pegou de lá e deu aqui” (1 /4/1980).

Pode-se deduzir pelo depoimento acima de Dona Dita Pires Pedroso, sobrinha de Dona Ifigênia, filha de Antonia Maria das Dores, que a troca das terras doadas foi escolha dos herdeiros da comunidade, o que nos leva a crer que buscaram uma certa proximidade com seus vizinhos e parentes do Caxambu, já que o que os separava era o Rio Sarapuí. Pode-se inferir que, espertamente, o avô Joaquim Manuel de Oliveira Congo, marido de dona Ricarda, buscava também, com a troca de terras, mais autonomia e independência se mantendo longe das terras e domínios do seu ex-senhor, fundando um território realmente de liberdade. Caxambu e Cafundó, dessa forma, seguem unidos por casamentos entre si e um vínculo anterior à doação das terras e à fixação do grupo no atual local. Vínculo que só irá se dispersar e fragilizar com as tomadas das terras do Caxambu e

expulsão, por parte dos fazendeiros, dos antigos moradores e verdadeiros donos das terras. Parte dos Caxambuenses migraram para o Cafundó e outros se espalham por várias cidades da região, extinguindo, assim, o Quilombo Caxambu por volta da década de 1960.

Dona Benedita Pires Pedroso descreve a troca de terras e a expertise de seu avô Joaquim Congo no trato e combinações de acordos com seus vizinhos fazendeiros e, mais uma vez, afirma com convicção para quem realmente as terras foram doadas, como nos indica em depoimento abaixo:

Peter Fry: Mas essa terra aqui era maior não é Dona Dita. Essas que vocês moram aqui?

Dita Pires: Esta área, é. Ela tinha uma vortinha ali mais por cima um pouco. Mas quando seu Honório de Almeida fez a plantação aqui, ele combino com meu avô, pegou aquela vorta do banhado aqui e embicô aqui naquela cerca. Mas combinância do meu avô com seu Honório, eles que mandavam, nós tudo era criança. Eles que faziam e desfaziam.

Peter Fry: Mas a senhora disse quando estivemos aqui, que sua mãe pegou essa terra aqui. Quem que deu pra ela?

Dita Pires: Não era da minha mãe. Era da minha avó, Ricarda.

Peter Fry: E quem que deu pra ela então?

Dita Pires: o sinhô dela (...) do tempo da liberdade.

(DEPOIMENTOS... 1980, 29(a)).

Hoje a comunidade do Cafundó é reconhecida como remanescente de quilombo, de acordo com o previsto no artigo n. 68 do Ato das Disposições Transitórias, da Constituição de 1988, onde se pode ler: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). O termo “remanescentes de quilombo” veio da necessidade de redimensionar o próprio conceito de quilombo que, até então, era configurado como algo de um passado distante, de escravos em fugas e resistências no tempo de um Brasil colonial, caracterizando o que permeia no imaginário popular até então.

Corroboro com os pesquisadores Vogt e Fry (2013), responsáveis pela “descoberta” dessa comunidade em 1978, até então invisível para o Estado, quando colocam esse alargamento do conceito quilombo de uma maneira mais inclusiva, trazendo a definição de Joel Rufino Santos:

Os grandes quilombos praticavam a posse útil da terra, a policultura e o respeito ao ecossistema. No plano político, funcionavam como cidades-Estados obedientes à fórmula tradicional africana de poder-travar-poder. No que respeita às interações culturais, foram modelos de convivência e democracia racial se não forçar um pouco a mão aplicar ao passado expressões de hoje. [...] Podemos partir de uma definição larga e elementar: seriam os aglomerados rurais de produtores livres, com maioria de negros, instalados há cem anos ou mais, por ocupação

espontânea ou doação senhorial. (Negro aí não é raça, nem cor. É a pessoa que vê e é vista como negra, preta, crioula, morena etc. O tema é complexo.) (SANTOS apud VOGT; FRY, 2013, p. 304).

A historiadora Beatriz Nascimento apresenta no documentário *Ôrí* (1989), dirigido por Raquel Gerber, o conceito aquilombar que, de maneira geral, representa a busca pelas forças dos antepassados e das experiências dos quilombos, enquanto espaço de resistência ao sistema escravocrata, criando possibilidades outras de organização sociopolítica. Beatriz Nascimento (ORI, 1989) acredita no surgimento do quilombo como recentralizador do negro em terras estranhas, em meio a outros povos, reacendendo a esperança na liberdade e na reconstituição de suas forças ancestrais. É o homem dizendo que não quer ser propriedade de outro homem, que tem direito a seu espaço próprio, do livre viver. Sobre os quilombos brasileiros, a historiadora diz:

Quilombo surge do fato histórico que é a fuga, o ato primeiro de um homem que não se reconhece como propriedade de outro homem. Daí a importância da migração, da busca do território do pertencimento ancestral. Nesse momento se estabelece na floresta tropical do nordeste do Brasil, depois em quase todo o Brasil, em especial Minas e Bahia, e somente no século XIX em São Paulo. (ORI, 1989, transcrição do documentário).

O ato primeiro da fuga era, assim, a busca pelo pertencimento em novo e estranho território, sendo o objetivo primordial dos sequestrados de suas terras em África, dos sobreviventes da longa viagem transatlântica, o livre viver. Era urgente a necessidade dos escravizados de alcançar a liberdade, a dignidade e o sonho em se reorganizar para a construção de uma nova sociedade – a recriação adaptada de sua terra de origem. Ratts (2006, p. 68) enfatiza a importância dessa ligação do povo africano com a terra nesse deslocamento para Beatriz Nascimento:

As mulheres e os homens africanos viveram uma travessia de separação da “terra de origem”, a África. Nas Américas, passaram por outros deslocamentos como a fuga para os quilombos e a migração do campo para a cidade ou para os grandes centros urbanos. Para Beatriz Nascimento, o principal documento dessas travessias, forçadas ou não, é o corpo. Não somente o corpo como aparência – cor da pele, textura do cabelo, feições do rosto – pelas quais negras e negros são identificados e discriminados.

Beatriz Nascimento traz a relação entre quilombo africano e brasileiro, recriação da África em terras distantes e na diáspora, em constante deslocamento, onde se percebe o protagonismo da mulher dentro da visão de mundo africano, que valoriza o feminino e tem como princípio a ligação com o cosmo e a reposição da energia buscada na natureza.

É ela, a mulher, quem faz as oferendas e, no contexto colonial, onde uma das formas de resistência negra era a fuga, as oferendas nas matas ganhavam outra intencionalidade: alimentar aqueles que estavam em busca da liberdade e de um outro lugar para si. A autora ressalta o que ainda vemos hoje, a questão da luta pelo território, pelo pertencimento, pois é a eterna busca da identidade, destruída em todo processo de colonização e que perpassa nosso cotidiano na forma do racismo estrutural.

Em “Eu sou Atlântica” (RATTS, 2006), Beatriz Nascimento busca demonstrar em suas pesquisas que a busca pela liberdade do povo negro é contínua nesse processo de quilombamento como forma de (re)existir ao sistema de opressão. Ela nos diz: “Cientificamente falando, pretendemos demonstrar que os homens e seus grupamentos, que formaram no passado o que se convencionou chamar ‘quilombos’, ainda podem e procuram fazê-los”. (RATTS, 2006, p. 57).

Como vimos anteriormente, o Quilombo Cafundó tem origem numa doação senhorial para Dona Ricarda, mãe de Dona Ifigênia Maria das Dores, avó de Dona Dita Pires. Se antes esse grupo localizado na zona rural do município de Salto de Pirapora era conhecido como um bairro de pobres e destituídos de qualquer infraestrutura ou cuidados por parte do Estado, a partir dessa “descoberta”, como pesquisadores e mídia nomearam, o Quilombo do Cafundó passou a ter um sentido, pois o que os diferenciava de forma especial era a língua falada pelos moradores do quilombo, reconhecida pelos pesquisadores através dos vocábulos africanos do tronco linguístico banto, como o kimbundu e Umbundu – a Cupópia ou Falange – um patrimônio cultural e importante elemento de interação social do grupo dentro e fora da comunidade. Vogt e Fry (2013, p. 294-295) escrevem sobre a importância dessa descoberta:

A “língua africana” do Cafundó, cujo uso embora ritual, não tem calendário, constitui [...], um emblema da riqueza cultural de sua gente, mas também o estigma de sua pobreza e de sua cor. A língua vela e desvela, é um segredo que se conta a si mesmo e que se esforça para manter-se na sua simplicidade e estranheza. É o tesouro intangível da sobrevivência da comunidade enquanto tal [...] desse modo o Cafundó, comunidade negra, bairro rural do Município de Salto de Pirapora, não pertence mais à sua própria geografia. Por meio da imprensa, da televisão, dos artigos e teses acadêmicas, dos congressos dos movimentos políticos, das organizações não governamentais, atualmente, por meio da Internet, o Cafundó consolidou-se como “cidadão do mundo”.

Esse lugar de “cidadão do mundo” aconteceu em 2012, quando o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) regulamentou o termo de concessão para a comunidade do Cafundó onde mais da metade das terras que foram invadidas passaram

a ser de uso coletivo, não podendo mais ser vendidas, garantindo que passarão de geração em geração.

4 DONA IFIGÊNIA MARIA DAS DORES E DONA: BAOBÁ DO TURI VIMBA

Seguindo as narrativas em registros de documentos sonoros dos descendentes de Dona Ifigênia Maria das Dores, buscamos compreender as conexões plausíveis que evidenciem essa mulher líder e visionária, que enfrentou a opressão e cobiça dos fazendeiros que insistiam em invadir suas terras, dessa mãe solo, viúva, que buscava o sustento dentro e fora da comunidade, a avó e madrinha de todos, que se apegava na fé em seus Santos ou Orixás, a parteira que ajudava a trazer à vida os novos descendentes da comunidade. Tudo isso dentro de uma problemática racial que permeia, ainda hoje, a formação do Brasil como nação que relega aos povos de origem africana os lugares sociais marginalizados, onde a luta para (re)existir se compõe em verdadeiros campos de conflitos diários pelo espaço de pertencer.

Otávio Caetano, o filho mais velho dessa matriarca, traz em um de seus causos fantasiosos – ou não, pois tudo no imaginário do povo rural é real – uma das lembranças de um tempo, ainda menino, que demonstra esse espírito de cuidado de uns para com os outros, onde a coletividade e união eram estratégias de sobrevivência. Em depoimentos de 1978, ele nos relata um acontecimento sobrenatural ou fruto do medo nas estradas sem iluminação à noite, mas que, também, nos mostra como era a rotina de trabalho de Dona Ifigênia, o trabalhar fora, cuidar da terra e dos filhos, uma constante na vida da mulher preta ontem e hoje:

Pesquisador: Seu Otávio, o senhor lembra de alguma história?

Otávio Caetano: História a gente sempre lembra. Conta assim já positivo, mas a gente sempre lembra alguma história que sucede né.

Pesquisador: Alguma história que sua mãe contava, alguma coisa assim, o senhor lembra?

Otávio Caetano: Hummm. Eu vou contar uma!

Pesquisador: Então conta.

O.C.: É a minha mãe trabalhava de fazer pão né, eu tinha 11 anos mais ou menos e ia buscar ela.

P.: Onde que ela trabalhava?

O.C.: Trabalhava aí nos Almeida.

P.: Na casa deles?

O.C.: Isso é, de fazer pão, e todo dia ia buscar ela. Ela fazia a semana inteira né.

P.: Sei.

O.C.: Daí quando foi lá um dia, nós vinha vindo, que sempre tinha confusão né. Vinha vindo quando chegou numa artura lá, aqui existia lobo compreende? Lobo desses graúdos, desses guará né. E nós vinha vindo com ela, era umas 11 horas da noite. Quando foi de apar de uma capelinha véia aí, capelinha aí perto (antiga capelinha perto da estrada que foi derrubada pelos invasores). De repente escuitemos aquele rincho igual de um animal, um potrinho, uma criação né. Ela disse: - Olha o lobo aí! E pegava a gente mesmo. Ela saiu correndo e latino que nem cachorro pá podê livrar nós. E eu enxergava o bichão que passava de apar

galopeando assim. Deu duro pá nós chegar aqui. Ele vinha cercano até uma artura. Quando nós chegemo aqui eu disse: - Mãe, amanhã eu vou? Ela disse: - Não, amanhã você não vai sozinho porque é perigoso vim pegá nós aqui no lugar, no lugar que ele apurou. Aí todo dia vinha um, trazer, vinha com um cachorro pá trazer nós. Que aqui tinha onça. (DEPOIMENTOS...1978, 005(b)).

A avó, Dona Ifigênia Maria das Dores, contava aos netos histórias do avô africano Joaquim Congo mantendo, assim, a tradição oral, construindo memórias e fortalecendo o vínculo de toda a comunidade com a terra ancestral África de onde muitos dos seus foram sequestrados e escravizados, como o Vô Congo, uma criança de mais ou menos 12 anos de idade. Segundo Vogt e Fry, em documentos de matrícula do fogo, onde se registravam as unidades domésticas, constava como propriedade do escravocrata:

A primeira menção que se faz de Joaquim Congo vem provavelmente no Rol eclesiástico de 1940, em que aparece um escravo chamado Joaquim com 12 anos de idade, na unidade doméstica de Joaquim Manoel de Oliveira. Essa idade é coerente com a de Joaquim Africano (45 anos) da matrícula de 1972. Quando perguntamos a dona Dita com que idade Joaquim Congo desembarcou no Brasil, ela responde sem hesitação, que foi com 12 anos. Aparentemente, o Rol de 1840 o registra pouco depois de sua chegada. (VOGT; FRY, 2013, p. 69).

É corrente essa fala entre todos os descendentes de Joaquim: sobreviveu passando meses dentro de um navio na travessia do Atlântico. Dizia que ele mesmo contava o tempo passado no navio pelo plantio e colheita, porque quando foi tirado de sua terra natal estavam plantando e quando aqui chegou já estavam colhendo.

Como narrado em depoimento de Cida juntamente com sua mãe Dona Maria Augusta, a filha caçula da Matriarca Ifigênia, nos áudios Cf(k) 002(b) do Projeto Cafundó fala com carinho sobre esse ancestral africano:

Cida: A vovó contava muita coisa.

Pesquisador: Contava é?

C: Contava.

C: Quando eu era pequena, eu andava com ela, nós ia buscar lenha, ia para a roça, ia pescar. Ela ia contando pra nós né.

P: Contava das coisas que ele fazia quando estava na África?

C: É, contava assim, quando tinha chegado, dos antigo né.

Maria Augusta (filha de Vó Ifigênia): Ele contava que saiu da África e casou pra cá.

P: Então ele saiu da África moço?

M.A: É.

(DEPOIMENTOS... 1978, 002(b)).

É a Matriarca Ifigênia que ensina sua neta Maria Aparecida de Almeida Aguiar, a Cida, como carinhosamente era chamada por todos, a lenhar, a plantar e pescar, um tempo em que as crianças aprendiam junto, fazendo junto, observando os mais velhos.

4.1 A HISTÓRIA DE VIDA

Com a inexistência de fotos de Dona Ifigênia, as imagens abaixo são a memória que os mais velhos trazem dela e passam de geração em geração, uma mulher preta, magra, alta e forte que sempre carregava um lenço na cabeça e usava saia ou o que seria um pano amarrado na cintura.

Figura 9 - Imagem de Dona Ifigênia Maria das Dores criada a partir da memória coletiva dos descendentes



Fonte: PIRES, [2006].

Mulher preta quilombola, sujeita política nessa travessia pela (re)existência e luta pela terra, que enfrentou com fé e coragem as desigualdades produzidas por uma sociedade que historicamente subjuga e extermina corpos pobres e negros, em especial a mulher negra, essa Baobá Ifigênia Maria das Dores permanece viva no imaginário da comunidade, ressignificando o território como terra sagrada e de resistência ancestral. Descrita por seus descendentes como uma mulher preta alta, Dona Ifigênia Maria das Dores tinha a altivez das muitas mulheres dignas da realeza que por aqui forçosamente aportaram, sequestradas de sua terra natal África, que com sabedoria e sutileza,

características de uma líder natural, estabeleceu mediação entre convivência e resistência, criando estratégias de sobrevivência em meio à opressão.

Essa mulher preta, nascida, criada em território sonhado para ser de liberdade, estreitou os vínculos com o quilombo vizinho pelo casamento, como nos relata Dona Dita Pires em documentos sonoros, nas entrevistas a Carlos Vogt e Peter Fry em Salto de Pirapora, em agosto, setembro e outubro de 1980, e fevereiro e outubro de 1984, sobre o modo de vida e costumes da comunidade:

Carlos Vogt: E dona Ifigênia teve filhos antes do casar ou não?

Dita Pires: Não. Ela casou, depois de casada que ela teve filhos.

Carlos Vogt: E Ifigênia era filha de quem então?

Dita Pires: Ifigênia era filha de Ricarda.

Carlos Vogt: Com pai diferente?

Dita Pires: Não. O mesmo.

Carlos Vogt: Ela vem depois de Serafim? Quando é que ela vem?

Dita Pires: Era a mais nova.

Carlos Vogt: Ela foi caçula?

Dita Pires: É. Ifigênia é a caçula.

Carlos Vogt: E Ifigênia casou onde?

Dita Pires: Casô aqui mesmo, Pilar do Sur. Nós morava aqui mesmo. Nesse tempo não tinha Salto de Pirapora ainda. Era só Pilar do Sur e Sarapuí. Batizado e casamento.

(DEPOIMENTOS... 1980; 1984, 021(b)).

Aliança pelo casamento entre os dois quilombos Cafundó e Caxambu. Dona Ifigênia Maria das Dores mantêm o vínculo de parentesco com o Quilombo vizinho, casando-se com Caetano Manoel de Almeida, que provém do grupo dos herdeiros das terras doados aos ex-escravizados do Caxambu, aliança que irá continuar com sua filha caçula Dona Maria Augusta, que também se casa com um Caxambuense, José Norberto. A Matriarca Dona Ifigênia dos Caetanos, a filha caçula do casal Joaquim Congo e Dona Ricarda, traz a força da africanidade de Joaquim de “nação africana”, como eram designados os recém-chegados ao Brasil pela sua procedência, local onde foram sequestrados e embarcados nos navios tumbeiros. Como marca de propriedade do seu senhor, Congo irá receber o nome de seu dono: o escravocrata Joaquim Manoel de Oliveira.

Reconstituir esse passado do povo negro é uma busca interminável, é como montar uma colcha de retalhos, onde se vai juntando pedacinhos de panos de histórias e memórias aqui e ali, reconstruindo identidades apagadas, desconfiguradas nesse processo desumano que foi a colonização, é nesse juntar “provas” de nossa existência e (re)existência, e poder livremente reconstituir nossas subjetividades e nosso modo de ser e estar no mundo. A busca por documentos que atestam de onde viemos, quem somos, como vivíamos se faz necessária, em livros amarelados pelo tempo, de um passado onde

o povo preto era tratado como propriedade de outro homem. Na imagem abaixo, registros dessa união encontrados nos antigos assentos da Diocese de Sorocaba, o registro de casamento de Joaquim Congo e Ricarda:

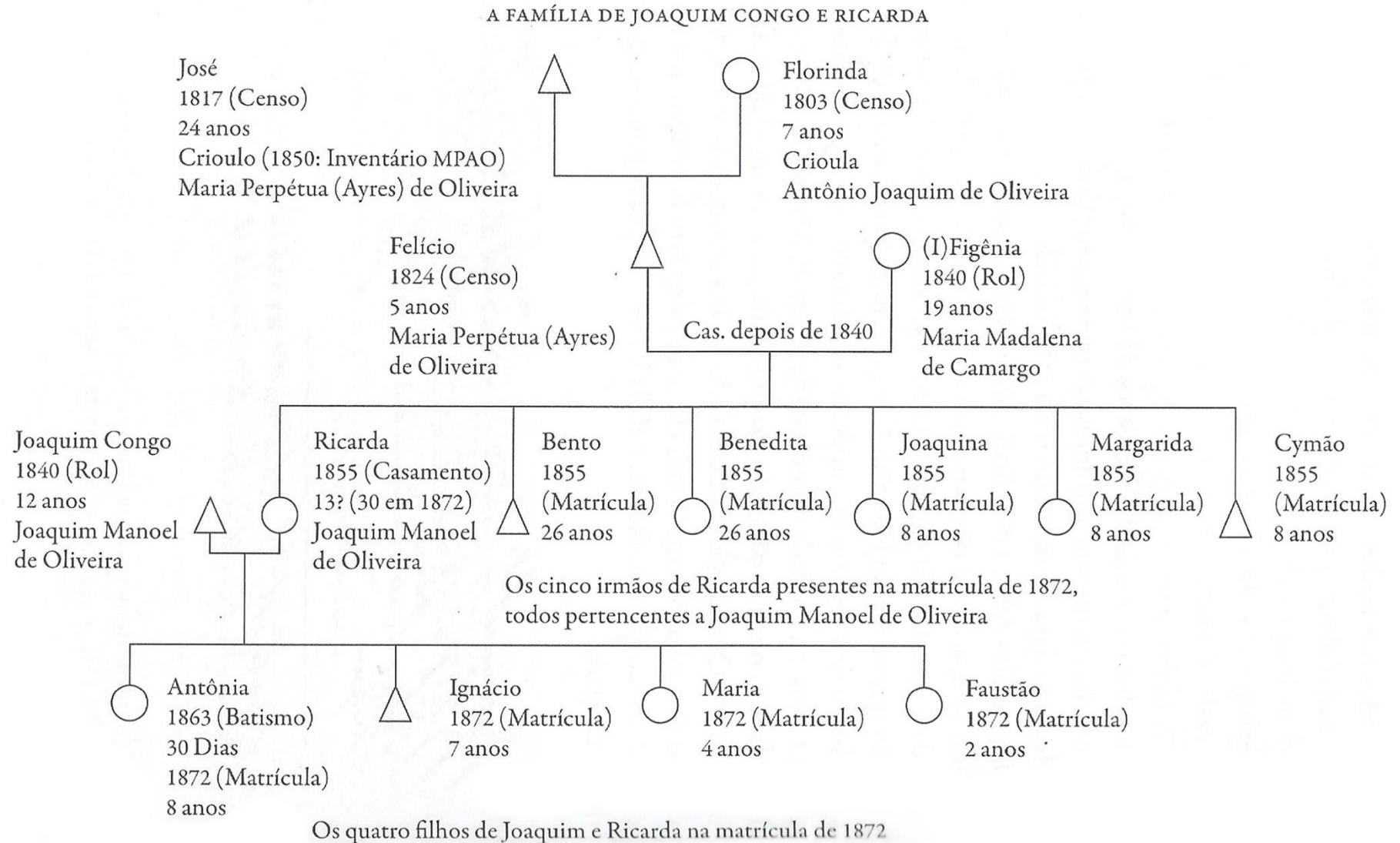
Figura 10 - Registro de Casamento de Joaquim Congo e Ricarda

Joaquim Congo
 Ricarda
 Aos oito de Julho de mil oitocentos e cinco nesta Matriz [da Fre-
 guesia de Campo Largo de Sorocaba] [...] se receberão em Matrimônio [...] Joaquim de nação [africana] com Ricarda filha de Felício e Ifigênia. Ambos os contrahentes forão baptizados nesta [paróquia] escravos de Joaquim Manoel de Oliveira freguezes desta. (Arquivo da Diocese de Sorocaba (ADS), Liv. de Casamentos 12. Sorocaba, f. 33v.)

Fonte: VOGT; FRY, 2013, p. 54.

O registro de união daqueles que iriam formar as duas parentelas que hoje vivem na Comunidade do Quilombo Cafundó, Dona Ricarda com Joaquim Manoel de Oliveira Congo, que traz no nome a nação de sua origem ancestral África, de onde ainda criança foi brutalmente sequestrado para ser propriedade de Joaquim Manoel de Oliveira. Por esse documento também pode-se notar a estabilidade familiar de Dona Ricarda, filha de Felício e Ifigênia, também pertencentes ao mesmo senhor escravocrata.

Figura 11 - A Família de Joaquim Congo e Ricarda



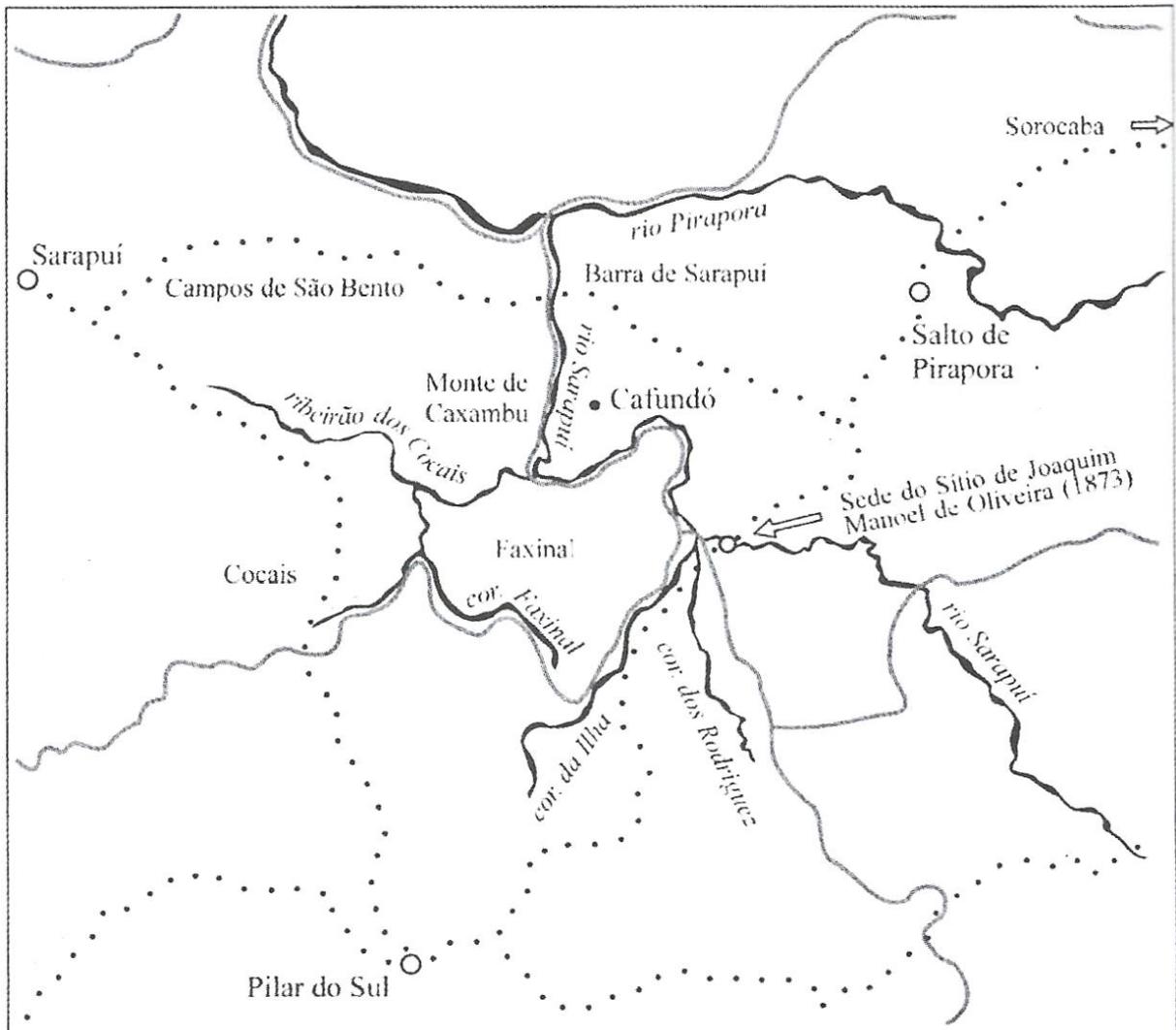
Segundo os autores Vogt e Fry (2013), na imagem acima, elaborada a partir dos inventários, listas censitárias e registros da igreja, podemos notar também a Dona Florinda, avó de Dona Ricarda, inserida na família do escravocrata. Como nos esclarece o autor “(...) a data mais antiga é 1803, quando Florinda, avó de Ricarda, aparece na documentação pela primeira vez, quase 70 anos antes da matrícula”, que aqui no caso é 1872. Até esse ano da matrícula, podemos notar que Congo e Ricarda tinham 4 filhos que, assim como eles, ainda eram propriedades do senhor Joaquim Manuel de Oliveira, sendo que Antonia Maria das Dores, de quem falaremos mais abaixo, era a filha mais velha. Nota-se, também nesse ano de matrícula, a ausência de Dona Ifigênia, o que nos leva a concluir que ela seria a caçula e teria nascido em território de liberdade, o Quilombo Cafundó. Nesse sentido, Ifigênia Maria das Dores, a Matriarca dos Caetanos, como nos confirma nos áudios seu filho Otávio Caetano, quando questionado sobre seu nascimento ele cita sua mãe Ifigênia:

P: Você sempre viveu aqui?

O.C: Nasci e me criei aqui, minha mãe nasceu e se criou aqui. (...) (DEPOIMENTOS... 1978, 001(a)).

Dona Ifigênia Maria das Dores traz na (re)existência toda uma ancestralidade carregada do ser mulher África, da sabedoria do como sobreviver em meio a desigualdades produzidas por uma sociedade que as invisibiliza e as subjuga. Podemos deduzir que essa força se constrói nessa rede de apoio de mulheres pretas. Em depoimentos de Dona Dita Pires para Peter Fry, podemos concluir que, por serem contemporâneas Ifigênia e Dita Pires, eram mulheres/meninas juntas na caminhada, no atravessar a pequenina ponte do Rio Sarapuú que separava os quilombos vizinhos, juntas nas visitas aos parentes do Faxinal e Caxambu.

Figura 12 - Mapa com os quilombos Cafundó, Caxambu e Faxinal
LOCALIZAÇÃO DO CAFUNDÓ HOJE E DA SEDE DO SÍTIO
DE JOAQUIM MANOEL DE OLIVEIRA EM 1873



Convenções:

..... estradas

—— divisas atuais entre municípios

—— rios e córregos

Fonte: Baseado em Mapa de Salto de Pirapora e municípios limítrofes, 1958, no Instituto Geográfico e Cartográfico de São Paulo.

Fonte: VOGT; FRY, 2013, p. 58.

Dona Dita nos relata essas memórias, trilhas de afetos no reencontro com seus entes queridos, nas visitas feitas aos parentes e à bisavó Ifigênia que continuou a morar no Faxinal:

Peter Fry: Dona Dita, quando vieram pra cá no Cafundó, a senhora era, já lembra né?

Dita Pires: Não, eu nasci aqui.

Peter Fry: Nasceu aqui. Mas a senhora conheceu outro lugar onde eles moraram, o Faxiná?

Dita Pires: Conheci um poco.

Peter Fry: A senhora visitava lá?

Dita Pires: Visitava no tempo da minha bisavó. Eu era menina pequena. Eu lembro.

Peter Fry: Ainda tinha gente morando lá da família?

Dita Pires: Tinha, a avó, a bisavó.

Peter Fry: A bisavó?

Dita Pires: É a avó (Ricarda) já tava aqui, porque foi na liberdade que foi feito.

Peter Fry: Como que era o nome da sua bisavó, Dona Dita?

Dita Pires: Ifigênia.

Peter Fry: Ifigênia.?

Dita Pires: É

Peter Fry: A mãe da Dona Ricarda?

Dita Pires: É

Peter Fry: Quem era o marido da Ifigênia (bisa)?

Dita Pires: É.

Peter Fry: E eles moravam lá embaixo. Dona Ifigênia, a bisavó?

Dita Pires: Senhor? É elas moravam, porque era deles. (Dona Dita parece não entender a pergunta, o pesquisador repete a pergunta)

Peter Fry: De quem?

Dita Pires: Da avó Ifigênia.

Peter Fry: Mas como que ela conseguiu essa terra?

Dita Pires: O sinhô que deu prela quando saiu a liberdade. Ela era escrava.

Peter Fry: Deu pra ela?

Dita Pires: É pra fia, a Ricarda
(DEPOIMENTOS... 1980, 029(a)).

Dona Dita traz nessas memórias o vínculo de afeto e visitas ao Faxinal. Nota-se que tinha especial carinho pela bisa Ifigênia, avó de Ifigênia Maria das Dores, e compartilha em depoimentos de 1980 para Peter Fry esses momentos, demonstrando na voz a nostalgia de passeios e visitas no aconchego da casa da bisavó, lembranças do carinho e alegria com que eram recebidos:

Peter Fry: Então moravam pra lá então depois que trocaram pra cá?

Dita Pires: É. a avó (bisa Ifigênia) ainda morreu pra lá (Faxiná). A fia, a avó (Ricarda) veio pra cá.

Peter Fry: A senhora lembra dela?

Dita Pires: Lembro muito de male má. Ela era gorda, uma pretona gorda (...) reforçada. O bisavô (Felício) não conheci.

Peter Fry: Ela era gorda então? Era brava ou não?

Dita Pires: Não, não. Me lembro dela tão agradável (...) ficava alegre quando nós chegava.

Peter Fry: E ela tinha outros filhos além da Ricarda, dona Dita?

Dita Pires: Que eu me lembro, que eu me lembro bem era uma filha só, chamada Joaquina, essa me lembro bem, ela morou junto co nós aqui. E o filho morreu. Esse não cheguei a conhecê.

Peter Fry: Quer dizer que Joaquina era irmã da sua avó Ricarda?

Dita Pires: É. (Confirma e diz que não se casou e não teve filhos)

Peter Fry: E a sua avó Ricarda, teve quantos filhos?

Dita Pires: Quantos? A mais velha, Inacio, Antonia, Benedito, Serafim, Vicente (Vicente e Inácio casou e teve filhos em Jundiacanga e Ifigênia Maria das Dores filha de Ricarda.)

Peter Fry: Quando a senhora era menininha a senhora conheceu Caxambu ou não?

Dita Pires: Conheci. Conheci que eu ia passear com minha mãe... Ela tinha compadresco, tudo lá.

Peter Fry: Aha, ela tinha parente lá?

Dita Pires: Tinha. Era casada lá, mas já morreu tudo (DEPOIMENTOS... 1980, 029(a)).

Baobá Dona Ifigênia, filha de Ricarda, neta de Ifigênia, a Santa dos Pretos de quem herda o nome, bisneta de Florinda, a continuidade de uma linhagem de mulheres pretas que permanece viva no imaginário e de narrativas dos seus(as) descendentes. Em uma revista sobre sua vida produzida por suas netas e bisnetas, elas narram sua importância e protagonismo onde nos contam como era o cotidiano de Dona Ifigênia:

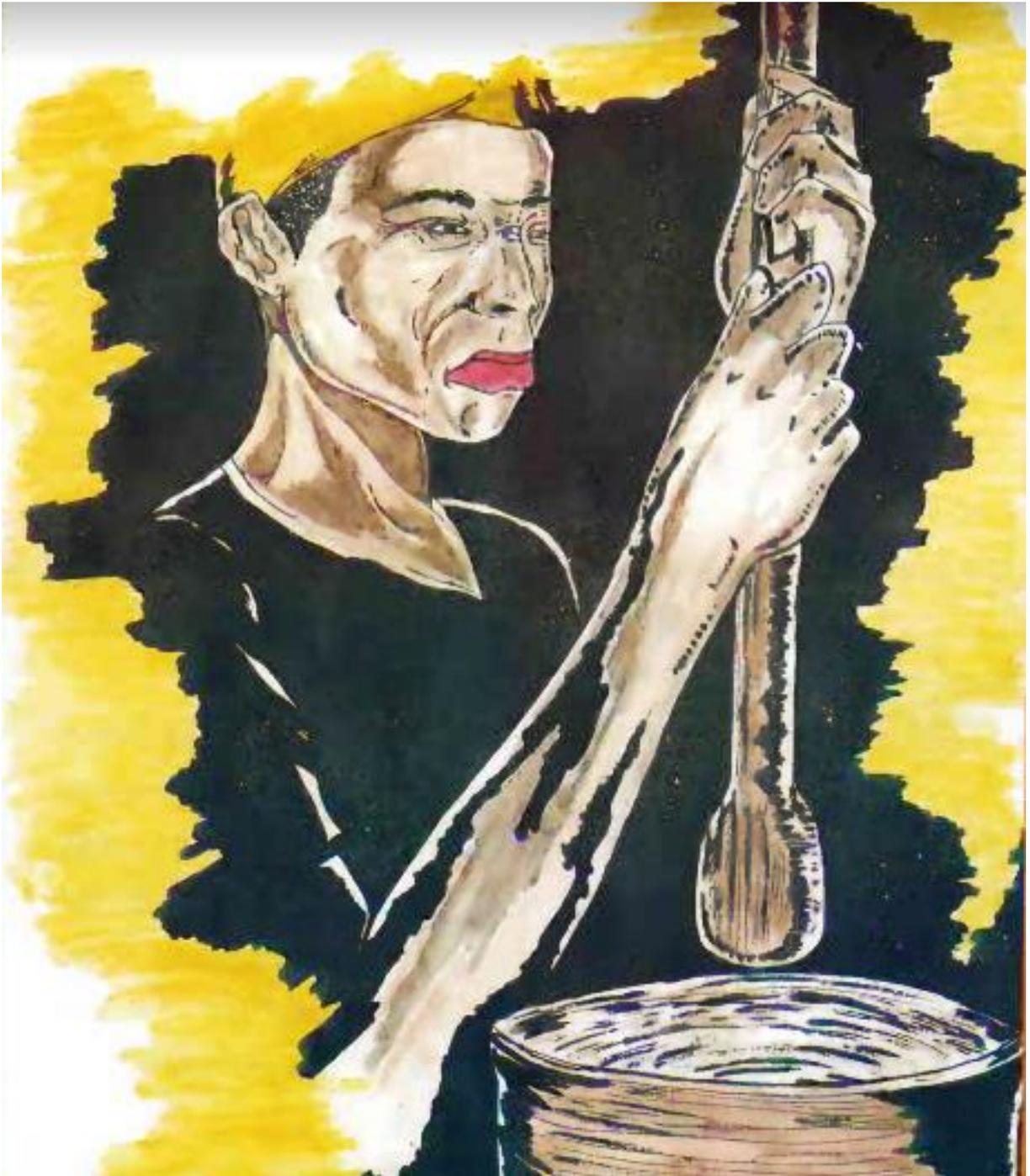
Naquele tempo Vó Ifigênia trabalhava socando arroz no pilão dentro e fora de casa, preparava azeite de mamona, que tinha como utilidade lubrificar as rodas dos carros de boi, tecia esteiras de palha de bananeira, fazia serviços nas casas de fazendeiros e principalmente trabalhava na lavoura (PIRES et al., 2006, p. 4).

Nos relatos acima, percebemos o cotidiano da matriarca com a dupla jornada da mulher, principalmente da mulher preta e periférica, ontem e hoje. Na imagem abaixo (Figura 4), reproduzida a partir da memória que seus descendentes tinham de Dona Ifigênia, uma mulher alta e magra, sempre com um pano amarrado à cintura e lenço na cabeça.

São saberes ancestrais africanos reinventados em terras brasileiras o que podemos perceber nas práticas da Baobá Ifigênia, como descritas por suas descendentes. É essa mulher preta obstinada, encantante, de uma liderança natural de quem carrega em si toda uma africanidade. Segundo as narrativas encontradas nos áudios e na memória de seus descendentes, coube a Dona Ifigênia ser aquela que buscava na coragem e na sabedoria o impulso para continuar, sempre. Em diálogo com Conceição Evaristo, Machado (2020, p. 30) descreve essas mulheres negras encantantes:

As mulheres negras carregam em si o encantamento das sabedorias ancestrais, compreendem a necessidade da reinvenção da vida e de encontrar novos / outros caminhos, como nos ensina Duzu-Querença quando, pela escrivência de Conceição Evaristo, nos diz que “era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos” (EVARISTO, 2016, p. 36-37). São mulheres guerreiras que tiveram, e continuam tendo, a “coragem de esquecer os lamentos” (LIMA, 2017, p. 23) e construir possibilidades de mundos melhores, aprender a “perder a memória da dor” (...).

Figura 13 - Imagem criada a partir da memória coletiva dos descendentes de Dona Ifigênia Maria das Dores



Fonte: PIRES, [2006].

(Re)existir é preciso, tem que se perder a memória da dor, reinventar possibilidades outras de resistir. Assim a matriarca Ifigênia permanece no imaginário coletivo da comunidade com essa marca da sua bravura, guerreira no enfrentamento às investidas dos posseiros em suas terras, aos engodos dos fazendeiros inescrupulosos, que sabiam ser ela viúva na época e a procuravam para tratar com ela sobre o uso das terras.

Chegavam pedindo para que ela deixasse o gado pastar em suas terras e, quando ela percebia, já estava sem parte daquelas terras, como ainda nos narram abaixo seus descendentes:

Quando se dava conta, o fazendeiro havia passado a cerca naquele pedaço de terra. Outro fazendeiro dizia: “Comadre se a senhora plantar um alqueire de milho, eu compro tudo.” Ela plantava, e quando chegava no ponto de colher, o fazendeiro cercava todo o alqueire. Com o passar dos tempos os fazendeiros passaram a soltar o gado em nossas terras, cercando e diminuindo cada vez mais nossa propriedade. (PIRES et al., [2006]).

As imagens abaixo, da década de 1980, corroboram com o que afirmam suas descendentes. Podemos observar suas terras já cercadas e reduzidas ao mínimo, pela ganância dos fazendeiros locais, fazendo com que poucos ficassem e lutassem por sua preservação, pois já não tinham terras suficientes para plantar e alimentar todos. Ifigênia Maria das Dores Caetano e seus filhos ficaram e resistiram. As fotografias registram como se deu o cercamento por parte dos fazendeiros nas terras da comunidade:

Figura 14 - Foto das terras do Cafundó já tomadas pelos grileiros de terras



Fonte: Arquivo da Comunidade Cafundó, c. 1980.

Figura 15 - Foto onde se pode notar as marcações do cercamento feito pelos fazendeiros invasores



Fonte: Arquivo da Comunidade Cafundó, c. 1980.

Figura 16 - Foto com o que sobrou das terras ancestrais



Fonte: Arquivo da Comunidade Cafundó, c. 1980.

Nas Figuras 14, 15 e 16, pode-se ver no centro da área mais arborizada o que sobrou das terras ancestrais, do *Turi Vimba*, as Terras de Pretos(as).

Podemos observar como se deu o cerco à comunidade, com suas terras tomadas, o que os impedia de produzir para a própria subsistência, levando muitos a deixarem a comunidade em busca de sobrevivência nas cidades vizinhas. Para melhor entendermos essas transformações dos cercamentos das terras pelos invasores, buscamos Dona Benedita Pires Pedroso que, de maneira melancólica, relata em depoimentos dados ao pesquisador Peter Fry em abril de 1980:

Peter Fry: Por que essa mudança? Por que agora tem menos?

Dita Pires: Por que agora tem menos... Parece que o mundo aumentou como capim que aumenta na invernada. Aquele tempo não se via, o senhor era crianças pequena, casa de longe, deserto um do outro, muito longe, terrenaria bastante. Agora, agora não tem onde faze uma lavora, não tem mais. Acabou tudo. Tudo é invernada não? Terrenaria, pra você vê tinha tanto terreno pra você trabalhar a vontade, agora não tem mais. Queria fazer uma casa tinha maderá, meu Deus a gente puxava no ombro. E agora cadê. Cabô tudo.

Peter Fry: O que quer dizer invernada Dona Dita? Uma palavra que não conheço.

Dita Pires: É do gado. (parece estar se referindo ao desmatamento, as terras cultiváveis transformadas em pasto para boi)

Peter Fry: Aha sim.

Dita Pires: Agora os fazenderos tudo compra terra pra fazê invernada né. (DEPOIMENTOS... 1980, 029(b)).

A tristeza transparece em sua voz, consciente das transformações ocorridas na comunidade dos tempos antigos até então, terras que desaparecem nas mãos dos grileiros, não permitindo a produção de alimentos e acarretando a pobreza e a fome que os abateu e os dispersou para vários cantos da região. Nas imagens, é visível o desmatamento em que sequer sobrou madeira para a construção de suas casas, tudo virou pasto.

Na resistência, guerreira e sábia, como toda líder nata, Dona Ifigênia ensinava os mais novos da forma como aprendeu com os mais velhos, com suas práticas de resistência na luta pela terra e pela preservação cultural. Visionária, sabia ser essa a maneira de preservarem e retomarem suas terras, fortalecendo a cultura e o pertencer no território ancestral e resistir, não abandonando as terras como queriam os invasores, foi sua escolha:

Vó Ifigênia era uma guerreira, lutava capoeira e conhecia os segredos da natureza. Até hoje quando nos sentimos angustiados é na mata que encontramos refúgio para repor nossas energias, assim como ela fazia. Da natureza nos ensinou a buscar forças e tirar o sustento. Levava nós à beira do rio, cada um com uma peneira, então tocava os peixes em nossa direção. Na volta com muitos peixes nos ensinava os fundamentos da mata. Nos ensinou também cupopiar,

falar o dialeto de origem africana tradicional de nossos ancestrais. (PIRES et al., [2006], p. 4).

Essa é era a Dona Ifigênia! Seria atrevimento compará-la a Dandara, guerreira negra do Quilombo de Palmares, do período Brasil colônia? Casada com um Caxambuense, dominava a Cupópia, a língua africana falada pelos adultos e passada aos que eram do Cafundó nessa convivência.

Em depoimentos nas entrevistas feitas por Vogt e Fry (1978), Otávio Caetano confirma que aprendeu a língua com sua mãe, Dona Ifigênia, e com os adultos que falavam entre eles.

Pesquisador: Quando você era moço, pequenininho. Que língua sua mãe falava?
 Otavio Caetano: Ela falava essa língua, eu fui pegando, pegando.
 P: E ela falava português?
 O.C: Ela falava português, mais português, mas esse humm, a gente tem tudo quando é preciso (...)
 P: Você sempre viveu aqui?
 O.C: Nasci e me criei aqui, minha mãe nasceu e se criou aqui. (...)
 P: As famílias que tinham aqui falavam a língua?
 O.C: Falava, tudo falava um pouco, falava mas, como eu tava assim, que não compreendia né, é que eu não trabalhava ainda. Eu ouvia eles falarem, mas ficava meio bobo, eles falavam, depois iam fazer aquilo eu ponhava sentido, tornavam falar outra vez, e iam fazer aquilo, ah mas é isso aí, e eu fui aprendendo assim (...)
 (DEPOIMENTOS... 1978, 001(a)).

Pelos depoimentos de Otávio Caetano, filho de Dona Ifigênia, quando criança, eles aprendiam a falar a “língua africana” observando os mais velhos. A Cupópia era para os adultos como uma língua secreta, cupopiavam durante o trabalho, na labuta com a lavoura ou quando entre estranhos dentro ou fora da comunidade. As crianças aprendiam observando a conversa dos adultos. Em depoimentos nos documentos sonoros, Dona Maria Augusta relata como aprendeu com sua mãe a língua africana:

Pesquisador: E a sua língua, de onde que veio?
 Maria Augusta: A minha língua? Veio da África.
 P: E qual o nome dela?
 Maria Augusta: Quer dizer que o nome, pá fazer na minha idéia como é o nome da língua né. Era pequena.
 P: E aprendeu a falar quando era criança?
 Maria Augusta: (...) minha mãe falava eu também falava, eu aprendi né. De onde que veio a língua né que ela disse né? Quer dizer que a língua é da África que veio né do nosso avô era africano.
 P: E a sua mãe falava?
 M.A: Minha mãe falava.
 P: E você aprendeu com ela?
 M.A: É com ela, porque meu pai não conhecia.
 (DEPOIMENTOS... 1978, 009(b)).

Essa resistência e luta pela terra também se encontram registrados nos áudios Cf(k)005(b) como podemos notar nos relatos de seus filhos Otávio e Maria Augusta:

Pesquisador: Mas porque eles querem essa terra aqui, quando tem tanta terra em volta? Por que estão de olho em cima dessa terra?

Maria Augusta: Já vem de tempo.

Otávio: De muito tempo, do tempo de nossa mãe.

M. A: Se não tivesse nossa mãe aqui eles já tinham tomado, saíram tudo daqui, ficou só ela. Nós era pequeno nesse tempo. Eles traziam o gado aqui e soltavam para comer as plantinhas, que ela fazia. Comiam tudo. Daí ela pegava de noite, ou senão de tarde, eles vinham soltar, ela saía com os cachorros tocando pra tirar e fechar a porteira. Quando ela corria, soltavam de novo. Ela era viúva né.

O: Tempo do Nhô Bene, né?

M.A: É. Ela não saiu daqui por isso que nós não perdemos. Ela ficou. Passava necessidade.

P. Segurou as pontas né.

(DEPOIMENTOS...1978, 005(b)).

É possível notar que nesses espaços também se faziam presentes os tradicionais papéis de gênero, pois estamos falando de uma sociedade inserida dentro de um contexto colonial, marcado pelo sexismo e patriarcalismo que oprimiam a mulher e, em especial, a mulher negra. Sendo Dona Ifigênia viúva e com filhos pequenos, os invasores supunham que ela seria presa fácil de dominação e expulsão das suas terras por ninharias ou como haviam feito com as terras de seus parentes do Caxambu. Mas não, ela resistiu e confrontou o sistema, não deixando suas terras, não facilitando para os invasores.

Esse padrão expropriador e de busca constante do enriquecimento, utilizando-se da pilhagem de riquezas naturais e corpos, em especial negros, que se inicia no colonialismo, se estrutura no capitalismo e vai se adaptando, se aperfeiçoando ao criar sempre novas formas de exploração. Os corpos negros e pobres são estrategicamente definidos como mão de obra barata e descartável. Dentre esses corpos, os mais subalternizados e explorados são corpos negros de mulheres. Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019) descrevem o funcionamento desse sistema da exploração do homem pelo homem:

Ao mesmo tempo, compreendemos que a raiz do problema é o capitalismo, do qual o racismo e o imperialismo são parte integrante. Esse sistema social que se orgulha do “trabalho livre” e do “contrato salarial” só pôde ter início devido à violenta pilhagem colonial e à “caça comercial de peles negras” na África, seu recrutamento forçado para a escravidão no “Novo Mundo” e a expropriação de povos indígenas. Longe de ser interrompida quando o capitalismo decolou, a expropriação baseada na raça de povos privados de liberdade ou dependentes serviu, desde então, como condição oculta para possibilitar a exploração lucrativa do “trabalho livre”. (...) Em cada fase, até o presente e incluindo-o, a expropriação de pessoas racializadas permitiu ao capital aumentar seus lucros por meio do confisco de recursos naturais e capacidades humanas por cuja renovação e reprodução ele nada paga.

Todo aquele que se recusasse a se submeter à estrutura social vigente era posto à margem como incapaz e preguiçoso. O produtor de riquezas servia ao “progresso da nação”, com a negação às mãos pobres e pretas, as produtoras do enriquecimento da nação, corpos escravizados e mercantilizados que, quando libertos, passaram a ser descartados ou usados como mão de obra subvalorizada até os dias de hoje.

Experiências como essas são narradas nos causos contados pelos mais velhos da Comunidade Cafundó. Trabalhar em troca de comida era uma constante, em muitas das vezes trabalhando em terras que eram de seus ancestrais tomadas “na bala” por fazendeiros das redondezas.

Ifigênia viu o nascer da República, trazendo com ela os sonhos de liberdade e igualdade que essa nova era prenunciava. Sonhos que pareciam não ser para todos em um contexto de extrema desigualdade e de injustiças. Manter-se unidos num território que sim, tinha sido de liberdade, como veremos mais abaixo em depoimentos de Dona Benedita Pires Pedroso, e estar junto dos seus parecia ser a melhor maneira de continuar a (re)existir.

Bravamente, Dona Ifigênia, sozinha, enfrentou os fazendeiros que invadiram suas terras e tiravam seus meios de sobrevivência. Eles a pressionavam de todas as formas com o objetivo de a expulsar da terra e, assim, poderem se apossar delas. Como diz Lélia Gonzalez (2020, p. 198) em “Mulher negra, essa quilombola” sobre a resistência e o papel da mulher negra e quilombola:

Enquanto escrava, ela foi dirigida para diferentes tipos de trabalho, que iam desde aquele no campo (plantação de cana, de café etc.) até o trabalho doméstico. No primeiro caso, enquanto escrava do eito, ela estimulou os companheiros para a revolta, a fuga e a formação de quilombos. Enquanto habitantes destes últimos, ela participou, como em Palmares, das lutas contra as expedições militares destinadas à sua destruição, nunca deixando de educar seus filhos dentro do espírito antiescravista, anticolonialista e antirracista.

Mesmo com todos os percalços, essa mulher preta quilombola encontrava ânimo e alegria para também ser festeira, na tradicional da Festa da Santa Cruz. Era ela quem organizava, juntamente com os netos, como nos relatam suas descendentes:

A noite sob a luz do luar e a claridade da fogueira, entre muitos comes e bebes, logo após a reza do terço e a procissão, era a madrinha que abria a festa na dança do samba-de-bumbo e no jogo da capoeira, que corriam noite adentro. (PIRES et al., [2006], p. 5).

Figura 17 - Imagem criada a partir da memória coletiva dos descendentes de Dona Ifigênia Maria das Dores



Fonte: PIRES et al., [2006].

Percebe-se nos relatos preservados pela tradição oral na memória coletiva do grupo importantes características da Baobá Ifigênia, a festeira, a capacidade de agregar e de unir todos ao seu redor, de confraternização, onde todos contribuem com o pouco que têm para os comes e bebes, aonde o sagrado vem primeiro e, somente depois da procissão, vem a diversão. Algo que se perpetua até hoje na tradicional Festa de Santa Cruz.

Os depoimentos, tomados em 1978, com Dona Maria Augusta e Maria Aparecida, a Cida, filha e neta de Ifigênia Maria das Dores, ocorrem em meio aos afazeres das mulheres que conversam sobre o que é perguntado e cuidam das panelas no fogo, onde parece borbulhar a gordura que se iria fritar algo para o variá, como chamam a comida. Ao fundo, ouve-se os sons dos pintinhos que adentram à cozinha.

Dona Maria Augusta vai buscar as memórias dos momentos passados com sua mãe Ifigênia, num falar carinhoso, quase nostálgico de sua juventude. Ela nos descreve como eram as festas de casamento e o sambo grande:

Maria Augusta: As festas de antigamente, as festas de casamento tinha baile, tudo era a cavalo, tudo né. Era aquele colosso de cavalhada, tudo que ia no casamento. Aí pegava, daí tinha aquele baile, aquela correria grande.
 Cida: E a noiva, ia a cavalo também?
 Maria Augusta: Hã? (parece não ouvir e sua filha Cida repete a pergunta.)
 Cida: E a noiva ia a cavalo também é?
 Maria Augusta: Tudo a cavalo. Minha prima foi a cavalo.
 Pesquisadora: E a senhora?
 Maria Augusta: O meu não foi a cavalo. O meu já fui de carro.
 Pesquisadora: Foi aqui?
 M.A.: É foi aqui. (DEPOIMENTOS... 1978, 009(b)).

Dona Ifigênia, mesmo inserida em uma sociedade marcada pela opressão e descaso, é o sinônimo da mulher negra obstinada, que não se deixava naufragar, emergindo das profundezas de mares bravios. Lélia Gonzalez (2020) nos fala sobre essa mulher que podemos ver nessa matriarca em “Mulher Negra, essa quilombola”:

Enquanto mãe e companheira, continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos, enquanto o companheiro, objeto de violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo. Mas seu espírito de quilombola a deixa soçobrar. (GONZALES, 2020, p. 199).

E nesse re(existir), com muita luta e persistência empregada por essa Mulher Preta, em ficar nas suas terras apesar das ameaças da circunvizinhança e criar possibilidades outras de organização sociopolítica, de sobrevivência, conseguiu manter na comunidade resquílios da ligação com a mãe África.

4.2 RELIGIOSIDADE NO TERRITÓRIO SAGRADO: O LEGADO DE DONA IFIGÊNIA MARIA DAS DORES SE PERPETUA

A Igrejinha da Santa Cruz na entrada da comunidade é a maior representação da presença da Matriarca Ifigênia e se funde com a história dessa mulher preta e quilombola, símbolo de ligação com o mundo espiritual, com o sagrado na comunidade, a pessoa que faz as oferendas, o acender de velas, pedindo proteção para os seus na pequenina igreja por ela fundada.

Foi construída na bifurcação que separa as duas parentelas hoje existentes no território, fincada na entrada da comunidade de frente para seu povo, como se estivesse de braços abertos, num grande abraço de aconchego e proteção, mas de costas para quem chega, como se esperasse conhecer primeiro quem se achegasse. É um marco de fundação, de tomada desse território pensado para ser terra de liberdade, localizada estrategicamente numa encruzilhada, onde todos que por ali cruzassem pudessem se alimentar de fé, esperança, proteção, renovação das forças no caminhar do resistir a toda forma de opressão e perigos. É também templo de pertencer, de identidade com a terra, de se (re)ligar com seus ancestrais.

E nesse re(existir), com muita luta e persistência empregada por essa Mulher Preta em ficar nas suas terras apesar das ameaças da circunvizinhança e criar possibilidades outras de organização sociopolítica, de sobrevivência, conseguiu manter na comunidade resquícios da ligação com a mãe África.

Apegar-se na fé, era o que restava para se constituírem de forças em suas orações na Capelinha da Santa Cruz ou refúgio na natureza, indo para a mata em busca de energias ancestrais para se fortalecer, para assim continuar resistindo a toda forma de opressão que sofriam. Como Moura (2012) nos diz, embora algumas tradições festivas da comunidade venham desaparecendo, outras continuam a manter toda a sua força. Entre as mais importantes, encontra-se a Festa da Santa Cruz.

Figura 18 - A centenária Igrejinha da Santa Cruz erguida por Dona Ifigênia Maria das Dores



Fonte: Arquivo pessoal da família Caetano, 1978.

Figura 19 - Interior da Capelinha da Santa Cruz



Fonte: Acervo da família Caetano, 1978.

A imagem acima, feita em 1978 e pertencente ao acervo dos Caetanos, faz parte dos primeiros registros da centenária e pequenina Capela de Santa Cruz, construída na encruzilhada entre a entrada dos dois Clãs, Pires Cardoso e Almeida Caetano. Pode-se notar a superposição de imagens religiosas ligadas aos cultos de matrizes africanas e católicas, no caso Iemanjá ao lado de Nossa Senhora Aparecida. Para refletir sobre isso, busco análises feitas por Moura (2012, p. 70-71) em diversas comunidades negras sobre como isso se dava no passado:

Verifica-se como, nas diferentes festas, os elementos constitutivos se organizam, a relação entre o cenário, os atores, as regras que são seguidas e os símbolos utilizados para detectar as recorrências, quais os símbolos que se repetem, se e como mantêm o mesmo significado no processo de ressignificação. As práticas religiosas, inseparáveis das festas, revelam importantes aspectos da dinâmica cultural que se pode observar nas comunidades negras rurais. O ritual aparece como o modo que se tem essa comunidade de apresentar para si mesma sua organização social, como ela se desmonta e remonta ciclicamente. Através das constantes que se repetem no tempo, pode-se perceber a estrutura que articula essas celebrações festivas, e, quanto mais elas são insistentes, mais se vê quanto são semelhantes. Em todas as comunidades que conheci, a fé é um fator de muita significação, mas como a maneira mestiça de ser, mesclando elementos católicos e africanos.

A festa ainda hoje é realizada com toda a devoção e adoração pelos seus descendentes, na pequenina Capelinha, em honra à ancestral Dona Ifigênia, promessa feita a ela de continuidade da tradição, como nos narram, em depoimentos de 1978, seus netos Adalto, Marcos, Cida e Dona Maria Augusta, sua filha, que fazem questão de deixar clara a devoção e religiosidade de Dona Ifigênia:

Pesquisadora: E ali, que vocês só vão para rezar?

Adalto: É.

Marcos: A capelinha que ficou do tempo da minha avó.

Pesquisadora: Já tinha?

Marcos: Já tinha. Ela morreu né, daí nós ficamos adorando, como ela adorava, nós ficamos sempre adorano. Que é coisa antiga. Lembrança da minha vó. Ela gostava muito né.

Pesquisadora: Tem alguém que trabalha aqui com espírito, essas coisas assim?

Marcos: Não.

Pesquisadora: Não. Só reza comum? De igreja Católica?

Marcos: É.

Adalto: Ela falou pra ter esse negócio do tempo dela, até os finais, que não existisse aqui (...). Era pra ir adorano né.

P.: Ah, é por isso que vocês mantêm?

Adauto: É. É pra ir adorando, zelando. Ela gostava muito.

P.: A Iemanjá, ela que deixou lá?

Adauto: É

P.: A Iemanjá e São Jorge, ela que deixou também lá?

A.: É.

Cida: Reza o terço.

Maria Augusta: É reza o terço.

P.: Quem é que tira o terço?

M. A.: Quem é que tira o terço? Meu irmão.

P.: Seu irmão?

M. A.: É.

P.: E aí, fica todo mundo junto?

Maria Augusta: É todo mundo junto.

P.: E vocês fazem isso em dia marcado? Todo dia?

A.: É assim, lá um dia, um dia da semana.

Maria Augusta: É na quinta-feira.

P.: Quinta-feira, daí ele tira o terço e todo mundo responde, né?

Todos: É.

A.: Nossa vó era muito devota, sabe?

Cida: Muito religiosa.

P.: E vocês continuam?

Adauto: Continua.

P.: E as crianças também já vão aprendendo?

A.: Vai.

(DEPOIMENTOS... 1978, 009(a)).

Nota-se nos depoimentos acima, o quanto eram temerosos ao falar de suas práticas religiosas, mostram-se esquivos às perguntas da pesquisadora relacionadas ao sincretismo religioso e reafirmam somente a devoção católica tradicional.

Figura 20 - Filha caçula da Matriarca Dona Ifigênia Maria das Dores, Dona Maria Augusta



Fonte: Arquivo da Família Caetano, 1978.

Nesse momento, durante a entrevista, ouve-se o som de crianças que estão presentes no decorrer da conversa. Dona Maria Augusta volta sua atenção à criança com

sua fala mansa e carinhosa, uma característica que noto ainda hoje no modo de tratar as crianças na comunidade. Entre uma resposta e outra para a jornalista, diz que o menino já sabe rezar e a criança afirma toda orgulhosa: “Eu sei rezar”.

A Festa da Santa Cruz de maio de 1978 foi documentada pela primeira vez em toda história da comunidade, momento em que os olhos do Brasil se voltaram para o pequeno vilarejo de negros e foi motivo de matéria de página inteira de vários jornais. Pela primeira vez, a história das vivências e origens, tradição e cultura do povo negro de Salto de Pirapora passam a ser registradas, pesquisadas.

Em reportagem publicada no Jornal Cruzeiro do Sul sob o título “Cafundó mantém a tradição da Festa da Santa Cruz”, a narrativa sob o olhar do jornalista descreve a festa em 16 de maio de 1978:

Seu João segura firme a Cruz de Madeira. Atrás dele, um pouco desalinhas, as crianças vão tentando se organizar, velas à mão, silenciosas. O primeiro grupo da procissão está prestes a sair. Tradição que a comunidade aprendeu há mais de um século, repetem o ritual aprendido com os antepassados, o primeiro grupo sai, vai de encontro ao esteiro, e assim que dá o sinal, segue o segundo grupo, carregando a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Depois todos retornaram, cantam e dançam.

Os festejos religiosos nunca estiveram restritos somente aos moradores da comunidade. Era o momento de encontro, de rever parentes do antigo quilombo do Caxambu e também pessoas vindas dos arredores da cidade que conheciam e participavam dos festejos.

Ainda segundo a reportagem que acompanha toda a festa deste dia, o jornalista continua a narrar o momento do “Encontro” na procissão:

O primeiro grupo, agora sim, sai. Na frente, mão firme Seu João carrega a Cruz de madeira. Atrás, já organizadas, as crianças seguem em silêncio com velas nas mãos. Enquanto isso, Capela, os últimos preparativos para a saída do segundo grupo vão sendo feitos. Ana Aparecida, a festeira, cuida de tudo. Distribui bandeirolas, chama as crianças, pede para que a fila se organize e vai falando de si: - Tenho 21 anos. Sou do Cafundó mesmo. Saí daqui há 4 anos e fui morar na cidade. Por que? Ora, aqui não tem o que fazer, nem como viver... Ela ainda está falando quando os primeiros rojões começam a ser ouvidos. Sinal que o primeiro grupo já se encontrou com o festeiro. E que está na hora de sair a Santa. Agora todos correm. Uma senhora grita com uma menina: Arruma a saia melhor. Outra quer saber quem se encarregará de levar a Santa. Uma terceira começa a formar a fila: - Corre, Ana. Você vai na frente.

Formado o grupo a procissão sai. Ana na frente. Atrás, a Santa. As outras pessoas seguem atrás, todos com velas nas mãos. Passa das 20 horas e esse grupo começa a encontrar na pequena estrada com carros que vão chegando. Ana continua firme na reza:

- Ave Maria, cheia de graça, rogai por nós os pecadores. Na hora de nossa morte.
- Amém! - responde o coro que vem logo atrás. (CRUZEIRO DO SUL, 19 mar. 1978).

A jovem Ana, citada acima pelo jornalista que cobria a festa no Cafundó, é uma das muitas jovens a deixar a comunidade em busca de trabalho para sua sobrevivência e também dos seus que ali permaneciam. Mas sempre retornam para a comunidade, principalmente em momentos de folguedos como a Festa da Santa Cruz, como Moura (2012, p. 71) bem nos explica esse sentido de pertencimento que se procura manter com seu território ancestral:

Nas festas dos quilombos contemporâneos, pode-se verificar uma série de atitudes rituais que valorizam as tradições da comunidade com o sentido de perpetuá-las. Mesmo quando os mais jovens, em busca de emprego e salário, saem para trabalhar fora da comunidade, ainda assim mantêm o vínculo com ela, participando das suas festas maiores, das comemorações e dos rituais, e desempenhando nelas o seu papel habitual. A importância de manter o sentido de pertencimento leva os que saem a voltar na época da festa. É assim a necessidade de valorização da sua própria cultura e portanto da afirmação da sua visão de mundo, de entrada na busca do sobrenatural e do tempo mítico da festa, que os impulsiona. (MOURA, 2012, p. 71).

Sobre o êxodo de jovens mulheres da comunidade, os pesquisadores Carlos Vogt e Peter Fry também registraram entrevistas com os participantes e a relação desses com a comunidade desta Festa da Santa Cruz de 1978 em áudio da Coleção Cafundó Cf(k) 008:

Pesquisador: Como é seu nome?
 Judite: Meu nome é Judite Pires Machado.
 Pesquisador: Você é filha de quem?
 Judite: Benedita Pires Machado.
 Pesquisador: Quantos anos você tem?
 Judite: Eu tenho vinte anos.
 Pesquisador: Trabalha onde?
 Judite: Trabalho em Sorocaba.
 Pesquisador: O que você faz lá?
 Judite: Eu sou uma simples empregada doméstica (risos).
 Pesquisador: Você fez escola ou não?
 Judite: Fiz, mas abandonei, agora comecei outra vez.
 Pesquisador: E você, como é seu nome?
 Elisa: Elisa Pires.
 Pesquisador: O que você faz Elisa?
 Elisa: Eu também sou uma simples empregada doméstica (risos).
 Pesquisador: Quantos anos você tem?
 Elisa: Dezesete. (DEPOIMENTOS... 1978, 008).

Em um país marcado pela desigualdade social, podemos notar o quanto a extensão da senzala e da casa grande ainda se faz presente na vida das jovens mulheres da comunidade. Durante todo o percurso histórico de muitas famílias negras, a condição de empregadas domésticas perpassou gerações de mulheres que não tiveram oportunidades objetivas de exercer outras funções, devido também à evasão escolar, o que é uma característica presente ainda hoje na comunidade pela distância e pelo pouco interesse de

jovens em permanecerem em escolas da cidade onde não se sentem inseridos. Além desses fatores, o racismo e o preconceito para com alunos da comunidade do Cafundó colaboram para a evasão escolar por parte de muitos desses jovens.

Ainda em reportagem do Jornal Cruzeiro do Sul do dia 19 de março 1978 com o título “Os Negros do Cafundó e sua Estranha Maneira de Falar”, também há relatos sobre a Festa de Santa Cruz:

Os moradores do Cafundó, muito religiosos, tem em sua pequenina Capela (2 por 4 metros), onde veneram 8 imagens, de Nossa Senhora Aparecida, que aparece ao lado de uma estampa de Iemanjá, São Gonçalo, Santo Antônio, São Benedito, Coração de Maria, Coração de Jesus e o Cristo Crucificado. Dizem não lembrar de outra religião de seus antepassados se não a Católica. Também de cunho religioso são suas festas, sendo a mais importante a da Santa Cruz, que se realiza em Maio e a dança de São Gonçalo, em qualquer época do ano. “Ora viva São Gonçalo / São Gonçalo / São Gonçalo do Amarante / São Gonçalo vem de longe / Que mal fizeram as moças / Que não faz elas casar.” (CRUZEIRO DO SUL, 19 mar. 1978).

Seu Otávio Caetano, na mesma reportagem do Jornal Cruzeiro do Sul, de 19 de março de 1978, também explica como se dá o encontro na procissão: o encontro se dá sob um arco de bambu florido, aramado, no meio do caminho na estradinha. Aí cantam muitas rezas. A procissão engrossada volta à capela e, rezado o terço, entregam-se à festança que vai até o amanhecer como manda a tradição. O baile não pode parar e baile bom amanhece e o sambô grande era ouvido até na cidade de Salto de Pirapora.

Mas o ano de 1978 também trouxe acontecimentos funestos, que viriam escancarar a fragilidade em que se encontrava a comunidade perante uma vizinhança hostil e cobiçosa por suas terras. Mesmo com toda a visibilidade dada pelas mídias ao bairro de pretos do povo que falava uma língua africana, as investidas dos fazendeiros locais não cessavam. Trouxe para eles também a ira dos fazendeiros locais, incomodados com essa visibilidade que estava atrapalhando seus planos contínuos de invasão das terras da comunidade.

Porém, os descendentes de Dona Ifigênia pareceram estar sobre a proteção dos santos ou dos orixás da pequenina capela. O socorro chegou para os netos de Dona Ifigênia acusados de assassinato, pois se defenderam de um capanga dos fazendeiros enviado para cercar as terras. Era uma provocação, o capanga enviado era o mesmo que anos atrás foi o assassino de um dos netos de Dona Ifigênia, morto defendendo seu direito às terras pertencente a seu pai do extinto Caxambu, tomadas à força das armas e do engodo, expulsando seus moradores de lá.

No Cafundó, dessa vez, encontrou resistência ao atentar contra a vida dos descendentes da matriarca. Esses foram inocentados por legítima defesa, mas temerosos por vingança por parte dos familiares do capanga, como consequência, no ano seguinte, 1979, pela primeira vez, foi cancelada a centenária e histórica Festa da Santa Cruz.

Tentamos, até aqui, traçar um panorama sobre o papel de Dona Ifigênia, mulher preta, viúva e sozinha na criação de seus filhos num contexto de sociedade já descrito acima, a qual seguiu nessa travessia resistindo a toda opressão da sociedade baseada num patriarcado capitalista, racista e sexista.

Para ilustrar essa busca e ressignificação dessas matriarcas ancestrais, invisibilizadas, silenciadas, violadas, trago novamente um poema de Evaristo (2005, p. 74-75) que me indica o caminho a trilhar nesse percurso:

A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Na comunidade do Quilombo Cafundó, a matriarca Dona Ifigênia permanece viva na memória de seus descendentes. Sua existência está nos pontos de jongo em todo mês de maio, quando o mastro continua a ser levantado pelos seus netos mais velhos e a imagem da Santa Cruz é hasteada para a centenária Festa da Santa Cruz, por ela iniciada. Lá ela estará. Como diz Moura (2012): “A vida nas comunidades negras rurais é intercalada por sons dos instrumentos de trabalho no campo e batidas de tambores nas festas, percussões que contam história, lutas, alegrias e tristezas do povo negro” e os tambores continuam a tocar, seu legado é passado adiante e a tradição é mantida.

Nessa perspectiva e com base nessa linha do protagonismo das *Anguta*, quem irá trilhar esse caminho da religiosidade e continuar esse legado deixado por Ifigênia Maria das Dores é sua neta, Dona Maria Aparecida Rosa de Aguiar, filha de sua caçula, Dona Maria Augusta. Depoimentos encontrados em documentos sonoros e registros de imagens feitos por reportagens de revistas apontam para esse movimento de Dona Cida na retomada do sagrado de matriz africana para o terreiro da comunidade juntamente com o sagrado da capela.

Trago, na seção a seguir, os caminhos da religiosidade trilhados por Dona Cida para esse sagrado africano, num momento em que a comunidade se sente mais segura para essa retomada, já sem os temores e receios na década de 1970, de afirmarem suas práticas religiosas de matriz africana.

4.3 DONA MARIA APARECIDA ROSA DE AGUIAR: OS CAMINHOS DA RELIGIOSIDADE NO TERRITÓRIO SAGRADO

Encontro essas vozes-mulheres em documentos, sonhos e nos ramos da Baobá Ifigênia, que, como ela, continuaram na resistência e luta pela sobrevivência na terra ancestral, como também no cuidado para com os seus entes queridos. Parece-nos ter sido o caminho escolhido por sua neta, Dona Maria Aparecida Rosa de Aguiar, a Dona Cida, que viria a sucedê-la como mais uma mulher preta na liderança da comunidade. Deu continuidade na luta pela garantia de educação para as crianças da comunidade, a preservação e o ensino da “língua africana”, a Cupópia, já entendendo o tesouro cultural que sua gente carregava, e mais, ela fará a reconexão do sagrado africano no *Turi Vimba*, Terras de Pretos(as).

Vogt e Fry (2013, p. 294), tempos depois de suas primeiras “descobertas” na comunidade, trazem, nas considerações finais de seu livro, essa consciência por parte da comunidade da riqueza cultural que precisa ser preservada:

A língua vela e desvela, é um segredo que se cona a si mesmo e que se esforça para mostrar-se na sua simplicidade e estranheza. É o tesouro intangível da sobrevivência da comunidade enquanto tal. (...) A consciência desse “tesouro” reflete-se bem, quando, a propósito da “língua africana”, diz Adalto para a agência Estado: “- Não podemos perder a raiz, senão a árvore seca” (CORREIO POPULAR, 12 maio 1991, p. 19).

É o estado de ser e pertencer a um território ancestral que retoma na comunidade essa consciência do (re)existir e de honrar seus antepassados, de não deixar a raiz secar, ou seja, manter viva na comunidade a memória ancestral, o passado que é presente e futuro, ensinando para as futuras gerações quem são e de onde vieram.

A busca da cura no plano espiritual era o meio encontrado para o descaso do poder público, que não oferecia condições ou alívio às necessidades de saúde do grupo. Restava a busca pela cura nos benzimentos, quando não dentro da própria comunidade, buscavam fora. Maria Aparecida, a Cida, neta de Dona Ifigênia, em 1978 relatou como conheceu, na

cidade de Salto de Pirapora, um “benzedor”, que se dizia Pai de Santo, para que levasse a cura da doença do seu irmão:

Cida: Eu fiquei conhecendo ele por causa do meu irmão que morreu (Avelino). Ele tinha doença de ataque então ele passava muito mal. E tendo uma pessoa na casa. Então sabendo que tem um senhor que benze bem, que cura bem então a gente vai procurar né. Então a Laura falou pra mim que tinha esse homem, lá pras bandas do cemitério, no Capão Taquara, que tinha uma casa lá no Capão de Taquara e que curava muito bem. Daí eu fui lá com meu irmão. Meu irmão não queria ir, mas disse que: - Se é pra fazer o gosto vosso eu vô ir. E quem via ele assim não dizia que ele era doente. Falavam, ele não trabalha porque não quer mesmo, um moço forte desse. Ele caía muito no serviço, trabalhava em olaria, cortava lenha, mais caía no serviço. Ficava doente e se batendo, se machucava muito.

Pesquisador: Espumava a boca?

Cida: É, espumava. Tinha doença de ataque. Minha prima comadre Lurde tem, as crianças dela tem. E falavam que ele curava bem. Levei ele lá pra ver se ele curava. (DEPOIMENTOS... 1980, 025(b)).

Nesse processo de se reconectar nesse sagrado e cuidar dos seus, Maria Aparecida Aguiar busca na espiritualidade a forma de resolver os problemas da comunidade. Nessa busca, por ingenuidade, acaba por encontrar um forasteiro, oportunista, que se dizia pai de santo, conselheiro espiritual, se aproximando, assim, da comunidade com intenções duvidosas, provocando desequilíbrios e trazendo a desconfiança por parte dos moradores. O forasteiro Pernambuco, que usa de “feitiços” como forma de amedrontá-los e conseguir o que queria, pressionava buscando direitos sobre onde morar, de olho nas terras, se fazendo de importante, insinuando que sem ele por lá nada teria acontecido para a solução das terras invadidas e que até mesmo a vinda dos pesquisadores era obra do seu guia Zé Pilintra, como nos relata Cida em depoimentos:

Cida: Ele fazia trabalhos de espíritos para resolver as terras (...). Se ele viesse morar aqui era mais fácil fazer o trabalho para resolver as terras. Daí ele ficou aí né. Daí foi ficando. Se eu ficar aqui é melhor para vocês, que resolve mais depressa. Vocês me ajudam, nós não tinha dinheiro para dar para ele. Tava plantando depois de um ano foi mudando tudo. (...) O Zé Pilintra, ele disse [o benzedor Pernambuco] que até a vinda dos Senhor (pesquisadores) vir aqui e foi ele que fez o trabalho para vir, senão não tinha vindo. (...) Que se ele saísse daqui todos saíam também. (...) Que todos tavam vinda por causa dele né. (DEPOIMENTOS... 1980, 025(b)).

Se até os primeiros momentos de contato com os pesquisadores a questão da prática da religiosidade com base na matriz africana era tratada com certos pudores por parte dos moradores do Cafundó, principalmente os Caetanos, os conflitos e desmandos causados pela vinda do forasteiro Pernambuco fazem com que falem sobre o assunto, usando como estratégia palavras na língua secreta, a Cupópia, buscando, assim, chamar

a atenção dos pesquisadores e ter a ajuda para encontrar uma *Anguta da ambara para cutar*, ou seja, uma mulher da cidade para rezar, o antídoto para a doença, a *mafambura*, que é doença mandada por meio de feitiço. Acreditavam que Pernambuco havia enfeitado os moradores da comunidade quando foi expulso por eles, pois, ao deixar o local, deixou rabiscos nas paredes que acreditam ser a maldição.

Carlos Vogt e Peter Fry (2013, p. 197-198) relatam como se deu o entendimento do que estava ocorrendo na comunidade e o que eles buscavam para curar essa doença mandada: a *mafambura*.

Mafambura – só pode ser curada com reza ou pelo menos com reza misturada com remédio, o pesquisador tende a interpretar o desejo de Otávio e de sua sobrinha de ir à cidade como decorrente da necessidade de ir buscar o antídoto para a doença. Daí o pesquisador perguntar se havia alguém doente no Cafundó. A essa pergunta dona Cida responde “vavu”, que é uma forma abreviada de *vavuro* (“muito”, “grande”, “sim”). (...) Otávio repete a mesma coisa e acrescenta: *cuendou mucanda no injó* (literalmente, “andou escrita na casa”). (VOGT; FRY, 2013, p. 197-198).

Ainda sobre o entrevero acontecido com Pernambuco, em relação ao qual Otávio Caetano e Cida parecem buscar ajuda com urgência, Vogt e Fry (2013, p. 198) nos esclarecem:

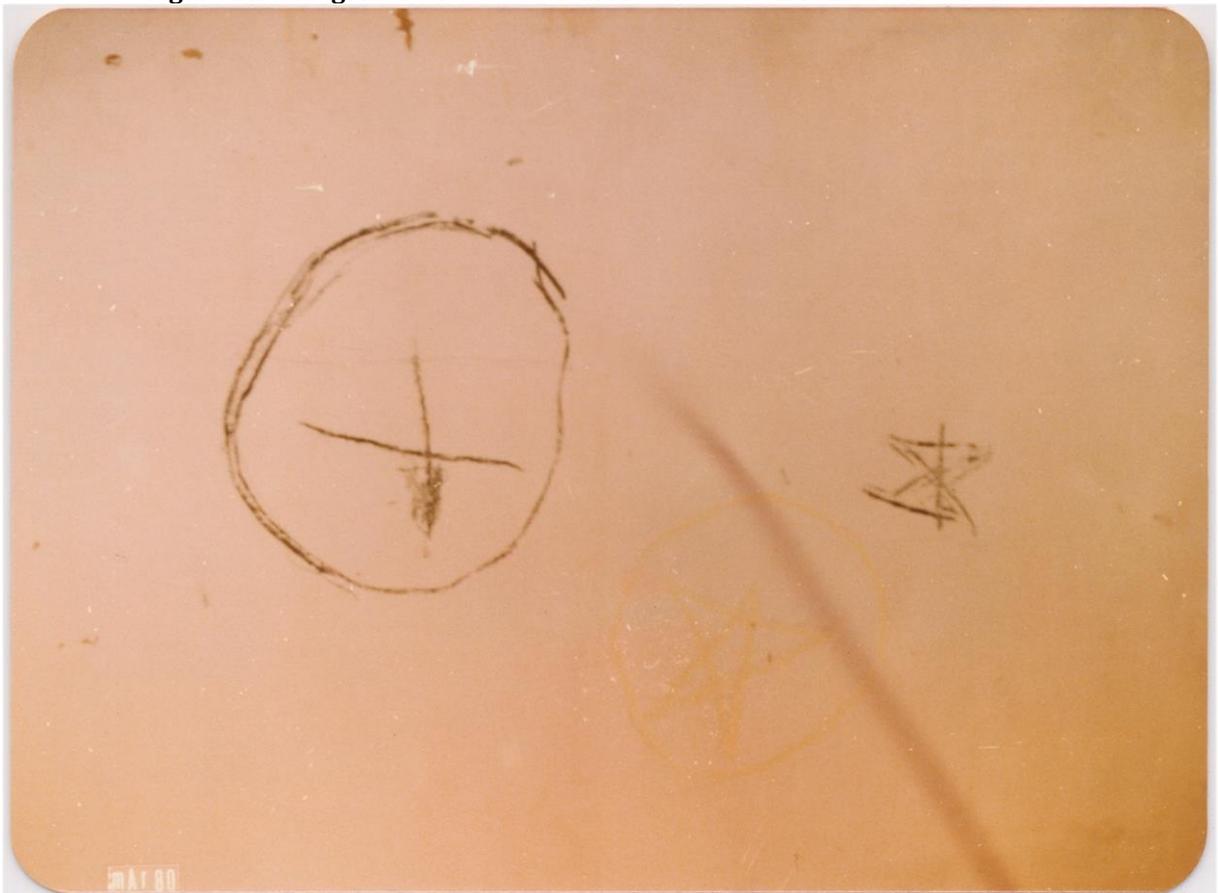
Pois bem!
Pernambuco, ao deixar o Cafundó constrangido pela briga com os Almeida Caetano, deixou também, entre os expedientes mágico-religiosos para atingi-los, dois pontos riscados desenhados nas paredes da casa que teve que abandonar. Ora, o sujeito do enunciado do Otávio só podia ser Pernambuco, e *cuendou mucanda no injó* significa, portanto, “desenhou os pontos riscados na casa”.

Nas imagens abaixo (Figura 21), podemos ver os rabiscos citados e que muito os assustou. Temerosos, Otávio Caetano e Cida realmente acreditaram na força maligna deixada na comunidade pelo forasteiro Pernambuco.

O forasteiro Pernambuco usou desse ardil, o seu falso “poder de feitiçaria” para pressionar e assustar os moradores que, temerosos, acabaram por confiar aos pesquisadores a tarefa de auxiliar na demanda contra o forasteiro e, assim, se abrem quanto suas práticas religiosas com os fundamentos da Umbanda. Dita Pires, quando questionada por Peter Fry sobre o mundo da espiritualidade e feitiçaria dos acontecimentos envolvendo o forasteiro, relata sobre o que pensava do forasteiro Pernambuco, benzedor inserido na comunidade.

Peter Fry: As pessoas podem morrer de maldades dos outros, Dona Dita?
 Dita Pires: Diz que sim, mas hoje em dia tá coisa loca né. Deus me livre. Não é mais daquele tempo, daquele pessoar bobo (ingênuo).
 Peter Fry: Dona Dita, a senhora chegou a conhecer aqueles espíritos lá do Pernambuco ou não?
 Dita Pires: Espírito? Não, Deus me livre, Deus me livre. (risos) Ele que tá de arruaça aí.
 Peter Fry: É divertida a arruaça dele ou não?
 Dita Pires: Não, com espíritos (...)
 Peter Fry: Ele curou alguém, Dona Dita?
 Dita Pires: Aqui do lugar, que eu saiba não. Vinha gente de fora, vinha muitos carros tarde da noite, não tinha dia. Depois parou um pouco, parou. Tá tudo parado agora. Eles aí (se referindo aos Caetanos) que sabem contar da arruaça dele. (DEPOIMENTOS... 1980, 029(b)).

Figura 21 - Imagem dos rabiscos deixados na casa onde morou Pernambuco



Fonte: Arquivo da Família Caetano, mar. 1980.

Dona Dita acreditava no que Pernambuco fazia, achava-o arruaceiro, mas se protegia pedindo a proteção de Deus. Entre uma resposta e outra, risos, como que debochando do arruaceiro Pernambuco. Dito isso, depois de todo o entrevero, ou como Dona Dita Pires chama, da arruaça do forasteiro Pernambuco, com êxito, ele consegue o que propunha com os tais rabiscos na parede: assustar Otavio Caetano e Cida a ponto de se abrirem com os pesquisadores. Até aquele momento, não tinham conseguido com que

falassem abertamente de suas práticas religiosas na Umbanda, sobre a necessidade de buscar outro com o mesmo poder para desfazer o feitiço.

Conseguem convencer Peter Fry a ir em busca da *Anguta da ambara para cuta*, ou seja, da mulher da cidade que reza. A Mãe de Santo Geni futuramente também se mudaria para a comunidade e seria a responsável pela iniciação da Dona Cida nos fundamentos da Umbanda, levando o Terreiro para o *Turi Vimba* e, com ela, as práticas da religião africana.

Abaixo, trago o áudio 34(a), que nos conta que Peter Fry vai com a Cida até o centro da Geni, onde podemos ver indícios de como se deu essa reconexão de Maria Aparecida, a Dona Cida, com a religião dos seus ancestrais:

Geni: Na Quinta-Feira Santa a gente foi homenageá os home do mato, os caboclo do mato, a gente foi cantar.

Cida: Os orixás (fala ao fundo)

Geni: Os orixás, a gente vai cantar, a gente vai homenagea, sabe o que é homenagea, dá homenage a eles.

Pesquisador: Ahaham

Geni: Então nós tinha o desejo de conhecê o cafundó, a gente já conhece a Cida, quer muito bem ela, e nessa data a gente conhecia só ela. A gente queria conhecê a família inteira, então nós tivemos lá no mesmo tempo fazendo nossa firmeza, cantando o nosso santo e reunido com eles. Passemos a noite reunido né, mas sem fundamento, sem o mínimo, nem o maior nem o menor detalhes.

Pesquisador: Huhumm!

Geni: A gente foi pra passear, pra visitar, levemo atabaque, levemo ogan da casa de Santa Rosa. A gente amanheceu cantando, homenageando os caboclos, os home do mato e conhecendo eles.

P: Huhumm

Geni: Mas não tem outro fundamento.

Cida: Achamo bacana.

Percebemos aqui o quanto Cida já estava envolvida com os integrantes do centro e, principalmente, como estava se apoiando nos conselhos de Geni, que se aproximou da comunidade, aparentando ter criado com eles uma relação mais pessoal. Durante o relato de como tinha sido essa noite passada na comunidade, o pesquisador retornou ao assunto que os levou a procurar a ajuda da Mãe de Santo Geni, os vestígios ou, como eles acreditavam, os rabiscos de feitiço deixados por Pernambuco na Comunidade:

Pesquisador: Não, mas ele, vocês acharam a tal da, do trabalho do outro lá o...?

Geni: Tinha lá um negócio lá pro chão, mas isso é coisa de mania, isso é coisa de mania de benzedor.

Geni prontamente diminuiu a importância do feito do Pernambuco, reduzindo o estratagema dele a mera mania de benzedor, sem deixar de exibir a sua superioridade no fundamento como Mãe de Santo de nação angola. Como vemos aqui na continuação dos depoimentos:

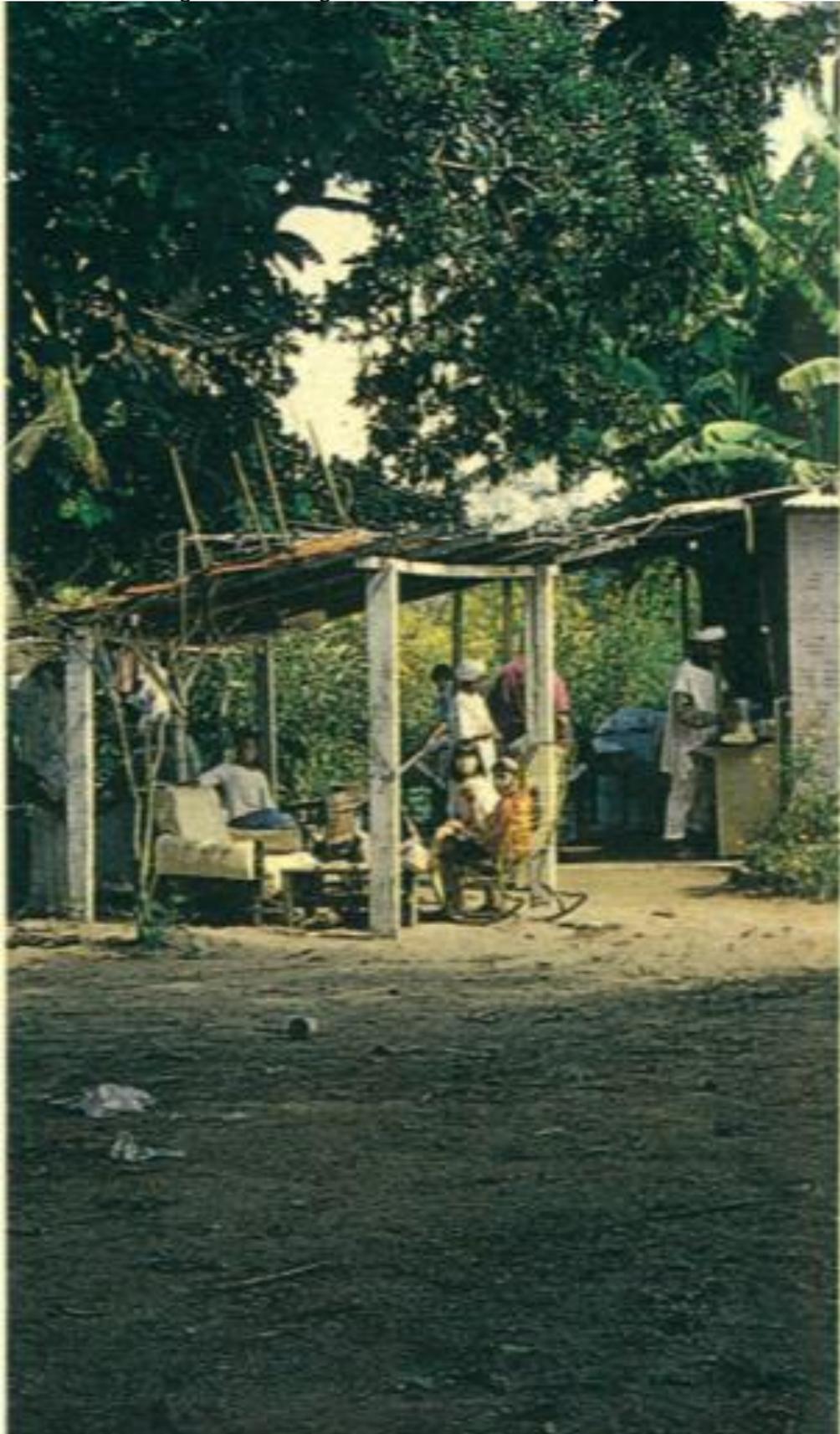
Cida: Besteira de pessoa que não (...).
 Geni: Manias de benzedor que não é de nação como eu sou, eu sou de Nação Angola, mas sou de teta, fiz meu santo 7 anos, tenho 36 de trabalho. Mas eu não sou benzedeirinha assim como ele foi não. Aquilo é mania de benzedor.
 Pesquisador: Risos (Parece se divertir com a forma como Geni se desfaz das peripécias do Pernambuco).
 Geni: É uma coisa assim, eu vou enterrar aquela pedra ali, vou amedraçá-los, sabe o que é medraçá-los, é isso aí.
 Pesquisador: Mas ele conseguiu amedrontar né?
 Geni: Conseguiu amedrontar, com aquelas coisas ele queria ver se conseguia bobeá eles e ficar ali sendo dono da terra.
 P: Huhumm. Mas a senhora acha que ele não vai conseguir fazer nenhum mal pra eles não?
 Geni: Ahaa, não. Que aqui a linha de santo se ele tentar qualquer coisa a gente defende. Pra isso a gente tá defendendo eles, ohoooo.
 Pesquisador: Ah é? É que ele deixou algumas coisas escritas na parede daquela casa?
 Geni: Deixou, image.
 Pesquisador: A senhora viu?
 Geni: Vi tudo.

Em determinado momento da entrevista, o pesquisador Peter Fry comenta com Geni sobre como ele reconhecia a força e protagonismo da Dona Cida, dando a entender que era um reconhecimento sobre sua liderança nata, como podemos perceber aqui na continuidade do áudio 34(a):

Pesquisador: A Cida é uma pessoa muito forte, né?
 Geni: Forte.
 Pesquisador: Ela sempre foi fortíssima, né?
 Homem não identificado: Forte e vidente.
 Geni: É sim.
 Homem não identificado: Forte, vidente, que não desenvolveu ainda.
 Pesquisador: Uhummm
 Homem: Olha, meio caminho andado já tem.
 Geni: Mas ali de toda a família ela é a mais desenvolvida.

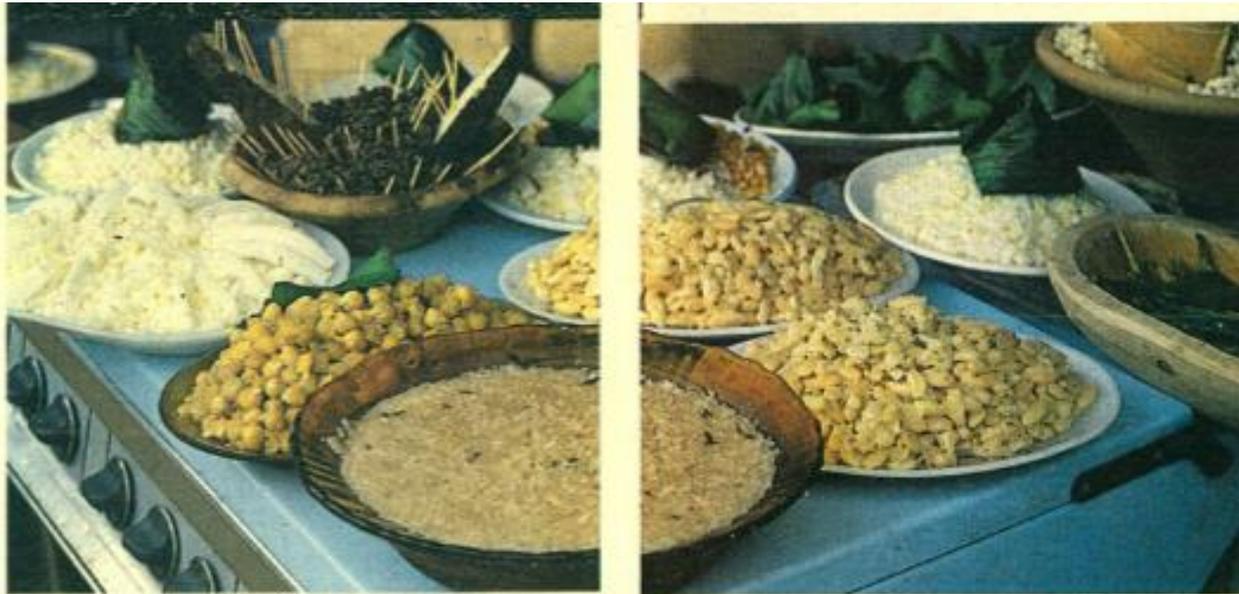
Percebe-se, nos relatos acima, que a viam como uma liderança tanto para o cuidado com a comunidade como também como aquela que, recebendo os fundamentos, seria também uma futura líder religiosa trazendo o Terreiro, com seus fundamentos da Umbanda, para dentro da comunidade. Agora, fortalecida e sem os receios de esconder sua religião de matriz africana, poderia seguir com os rituais aos seus Orixás, dando continuidade à linhagem dessas *Anguta*, mulheres na liderança e no cuidado com seus entes queridos e quem mais chegasse precisando do seu auxílio, cuidados e rezas. Abaixo, imagens da Revista da Folha de S. Paulo de 14 de maio de 1995 (p. 18-19):

Figura 22 - Antigo centro comunitário do Quilombo



Fonte: Folha de S. Paulo, 14 maio 1995. Disponível em:
<https://acervo.folha.uol.com.br/digital/leitor.do?numero=12788&keyword=Cafundo&anchor=5647887&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=7090479012028316133c902f11e52dad>.

Figura 23 - Comidas de Santo na Festa de Oxóssi



decimento numa capelinha que fica logo à entrada, cujas estantes misturam estátuas de santos a copos com água, velas e plantas.

Caxapura e mafambura

No dia em que deu a entrevista, dona Cida levava ramos de arruda atrás das orelhas. “É para sarar uma mafambura que me puseram e que deu dor de cabeça”, revelou. Funcionou.

“Agora, quando a pessoa fica doente

Acima, à esquerda, barracão de tijolo e telha de amianto onde acontecem as reuniões da comunidade; à esquerda, vatapá preparado para a festa mais tradicional da comunidade, a “Saída dos Santos”, como chama dona Cida, ou a “Saída de Oxóssi”, como prefere seu irmão mais velho

► COMO CHEGAR

De São Paulo, vá pela rodovia Raposo Tavares até a saída para Salto de Pirapora. Na entrada da cidade, pegue a rod. Salto-Pilar até o km 6. Ali, entre à dir. na estrada de terra que vai à Barra. Então, ande seis km (indicados por placa) até Cafundó

chegar, os dois não aguentaram, o nervo deles estourou.”

Misturou tudo

Dona Cida garante que atualmente os brancos são até aceitos em Cafundó.

Fonte: Folha de S. Paulo, 14 maio 1995. Disponível em:

<https://acervo.folha.uol.com.br/digital/leitor.do?numero=12788&keyword=Cafundo&anchor=5647887&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=7090479012028316133c902f11e52dad>

Figura 24 - Maria Aparecida Aguiar, a Cida, na Capela de Santa Cruz



Fonte: Arquivo pessoal dos Caetano, c. 1990.

Como vimos, nas Figuras 22, 23 e 24 acima, mas sem nos aprofundar, o Sagrado tanto de matriz africana como católica coexistiram na comunidade.

Maria Aparecida Aguiar, após a morte de seu tio Otávio Caetano, assumiu a liderança do quilombo, dando, assim, continuidade nessa linhagem de mulheres na liderança. Cuidando dos seus, surgiu a preocupação com algo que ela considerava primordial para que os *camanacos*, as crianças, pudessem avançar nos estudos: uma escola para a comunidade. Dona Cida percebeu a importância do ensino da língua para os mais jovens como forma de manter a cultura ancestral e trouxe para dentro da comunidade o Terreiro, suas práticas religiosas de matriz africana, agora sem receios.

Figura 25 - Maria Aparecida Aguiar, cozinhando na cozinha comunitária



Fonte: Arquivo pessoal dos Caetano, c. 1990.

Na Figura 25, por volta da década de 1990, Dona Cida, uma liderança reconhecida na comunidade, assumiu a coordenação da cozinha comunitária, construída na comunidade como forma de auxílio aos mais necessitados.

Figura 26 - A morte de Dona Cida nas páginas do Jornal Cruzeiro do Sul



Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul, 10 nov. 1999.

Maria Aparecida Rosa Aguiar, a Dona Cida, seguiu honrando o legado de sua avó Dona Ifigênia Maria das Dores com o sagrado e os cuidados com seus entes queridos até seu falecimento precoce, aos 54 anos, em 1999, como noticiado acima num dos principais jornais da região de Sorocaba.

Com sua partida para o *Orum*⁶, há um vácuo na liderança. Ocorre a extinção da casa de reza com o Terreiro que foi derrubado, religiosidade que está recentemente voltando pela iniciativa de uma neta dos últimos moradores do extinto Caxambu, comunidade irmã do Cafundó, Cíntia Aparecida Delgado, sobre quem farei um breve relato nas Considerações Finais desta pesquisa.

⁶ Em Iorubá, *Orum* é céu.

No próximo capítulo, trago a boa prosa com Dona Benedita Pires Pedroso. Dando continuidade às vozes das *Anguta* desse Quilombo Mulher, nos aprofundaremos na história de sua vida e da sua grande contribuição na ressignificação de um quilombo do passado, do qual foi testemunha ocular das diversas transformações pelo qual passou o território. Dona Dita, a mais velha da comunidade, a memória oral do Cafundó, irá mapear o território, dando as trilhas na qual os pesquisadores irão seguir para o encontro de vários documentos oficiais que irão ajudar no reconhecimento e retorno das terras invadidas para a comunidade do Cafundó.

5 DONA BENEDITA PIRES PEDROSO: A MEMÓRIA ORAL DO *TURI VIMBA*

É pensando no protagonismo de Dona Ifigênia Maria das Dores como uma das Baobás da Comunidade do Quilombo Cafundó, essa mulher negra, forjada na necessidade de (re)existência própria e dos seus, que trago para ajudar a compor esse território e seu passado sua sobrinha, filha de Antonia Maria das Dores, também nascida em terras do Cafundó e contemporânea de Dona Ifigênia, Benedita Pires Pedroso, uma das mais velhas da comunidade no momento da “descoberta” em 1978 do vilarejo de pretos. Sim, uma Matriarca que, mesmo não tendo se casado ou tido filhos, foi mãe de criação dos seus irmãos e também dos filhos dos seus senhores por onde trabalhou.

Com ela reconstruímos um passado, onde testemunhou fatos relevantes que iriam reescrever a história desse Quilombo Mulher. Ela, a memória viva a dar as trilhas indicativas desse território de afeto e onde estariam documentos que iriam dar reconhecimento e resgate de suas terras ancestrais, como podemos notar no depoimento abaixo:

Pesquisadora: Então a terra quando ele doou foi pra lá? É aqui perto? Sobre as terras doadas e breganha...

Dita Pires: Era pra ser num bairro que chamava Faxiná.

Pesquisadora: Onde o senhor queria dar?

Dita Pires: Onde ele deu.

Pesquisadora: Onde ele deu era Faxiná? E quem fez a barganha?

Dita Pires: Aqui a breganha foi um, meu avô com um senhor que morreu chamado Rafé Teixeira.

Pesquisadora: Rafé Teixeira?

Dita Pires Pedroso: É.

Pesquisadora: E vocês saíram de lá, trocaram a terra e ficaram com essa daqui. E a terra de lá não era melhor não?

Dita Pires: Não. Era uma por outra.

Pesquisadora: Era o mesmo tamanho e tudo?

Dita Pires: Não, não era tamanha, era partes.

Pesquisadora: Partes?

Dita Pires: Partes. Não era quadro fechado, era uma parte. Inté tinha uma escritura que foi perdida, extraviou. Era uma parte de 100 mil cruzeiros, no campo no bairro do Engenho.

Pesquisadora: No Bairro de Engenho?

Dita Pires: Aqui é Bairro de Engenho.

Pesquisadora: Aqui é Bairro de Engenho?

Dita Pires: É. Antigamente.

Pesquisadora: E o outro era?

Dita Pires: Faxiná.

(DEPOIMENTOS.... 1978, 011(b)).

Dona Dita Pires demonstra no depoimento acima seu conhecimento da importância dos papéis, como escritura, registros e locais onde se guardavam esses

documentos, mostrando o quanto estava familiarizada com esse contexto devido à convivência, por muito tempo, dentro e fora da comunidade, ao estar entre fazendeiros que tratavam de negócios, propriedades, papéis e sua importância como garantia de direitos:

Pesquisadora: E essa, não tem um papel dessa troca?
 Dita Pires: Perderam. Tem em Sorocaba. Antiga Sorocaba. É pra ter lá no cartório. Que foi levado lá, antes do Foro.
 Pesquisadora: Antes do Foro?
 Dita Pires: Antes do Foro.
 Pesquisadora: Em que Cartório seria?
 Dita Pires: Não sei. Que nesse tempo eu era mais criança. O cartório que tem em Sorocaba. Acho que era um só que tinha. Era um só.
 Pesquisadora: Essa breganha foi feita no papel?
 Dita Pires: É.
 Pesquisadora: Passaram a escritura no papel, a troca?
 Dita Pires: A troca.
 Pesquisadora: É essa que perdeu? E essa escritura que tem agora?
 Dita Pires: Essa escritura que tem agora eu não sei como é.
 Pesquisadora: Como é que foi feita?
 Dita Pires: É.
 Pesquisadora: Não é a primeira mesmo?
 Dita Pires: Não é a primeira. A primeira é pra tá no foro de Sorocaba. Porque diz que não perde né.
 Pesquisadora: É, não é pra perder. Porque se registrou, tem que estar lá.
 Dita Pires: Então, que nem é registrado. Esse tempo não tinha.
 Pesquisadora: Mas se a gente quiser perguntar se existe ainda lá no cartório de Sorocaba. A gente procura como. A troca que foi feita da terra do Faxiná?
 Dita Pires: Pois é, é difícil agora, do que foi no cartório, depois que mudou, que fizeram o foro, passou tudo de Sorocaba pro foro.
 Pesquisadora: Passou pro foro?
 Dita Pires: Passou pro foro.
 Pesquisadora: E a terra que chama lá. Terra do Faxiná que eles trocaram pela terra daqui. Como é que chamavam?
 Dita Pires: Bairro do Engenho.
 (DEPOIMENTOS.... 1978, 011(b)).

São suas memórias que irão ajudar a desenhar o mapa das terras ancestrais que foram roubadas por grileiros:

Dita Pires: É. É pra lá do rio.
 Pesquisadora: Como que chama o nome?
 Dita Pires: É Faxiná mesmo.
 Pesquisadora: A gente pode ver isso, se existe?
 Dita Pires: É um pouco difícil, mas pode.
 Pesquisadora: E a escritura que tem agora. É daqui mesmo?
 Dita Pires: É daqui mesmo. É eu perguntei pra, pros cartório, se podia, ela falou que podia tirar outro. Mas fica muito caro.
 Pesquisadora: Fica muito caro?
 Dita Pires: Fica muito caro. Pra tirar, pra mexer a papelhama inteirinha, pra descobrir fica um dinheirão.
 Pesquisadora: Essa do Faxiná?
 Dita Pires: Coisinha de nada. A gente já não tem mesmo e agora, onde que a gente vai achar não.

Figura 27 - Foto de Dona Benedita Pires Pedroso



Fonte: Arquivo pessoal da Família Caetano, 1978.

Pesquisadora: Pois é.
 Dita Pires: A gente já tá com a vida curta.
 Pesquisadora: Mas, temos outros ainda, os pequenos.
 Dita Pires: mas eles já se viram.
 (DEPOIMENTOS... 1978, 011(b)).

Dona Dita Pires vai buscando memórias que se tornarão fatos comprobatórios do pertencimento de fato das terras ancestrais, ela dará as trilhas, o mapa por onde eles irão seguir na busca dos documentos.

5.1 A HISTÓRIA DE VIDA: RECONSTITUIÇÃO DE UM TERRITÓRIO DE LIBERDADE

Dona Benedita Pires em momento que parece mais a vontade em compartilhar suas memórias com o pesquisadores, os quais parecem ganhar a confiança e a gentileza da matriarca que recebe os “Doutores” em sua pequenina e acolhedora casa, onde narra sua história de vida em depoimentos de 1979, fala sobre seus pais, a gravidez da mãe Antonia Maria das Dores, irmãos, trabalho, os apadrinhamento as histórias contadas do tempo da escravidão e também as festas, encontros em tempos de liberdade. Ela inicia contando sobre a mãe, ainda escrava, menina ainda, dada de presente de casamento para a filha dos seus senhores:

Carlos Vogt: Onde fica Jundiacanga?
 Dita Pires: Fica pra lá de Araçoiaba da Serra.
 Carlos Vogt: Certo, então é o mesmo Joaquim Leme também. Tem escrituras lavradas lá, falando de terras em Jundiacanga.
 Dita Pires: Ahaaa é é!
 Carlos Vogt: O mesmo Joaquim Leme sim. Que casou com Leopoldina, a senhora lembra? Leopoldina era filha de Joaquim Manoel de Oliveira. Que explica como é que ele conheceu sua mãe.
 Dita Pires: A minha mãe foi escrava dela.
 Carlos Vogt: Ahaaa é, Antonia?
 Dita Pires: É.
 Carlos Vogt: Onde isso?
 Dita Pires: Em Jundiacanga primeiro e, nos finais, em Jundiacanga.
 Carlos Vogt: Ela morava lá, Antonia, em Jundiacanga?
 Dita Pires: Ela foi pra lá com o sinhô.
 Carlos Vogt: Ela foi com Joaquim Leme pra lá?
 Dita Pires: Foi. Era cativa né.
 Carlos Vogt: Mas ela já era casada com seu pai?
 Dita Pires: Não, ela era criada nova, mocinha nova.
 Carlos Vogt: Então quer dizer que os dois filhos, Joaquim e Crespim eram os primeiros filhos dela?
 Dita Pires: Eram os primeiros.
 Carlos Vogt: Depois que veio a senhora então, logo depois?
 Dita Pires: Ahaa, depois de muitos anos.
 Carlos Vogt: Depois de muitos anos, então?
 Dita Pires: Depois que entrou a liberdade, que passado uns 3 ou 4 ano aí que minha mãe casou com meu pai.

Carlos Vogt: E ela gostou do Joaquim Leme ou não? A senhora sabe?
 Dita Pires: Decerto que gostou, teve dois filhos não.
 Carlos Vogt: Mas talvez ela foi forçada não? É possível?
 Dita Pires: Que ela era nova.
 Carlos Vogt: Quantos anos ela tinha quando ela casou, a senhora sabe ou não?
 Dita Pires: Quando ela casou com meu pai parece que tinha 19 anos (não corresponde, ela teria por volta de 24 ou 26 anos).
 (DEPOIMENTOS... 1979, 021(a)).

Dona Dita fala sobre os irmãos mais velhos filhos do ex-senhor de sua mãe Antônia Maria das Dores que só ganha a liberdade com a abolição e vem para o Cafundó com um filho na barriga e outro já quase adolescente, filhos pardos e bastardos, nunca foram reconhecidos pelo pai fazendeiro branco e dele nada herdaram:

Carlos Vogt: E ela criou Crespim e Joaquim. A senhora se criou junto com eles.
 Dita Pires: Junto com eles, mesma família, junto.
 Carlos Vogt: E eles eram brancos ou?
 Dita Pires: Eles eram claro.
 Carlos Vogt: Claro?
 Dita Pires: É, eram claro.
 Carlos Vogt: Que fim levou esses dois?
 Dita Pires: Morreu os dois.
 Carlos Vogt: Casaram?
 Dita Pires: Casaram.
 Carlos Vogt: Aqui?
 Dita Pires: Os dois casaram aqui, depois morreram.
 Carlos Vogt: Aqui onde?
 Dita Pires: Aqui em Salto de Pirapora que eles casaram.
 Carlos Vogt: Mas eles tiveram filhos?
 Dita Pires: Tiveram sim?
 Carlos Vogt: E moram por aí?
 Dita Pires: Moram, do Crespim tem bastante e moram em Salto. Do Joaquim tem só uma filha e um filho, ela mora em Sorocaba e ele em Campinas.
 Carlos Vogt: A senhora lembra os nomes dos filhos do Crespim ou não?
 Dita Pires: Do Crespim são José, falecido, Alzira, Benedita, Tonica, Gentir, Pedro, moram em Salto de Pirapora.
 Carlos Vogt: Como é que assinavam o nome?
 Dita Pires: Pois agora a assinatura (sobrenome) deles, eu não sei se é assinatura do pai ou outra assinatura. Eles moram aqui em Salto.
 Carlos Vogt: Eles herdaram alguma coisa do pai quando ele faleceu?
 Dita Pires: Herdaram um pedacinho de terra aí na frente, que era do meu irmão, que ele comprou.
 Carlos Vogt: Mas não herdaram nada do Joaquim Leme?
 Dita Pires: Não, não, isso não.
 Carlos Vogt: Não deixou nada pra eles.
 Dita Pires: Absolutamente nada.
 Carlos Vogt: Quer dizer que ele não reconheceu os filhos?
 Dita Pires: Acho que não reconheceu porque não pegaram nada. A família naturar é difícil né. Agora, herda não?
 Carlos Vogt: Só se o pai assina.
 Dita Pires: É
 (DEPOIMENTOS... 1979, 021(a)).

E a prosa continua, entre um assunto e outro, dona Dita Pires se esmera em gentilezas com a visita do doutor, lúcida e coerente em suas respostas vai reconstruindo sua história e dos seus:

Carlos Vogt: Quem foi o sinhô que deu aqui pra eles?

Dita Pires: Foi o Joaquim Manoel de Oliveira.

Carlos Vogt: Quando ele deu, ele deu pra sua mãe?

Dita Pires: Não. Ele deu pra minha vó Ricarda.

Carlos Vogt: Foi antes ou depois da escravidão?

Dita Pires: Foi na liberdade, eles saírem. Quando eles saíram dos sinhô. O sinhô deu esses pedacinho de terra pra eles se colocarem. E diz que deu mais pra outros pra esse lado de Pilar, pra esses lado lá que nem eu conheço. Com licença então que eu vô passá um cafezinho.

(DEPOIMENTOS... 1979, 021(a)).

Pedindo licença para o entrevistador, levanta-se devagarinho, pode-se ouvir o som característico do arrastar de suas chinelinhas indo para o fogão preparar o café para o doutor e, de lá, continua a conversar de longe em voz alta, como se falasse consigo mesma, tentando entender essa linha do tempo histórica em que ela e os seus estavam inseridos:

Carlos Vogt: O que Dona Dita?

Dita Pires: Faz muito anos não?

Carlos Vogt: Que aconteceu tudo isso?

Dita Pires: A liberdade não?

Carlos Vogt: Ahaaa, já faz bastante. Estamos em 1980. Faz 92 anos

Dita Pires: 92 anos!!!!

Carlos Vogt: 92 anos.

Dita Pires: Nossa!!!!

Carlos Vogt: Bastante né?

Dita Pires: Aí, demais.

(DEPOIMENTOS... 1979, 021(a)).

Ouve-se barulho de mexer nos utensílios para o preparo do café, para as visitas, e a prosa à distância em voz alta continua:

Carlos Vogt: A senhora sabe em que lugar nasceu sua mãe, Dona Dita, ela nasceu aqui?

Dita Pires: Aqui não foi doutor, isso que não sei, onde ela nasceu?

(DEPOIMENTOS... 1979, 021(a)).

Café pronto, o som característico do arrastar as chinelinhas, Dona Dita vem trazendo devagar para a mesa. Ouve-se barulho das xícaras sendo postas na mesa e a conversa não para:

Carlos Vogt: Não nasceu em Jundiacanga não?

Dita Pires: Não, Jundiacanga ela foi depois que casou essa Leopoldina, e que o sinhô mandou ela junto ca filha. (DEPOIMENTOS... 1979, 021(a)).

Entre as perguntas e respostas, ela parece apontar para as xícaras, um presente pela metade da prefeitura, se desculpendo meio zombeteira a falta dos pires:

Dita Pires: Esse... A prefeitura trouxe de presente pra nós de natar, as xícara sem pires (zombeteira, sorri) (...). Chegue sua cadeira mais pra perto dotô.
 Carlos Vogt: Não, tô legal. E a senhora fica em pé, não é legal né
 Dita Pires: Não, fico em pé, tô acostumada.
 Carlos Vogt: E o coração da senhora?
 Dita Pires: Mas agora já tá bom doutor. (risos)
 Carlos Vogt: Mas tem que descansar. A senhora não vai tomar café?
 Dita Pires: Depois eu tomo, já tomei já hoje. (...)
 Dita Pires: Mais um cafezinho?
 Carlos Vogt: Ahaa, eu tomo. (...)
 Carlos Vogt: Quando eles vieram pra cá, dona Dita, a senhora já tinha nascido?
 Dita Pires: Não senhor. A depois de muito. Minha mãe casô aqui.
 Carlos Vogt: Sua mãe casou aqui?
 Dita Pires: Tinha uma casa dessa, a casona velha deles do tempo que veio de lá, é ali onde o Tavio mora.
 Carlos Vogt: É lá que eles moravam?
 Dita Pires: É.
 (DEPOIMENTOS... 1980;1984, 021(b)).

Até o momento dos questionamentos sobre a mãe em tempo de liberdade, responde prontamente, sem titubear. Risonha, atende as visitas com cortesia. Mas quando os questionamentos são do tempo do cativo da mãe e, como se ativasse memórias sobre sua mãe Antonia Maria das Dores, parece trazer lembranças de um passado doloroso da escravidão, que ela gostaria de esquecer. Durante as entrevistas com Carlos Vogt, ao tocar nesse assunto, sua voz baixa, parece estar quase sussurrando, um misto de tristeza e vergonha. Memórias dolorosas:

Carlos Vogt: A senhora não lembra, sua mãe não contou histórias da sua juventude na casa da dona Leopoldina? Não lembra?
 Dita Pires: Não lembro doutor.
 Carlos Vogt: Casos que aconteceram?
 Dita Pires: Eles sempre conversavam dos antigos, quando estavam conversando, contando seus causos, mas nós criança não dexava perto.
 Carlos Vogt: Eu pensei o seguinte. Vamos pensar que Joaquim Leme, que chegou casadinho, ao lado tinha Antonia, bonita, jovem, escrava né. Dois filhos dentro de casa. O que dona Leopoldina achava disso?
 Dita Pires: (...) inaudível a resposta dada, parece cochichar engolir as palavras.
 Carlos Vogt: A senhora não tem fotografias da sua mãe?
 Dita Pires: Não tem nunca ela quis tirar.
 (DEPOIMENTOS... 1980; 1984, 021(b)).

Algo que é uma constante durante os depoimentos de Dona Dita Pires Pedroso eram os questionamentos sobre sua mãe no tempo do cativo. Ela baixava a voz, como se não quisesse falar sobre, demonstrando tristeza. Responde baixinho, quase sem voz, como se fosse uma menininha frágil e insegura. Durante o depoimento, percebe-se que havia um código comportamental com relação às crianças, que eram afastadas das

conversas dos adultos, algo que já vimos acima, nos relatos também do seu Otávio Caetano sobre o momento de aprender a língua secreta, falada entre os adultos. Era como se houvesse um ritual de passagem, onde as crianças seriam aceitas no mundo e conversas de adultos quando já estivessem em tempo de trabalhar, namorar ou casar.

Em abril de 1980, Dona Dita Pires recebeu a visita em sua casa do também pesquisador Peter Fry. Percebe-se que ele a conquistou e, assim, mais à vontade, narrou por horas sobre sua mãe Antônia Maria das Dores, até mesmo sobre tempos de cativo e sua relação com os seus senhores, os Leme. A senhora o recebeu com limas sobre a mesa, e ele prontamente pediu permissão para chupar uma laranja lima. Situações engraçadas aconteceram com o jeito desajeitado dele em descascar a laranja, o que pareceu ativar nela, nesse momento, o lado maternal de cuidado. Pode ser essa fragilidade demonstrada por ele, proposital ou não, o que funcionou, deixando-os bem à vontade um com o outro:

Peter Fry: Posso chupar uma?
 Dita Pires: A vontade. Quer que eu descasque pro senhor?
 Peter Fry: Não, não precisa.
 Dita Pires: Ahaa, mas assim é ruim doutor.
 (DEPOIMENTOS... 1980, 029(b)).

Dona Dita pareceu escandalizada como o modo como ele descasca a laranja, parecendo fazer isso com as mãos:

Peter Fry: Aí, eu não sei, não sei descascar.
 Dita Pires: Doutor não quer que eu descasque?
 Peter Fry: Mas que doce! E a sua Bisavó Ifigênia ela contava da escravidão, Dona Dita?
 Dita Pires: Minha bisavó eu não tenho lembrança.
 Peter Fry: A sua mãe, a sua avó contava?
 Dita Pires: Ela contava alguma coisa.
 Peter Fry: Era a dura a vida?
 Dita Pires:(...) Era bom, tiveram sorte.
 Peter Fry: Aha é. Quer dizer que eles tinham sorte?
 Dita Pires: Que tinha sinhô que matava os escravo.
 Peter Fry: Quem eram os senhores? Como é que eu faço, corto aqui, corto aqui?
 Assim?
 Pires: É.
 (DEPOIMENTOS... 1980, 029(b)).

O pesquisador visitante parece ainda labutar no descascar da laranja, enquanto continua a prosa com Dona Dita que, atenta ao que ele estava fazendo, parece querer ensinar o moço a descascar a fruta. Ouve-se o arrastar de suas chinelinhas até a porta, onde chama por alguém, ao que apareceu um menino que estava por perto. Ela dá um grito, pedindo ao menino para subir na laranjeira apanhar mais frutas para a visita:

Dita Pires: Vê se apanha pra mim?
(DEPOIMENTOS... 1980, 029(b)).

Entre se deliciar com a doçura da lima e labutar para descascar a fruta, sobre o olhar atento e escandalizado de Dona Dita de como um homem feito não sabia descascar uma fruta, o pesquisador continuou querendo saber mais sobre o tempo da escravidão:

Peter Fry: Como que era o castigo?

Dita Pires: Às vezes deixavam de castigo, às vezes surravam.

Peter Fry: Sua mãe foi surrada?

Dita Pires: Diz que ela nunca apanhou, mas tomava castigo. Mas desse lado que tem aqui, que é do lado africano desse lado aí. Nossa!!!! Até matar matavam, bastava fazê qualquer coisa errada que o sinhô não gostava, matava de surra.

Peter Fry: Quem era esse senhor, Dona Dita?

Dita Pires: Xiiii, nem me lembro. Lembro deles contarem, falarem, meus avô contava, na roça, ele pegava o animal, que tinha cavalo bom e saia para passar o serviço, se tava de acordo e se não tava, com a guasca do (...) ele surrava eles trabalhando. Que horror não?

Peter Fry: Mas o senhor da sua avó não era assim? Mas castigava?

Dita Pires: Castigava.

(DEPOIMENTOS... 1980, 029(b)).

Dona Dita respondia já baixando a voz, como se já estivesse enfadada com as perguntas, e Peter Fry continuava querendo saber mais sobre a vida de sua mãe Antonia:

Peter Fry: Mas na última vez que estivemos aqui, dona Dita, a senhora falou que sua mãe, antes de casar, trouxe esses dois filhos, os dois irmãos natural, Joaquim era um. Isso foi antes da abolição?

Dita Pires: Senhor?

Peter Fry: Isso foi antes da...?

Dita Pires: Da liberdade, foi antes.

(DEPOIMENTOS... 1980, 029(b)).

Durante a conversa, uma criança chama na porta pedindo algo para Dona Dita, que interrompe a conversa para atender quem estava na porta: “Dita Pires: O que que você quê?” Ela levanta, fazendo o barulho característico do arrastar das chinelas e perguntando para o pesquisador se quer mais laranjas:

Dita Pires: Quer mais doutor, eu descasco?

Peter Fry: Não, obrigado.

Dita Pires: Ai quer, chupa.

Peter Fry: Não, não eu não quero não.

Dita Pires: Vocês estão amolando.

(DEPOIMENTOS... 1980, 029(b)).

Parece ralhar com a criança que veio pedir algo, repreendendo baixinho por ficar interrompendo a conversa com o doutor. Ouve-se ao fundo o som de uma lata se abrindo e o barulho do que parecem feijões sendo colocados em uma lata ou caneca. Dona Dita,

como se falasse consigo mesma, parece refletir sobre as durezas da vida e retoma a conversa com o pesquisador visitante:

Dita Pires: Ingrato.
 Peter Fry: Ingrato. Ingrato por quê?
 Dita Pires: Porque tanto tem o regalo como tem o sofrimento, não?
 Peter Fry: Isso sim, mais uma coisa que queria saber sobre a senhora, não sei se vai se lembrar. Quando sua mãe teve esses dois filhos com o senhor Joaquim Leme, ele era dono dela então?
 Dita Pires: Era sinhô.
 Peter Fry: Era senhor dela então? A senhora acha que ela foi forçada, ela falou?
 Dita Pires: Nunca. Pra mim ela não falou. Que ela era nova.
 Peter Fry: Novíssima.
 Peter Fry: Mas o que que a Dona Leopoldina achou dessa história toda?
 Dita Pires: O quê?
 Peter Fry: O que Dona Leopoldina achou dessa história do marido dela?
 Dita Pires: Não sei, eles ficaram tudo junto. Não sei o que, que vida que eles viviam. Havia de não viverem muito bem não?
 Peter Fry: Quer dizer que sua mãe nunca falou disso com a senhora?
 Dita Pires: Pra mim não. Ahaaa, a vida em cativo era mardita, isso pra mim era vida selvagem.
 (DEPOIMENTOS...1980, 029(b)).

A senhora parece se revoltar com as injustiças do cativo cometidas com seus entes queridos, ativas as memórias ainda tão doloridas de um Brasil que escravizou e desumanizou pessoas. Como ela diz, o cativo era uma vida maldita e nos conta mais sobre os casos que ouvia dos mais velhos do tempo de escravidão:

Dita Pires: Às vezes, quantas veiz minha avó falava que quantas veiz escravas, que tinham assim família não deixava aparecer. Muitos acaba com isso.
 Peter Fry: Não entendi Dona Dita. (DEPOIMENTOS... 1980, 029(b)).

A matriarca relata uma das histórias que ouviu da avó sobre os filhos do estupro praticados pelos senhores brancos e abortos que as mulheres escravizadas eram obrigadas a fazer para escapar da fúria das sinhás:

Dita Pires: Ficavam grávida e perto de haver o que havia a criança, desaparecia.
 Peter Fry: Aha é?
 Dita Pires: É.
 Peter Fry: Quem fez isso?
 Dita Pires: Ahaaa, faziam no tempo da escravidão.
 Peter Fry: Mas quem fez isso?
 Dita Pires: Os sinhô que mandava acabá não aceitava
 Peter Fry: Ah é, manda acabar com a gravidez?
 Dita Pires: Com a gravidez, com o filho quando nascia, que desaparecia.
 Peter Fry: Mataram?
 Dita Pires: Matavam, certeza que matavam né, pois desaparecia.
 Peter Fry: Quando eram filhos dos donos?
 Dita Pires: Acho que sim, pois não deixavam aparecer.
 Peter Fry: Ah é?
 Dita Pires: Aqui neste lugar aí na fazenda do Pires. Lá tinha uns antigo que contava, que quantos e quantas vezes não, mulher que tavam grávidas, as

escravas que estavam grávidas ia ia ia um tempo desaparecia, acabava. Ia, ia, ia um tempo acabava, dizem que jogavam tudo no rio.

Peter Fry: Quem jogou, dona Dita?

Dita Pires: As mães jogavam de medo de aparecer. De aparecer de medo dos escravos dos sinhô, das sinharas deles verem.

Peter Fry: Ah, entendi. Se era branco?

Dita Pires: É. Desapareciam, acabavam assim e ninguém sabia.

Peter Fry: Eu não sabia que acabavam com os filhos.

Dita Pires: Acabavam ihiiii. E não era nem um nem dois.

Peter Fry: Eles tinham medo das mulheres brancas então?

Dita Pires: Das sinharas. As sinharas mesmo quando percebia, diz que ficavam maluca, ficavam castigano, xingano, judiava. Algumas se jogava no rio, se matava.

Peter Fry: É mesmo? Quem? Das escravas? (...)

Dita Pires: Das escravas. Do sofrimento. Mas não era pra menos, ficar sofreno, apanhano, judiano.

Peter Fry: Isso foi na fazenda Pires?

Dita Pires: Não. Era em todo lugar. Mas que foi acontecido que um nosso conhecido contou para mim foi nesse lugar. Mas isso até agora não, não tem mais escravatura e acontece isso não?

(DEPOIMENTOS... 1980, 029(b)).

Mais uma vez o silêncio, como se refletissem juntos sobre tamanha barbaridade. O pesquisador retoma o assunto sobre a mãe de Dona Dita numa perspectiva que ela conseguiu criar os filhos:

Peter Fry: Mas no caso da sua mãe, não, ela conseguiu?

Dita Pires: Ahaa, ela criou os dois.

Peter Fry: Mas os dois foram reconhecidos pelo pai?

Dita Pires: Não. No batismo, não sei como era lá. No batismo o padre queria saber do nome, não sei como é, que lá não podia ter aparecido o nome. Que registravam o nome do avô. Pois se registrasse o nome dos pais aparecia não?

Peter Fry: Mas ela criou esses dois irmãos junto com vocês então?

Dita Pires: Muito depois, eles quando eu nasci, ele tava com 16/18 anos.

Peter Fry: Joaquim?

Dita Pires: Não, o Crespim. Levou muito tempo, eu conheci ele mocinho já. O Joaquim é o mais novo. Joaquim acho que tinha uns 10 anos. Eles eram muito mais velhos. Que coisa não?

(DEPOIMENTOS... 1980, 029(b)).

A história de vida de Antônia Maria das Dores, mãe de Dona Benedita Pires Pedroso, também é relatada por ela em depoimentos de 1979 em entrevista com Carlos Vogt nos áudios C f(k) 021(b), onde, mais uma vez, a matriarca, com sua lucidez dos fatos, reafirma que a mãe, ao retornar para junto dos familiares com o fim do cativo, trouxe na barriga o segundo filho do seu ex-senhor:

Carlos Vogt: A senhora não tem fotografia de sua mãe?

Dita Pires: Não. Nunca ela quiz tirar (...). Porque o Crispim nasceu lá mesmo, na casa da Leopoldina, ele nasceu lá mesmo e o Joaquim nasceu depois da liberdade pra vir embora, nasceu aqui.

Carlos Vogt: Antes dela casar com seu pai?

Dita Pires: Isso. Levou 3 anos antes disso. Mas outro mais velho nasceu lá mesmo.

Carlos Vogt: Mas ele nasceu depois que ela já tava...?

Dita Pires: Quando ela veio pra cá, passo uns meses e ele nasceu. Ela veio de lá grávida.
(DEPOIMENTOS... 1980; 1984, 021(b)).

Dona Dita Pires nos descreve aqui, em seus relatos, a imagem guardada na memória de sua mãe, já que nunca houve registros fotográficos. Conta-nos também sobre o que contaram para ela do que seria o trabalho realizado pela mãe enquanto cativa

Carlos Vogt: E como era sua mãe, Dona Benedita?

Dita Pires: Ela era gorda, mais arta um pouquinho que eu, mais gorda, tipo dessa irmã aí, a Rosa. Ativa, reforçada ela.

Carlos Vogt: Ativa ela? Ela sabia cozinhar?

Dita Pires: Era cozinheira, naquele tempo não? Agora cozinha modificou muito não?

Carlos Vogt: Mas o que que ela fazia na casa de Dona Leopoldina?

Dita Pires: Aha, ela fazia todo o serviço.

Carlos Vogt: Ela trabalhava sozinha ou tinha outras pessoas?

Dita Pires: Tinha mais escravos.

Carlos Vogt: Lembra o nome deles?

Dita Pires: Me lembro, contavam dos colegas que moravam junto. Tinha escrava mais e escravo também, levavam comida pra roça, cozinham e levavam na roça comida pros escravos, tiravam leite, faziam queijo, lidavam com porco, ropa. Tudo serviço. Que naquele tempo fazia serviço até a hora que o sinhô mandava tava fazendo né. Depois mandava descansa (...) pra senzala. Acho que era uma casa que eles tinham parte né. Que tratavam, que deram o nome de senzala.

Carlos Vogt: A senhora conheceu uma casa dessa?

Dita Pires: Não!

Carlos Vogt: Nunca viu?

Dita Pires: Não conheci nenhum. (DEPOIMENTOS... 1980; 1984, 021(b)).

A voz de Dona Dita soa novamente baixinho, parece um assunto doloroso para ela, parece querer encerrar o assunto quando se fala da situação pelo qual sua mãe ainda cativa passou, enquanto todos os outros já viviam em terras de liberdade. O pesquisador parece perceber o incômodo de Dona Benedita e entra em um assunto mais confortável relacionado à nova vida de sua mãe Antonia, livre do cativo:

Carlos Vogt: E a senhora lembra, como é que sua mãe conheceu seu pai?

Dita Pires: Eram vizinho. Depois do cativo, liberdade, que meu avô veio morar aqui, neste lugar aqui. E meu pai morava aqui pra outro lado que era de outro sinhô que chamavam por apelido, que chamavam ele de Pedro Tucano, mas a assinatura (sobrenome) dele, me esqueci a assinatura dele. É um sítio pra lá. É perto aqui, eram vizinho. Foi ele que criou meu pai, pequeno. Minha avó morreu e deixou ele pequeno e ele criou meu pai.

Carlos Vogt: O Pedro Tucano.

Dita Pires: É.

Carlos Vogt: E aí ele veio morar pra cá?

Dita Pires: Moravam aqui mesmo. De lá, ele passou pra cá. Casou e passou pra cá, morar pra cá, aqui mesmo neste lugar.

Carlos Vogt: Mas aqui neste lugar. Quando mudou pra cá este lugar de quem que era?

Dita Pires: Do meu avô mesmo. (DEPOIMENTOS... 1979, 021(a)).

A Matriarca Dona Dita Pires foi mãe de criação, como orgulhosamente nos narra em entrevista de 1978 dada a uma pesquisadora, uma jovem mulher com quem Dona Dita Pires parece ter conhecidos em comum e que, aparentemente, cremos, foi uma forma estratégica encontrada para que ela, Dona Dita Pires, se sentisse mais à vontade para conversar já que resistia em participar das entrevistas até então. A matriarca recebe a jovem em sua pequenina casa de adobe onde mostra as fotos dos filhos de “criação”, os filhos dos fazendeiros para quem trabalhou por uma vida toda:

Dita Pires: Rodolfo Ramos dos Santos e Benedito Ramos dos Santos, são irmãos.
 Pesquisadora Viviane: E por que a senhora guardou aí, são seus amigos?
 Dita Pires: São de criação.
 Pesquisadora: Nossa!!!! De quando que a senhora conheceu?
 Dita Pires: De braço.
 Pesquisadora: A senhora amamentou?
 Dita Pires: Não, eu criei eles.
 P: Criou os dois?
 D. P: Ajudei a mãe a criar eles. Eu sou solteirona.
 P: Solteirona (risos).
 DP: É.
 Pesquisadora: Não quis casar?
 Pires: (silêncio) (DEPOIMENTOS... 1978, 011(b)).

A Matriarca parece não ouvir, ou não quer responder e continua na apresentação de suas relíquias, lembranças muito queridas. A pesquisadora continua a fazer perguntas sobre as fotos e a prosa continua:

Pesquisadora: Dona Benedita, esses dois aqui moravam na fazenda onde a senhora morava?
 Dita P.: Morava.
 Pesquisadora: E o amigo, o tio da minha amiga, a senhora morou lá, junto com seu Moacir?
 DP: Morei sim.
 Pesquisadora: Mas desde criança, ou só trabalhou?
 Dita Pires: Trabalhei de uma idade em diante. Esses um aqui (mostra as fotos) desde o nascimento, esses moço aí.
 P: E foi de que fazenda esse daí?
 Dita Pires: Mesma fazenda que é agora do Moacir. Os avô deles venderam para o avô do Moacir.
 Pesquisadora: Como é que era o nome do avô do Moacir?
 Dita Pires: Pedro Pires de Melo, e o avô desses aí (das fotos) era Honório de Almeida Barros.
 P: E esse Honório. Vendeu para o Pedro?
 Dita Pires: É.
 Pesquisadora: E a senhora morou foi com o Honório?
 Dita Pires: É, depois que eles foram embora, fiquei trabalhando para a família de Nhô Pedro de Melo. Fiquei de nascimento, tanto esses dois moços aí (continua a mostrar as fotos com certo orgulho dos filhos de criação). Aqui tem mais dois moços aqui. Depois que eles foram embora. (DEPOIMENTOS... 1978, 011(b)).

Dita Pires se levanta arrastando as chinelas, puxa algo como uma gaveta, que range ao ser puxada, remexe nos guardados, volta arrastando as chinelas devagar e continua a mostrar mais fotografias encontradas:

Dita Pires: Esses são os Sírios.
 Pesquisadora: São o quê?
 Dita Pires: Sírios.
 P.: Sírios?
 Dita Pires: É.
 Pesquisadora: Como é o nome dele?
 Dita Pires: Joel Haddad.
 Pesquisadora: Que a senhora criou também?
 Dita Pires: De criação, desde pequenininho.
 Pesquisadora: Nossa!!!! E esse aqui?
 Dita Pires: É o irmão dele, Davi Haddad.
 Pesquisadora: E esses Haddad a senhora morou na casa deles?
 Dita Pires: Inté agora, eu sou de lá, da casa deles.
 Pesquisadora: É aqui perto?
 Dita Pires: De Salto de Pirapora. (DEPOIMENTOS... 1978, 011(b)).

Dona Benedita Pires Pedroso nos narra em seus depoimentos o quanto ainda muito menina deixou a comunidade para ir trabalhar para fazendeiros da circunvizinhança, na busca do sustento, arrimo de família. Fazenda onde foi trabalhar até por volta dos 20 e poucos anos, chegou com a mesma idade da filha do fazendeiro, e onde cuidou da casa e dos filhos quando estes nasceram. É como se o tempo de escravidão não tivesse passado, é como se fosse a extensão da senzala para a casa grande:

Pesquisadora: Seu pai e sua mãe foram juntos?
 Dita Pires: Não, eles ficaram.
 pesquisadora: Eles já eram de lá?
 Dita Pires: Não, eles eram daqui mesmo.
 Pesquisadora: Daqui do Cafundó, e trabalhavam lá?
 Dita Pires: Trabalhavam sim. Nós trabalha pra um e pra outro. Pra quem tem serviço nós trabalha.
 (DEPOIMENTOS... 1978, 011(b)).

A prosa continua e, em determinado momento, Dita Pires, parecendo não entender o motivo de tanto interesse sobre a língua falada na comunidade. Nesse momento se exalta, quando questionada sobre a Cupópia, língua falada pelos Almeida Caetano, se altera, fala mais alto do que o comum, que era baixo e manso.

Pesquisadora: E aí a senhora não aprendeu a língua?
 Dita Pires: Não, muito pouco.
 Pesquisadora: Falaram para mim que a senhora não quer falar. Por que não quer falar? Se eu perguntar alguma coisa a senhora diz?
 Dita Pires: Mas eu não sei.
 Pesquisadora: Não sabe mesmo?
 Dita Pires: Não sei. A minha irmã, aquela outra lá embaixo, já compreende mais do que eu.

Pesquisadora: A senhora não falava com os outros onde a senhora morava não essa língua?

Dita Pires: Ahaa, não. Eles eram gente tudo civilizado, (fala com voz baixa séria) gente tudo patroada, né.

Dita Pires: Porque eu digo, tem tanta língua, tem sírio, tem português. E teno tantas língua no mundo...

(DEPOIMENTOS... 1978, 011(b)).

A pesquisadora percebe que ela se exaspera e tenta acalmá-la, explicando a importância da língua falada na comunidade:

Pesquisadora: Essa língua é interessada, porque ela sendo antiga, ela continua num lugar que ninguém fala, só um grupinho que fala. Mas porque a senhora se apavora?

(DEPOIMENTOS... 1978, 011(b)).

A jovem parece se divertir, quase como se estivesse rindo do apavoro da matriarca e continua a chupar a lima, fruta que Dona Dita tinha no quintal e que gentilmente ofereceu para a jovem. Mais calma, a senhora continua:

Dita Pires: Tem alemão, tem tantas... O mundo inteiro tem língua. Eu digo, mas porque será só essa?

Pesquisadora: Uhummmmmmm!!!! Não é só essa.

Dita Pires: Senta!

Pesquisadora: A gente estuda todas. Mas essa daí, o importante dela, é que na África que é longe daqui, que foi trazida quando as pessoas vieram escravas para cá. O que admira é que tantos anos depois falam a língua.

Ditas Pires: É.

(DEPOIMENTOS... 1978, 011(b)).

Dona Dita Pires não parece convencida e desinteressada do assunto, desconversa, volta-se para os seus guardados e remexe nas gavetas em busca de mais fotografias dos seus filhos de criação.

Dita Pires: Ohooo, este moço aqui! (...)

(DEPOIMENTOS... 1978, 011(b))

A jovem pesquisadora parece ter sido o gatilho que vai apontar para a mina de informações que era a matriarca. Ela tinha as pistas das trilhas que indicariam os caminhos que os pesquisadores buscavam para documentar a história da formação do pequeno vilarejo dos pretos. Dona Dita Pires passou por verdadeiros interrogatórios, tanto por parte do Peter Fry como do Carlos Vogt, que pareciam estar a testar a veracidade de suas lembranças. Em 1980, ela recebeu a visita de Peter Fry:

Peter Fry: A senhora não podia me contar umas histórias de antigamente, Dona Dita?

Dita Pires: Tchэээ Doutor mas agora...Não me lembrava, não tinha recordação. Eu tenho um pouco de recordação. Eu não sei como é, eu sou mais velha e os aí de cima que tem tanta recordação.

Peter Fry: Mas eu acho que é a senhora que tem mais recordação do fato.

Dita Pires: Mas eles, coisa que eu não sei, que não tenho lembrança eles tenham. Sabe porque que é, que o tempo em que eles era criança eu fui empregada quase tudo o tempo. De 12 anos em diante eu fui empregada.

Peter Fry: Me conta da sua vida Dona Dita? A senhora nasceu aqui neste mesmo lugar ou em outro lugar.

Dita Pires: Neste lugar.

Peter Fry: Onde morava sua mãe e seu pai?

Dita Pires: Nascida e fui criada aqui. Até agora.

(DEPOIMENTOS... 1980, 029(a)).

Durante a entrevista, Dona Dita Pires se mostra lisonjeada por estar recebendo um “doutor”, como se refere a ele em vários momentos, e até mesmo um tanto ofendida por não ter sido uma das primeiras a ser procurada por eles, sendo ela a mais velha da comunidade. Peter Fry vai mostrou-se cativante e habilidoso, conseguindo fazer com que ela se sinta à vontade e mostrando que suas memórias são importante, o que foi a chave de abertura para importantes depoimentos que irão constituir o passado do quilombo Cafundó, um quilombo de liberdade, de fartura, de festas e encontros de afetos, de um viver coletivamente, trazendo informações sobre sua infância e acontecimentos que ela, sendo a mais velha da comunidade até aquele momento, foi testemunha de fato.

5.2 A VIDA COLETIVA EM *TURI VIMBA*: TRABALHO E TEMPO DE FARTURA

Com sua viva memória, Dona Dita Pires trouxe detalhes de sua infância, seu trabalho, sobre como se deu a formação da comunidade. Tendo crescido e convivido com Dona Ifigênia Maria das Dores, trouxe em suas narrativas a reconstituição desse lugar de liberdade, alegrias, festas, dores e amores. A prosa com o pesquisador Peter Fry continua:

Peter Fry: E com 12 anos a senhora foi trabalhar? Onde que a senhora foi trabalhar?

Dita Pires: No primeiro que trabalhei foi ali numa fazenda que tem ali, grande pro outro lado, mais pra Barra, o Senhor não foi pra Barra?

Peter Fry: Não

Dita Pires: Não. Era os dono. Era uma fábrica de argodão. Eu fui trabalhar lá. Lá fiquei, quando fui os moços era tudo criança, quando casou o úrtimo, eu saí.

Peter Fry: Com quantos anos que a senhora saiu?

Dita Pires: De lá, 20.

Peter Fry: Quanto que a senhora ganhava lá?

Dita Pires: (risos) Eu ganhava 1 cruzeiro por dia.

Peter Fry: O que a senhora fazia lá?

Figura 28 - Dona Benedita Pires Pedroso e sua pequenina casa de pau a pique coberta de cipó



Fonte: Arquivo pessoal dos Caetano, 1980.

Dita Pires: Fazia? Na cozinha, eu cozinhava, lavava, passava, tirava leite, fazia queijo, limpava os animais na cochera. Os moços que era de lá, quando eles saíam

passar, ficava lá, eu tratava dos animais, porcada. Era bonito a fazenda deles lá (...).

Peter Fry: A fazenda era de quem? Quem era o dono da fazenda?

Dita Pires: Honório de Almeida Barros.

(DEPOIMENTOS... 1980, 029(a)).

Pelos relatos acima em depoimentos dados por Dona Dita Pires, ela deixa a fazenda retornando para a comunidade e para o cotidiano do trabalho na roça e no cuidado com os seus. O quilombo era seu porto seguro até a velhice, local onde o sentido de pertencimento a levava sempre de volta, sentimento que ela não perdeu até o fim de seus tempos, como relata ao pesquisador:

Peter Fry: A senhora saiu de lá com 20 anos e depois o que a senhora foi fazer?

Dita Pires: Ai, eu fiquei junto com meu pai trabalhando na roça. Depois de passado uns 4, 5 anos aí que empreguei aí no Salto de Pirapora, no numa família síria. Lá fiquei também, não sei se 15 ou 20 anos. Saí de pouco. Faz 2 ano que saí de lá.

Peter Fry: A senhora morava lá então?

Dita Pires: Morava, não. Eu ficava de vai e vem.

Peter Fry: Todos os dias?

Dita Pires: Não. Todos os dia não. Semana. Ficava lá vinha assim de semana. Ficava às irmã aí. Tinha só criaçãozinha, umas galinha, essas coisa. Vinha e vortava, vinha e vortava.

Peter Fry: E quem era essa família, Dona Dita?

Dita Pires: É Davi Haddad. Eles são uma família grande aí no Salto (fala sobre as riquezas dos Haddad com orgulho). Eles que me levavam. Quando tenho qualquer coisa que eu precise, eles vem trazer pra mim. Ohooo esses tijolo que tavam ai, eu mandei de vorta porque tavam estragano. Criança tava bardeano, fazendo daninheza eu mandei de vorta. Mas agora tão quereno trazer de novo de vorta pra mim. Mas não sei o que eu vô fazê. Tenho vontade de mudar para outro lugar. Tenho medo (risos).

Peter Fry: A senhora tem medo? De quê, Dona Dita?

Dita Pires: Ahaaa, se a gente não se dá com vizinho que não fica bem não. Ahaaa tenho muito medo de vizinho que não se combina.

(DEPOIMENTOS... 1980, 029(a)).

Dona Dita Pires em seu território de pertencer, saía mas sempre retornava à segurança de estar entre os seus, mesmo que desejasse outro lugar, estava em território conhecido e tinha medo de não pertencer em outro lugar. Os vizinhos da comunidade eram os seus, eram parentes. Quando se refere ao medo de mudar para outro lugar, do vizinho que não combina, era o medo do estranho, dos de fora. Mesmo sendo ela alguém que sempre se movimentou bem dentro e fora da comunidade em seus empregos, ela sabia o que esperar do mundo lá fora, era o mundo do outro, teria que enfrentar sozinha o racismo, o sexismo sem a proteção dos seus por perto.

A conversa continua onde ela conta sobre os sobrinhos que a visitam, sobre o casamento da Dionizia, filha do Pedro, seu sobrinho afillado, que acontecerá no dia dez

de maio, está muito animada. Convida os pesquisadores para virem conhecer um casamento do mato:

Peter Fry: Ela vai casar com o primo, né?
É bom casar com o primo Dona Dita?
(DEPOIMENTOS... 1980, 029(a)).

O pesquisador Peter Fry promete vir com gosto e trazer um presente para os noivos, com o também pesquisador Carlos Vogt. Dona Dita faz questão de dizer também o horário que acontecerá a festa, às 4 horas da tarde, ali mesmo no Cafundó com a chegada dos noivos na casa do pai Pedro, demonstrando que ficaria honrada com convidados tão ilustres para o casamento. A matriarca ficou toda orgulhosa com o festejo dos parentes que viu nascer, que ajudou a criar, que batizou, os filhos do coração.

Figura 29 - Festa do casamento de Dionizia, sobrinha de Dona Dita Pires, neta de Dona Antonia Maria das Dores



Fonte: Arquivo da Comunidade Cafundó, 1980.

Sentiu-se tão à vontade para a prosa que continuou a narrar sobre casamento com primos e o seu amor proibido. A mãe não permitiu que ela se casasse. Percebe-se no suspiro triste a dor do amor proibido, e disse em voz baixa e melancólica, como se ainda esperasse a volta do amor que partiu:

Dita Pires: Minha mãe não deixava de jeito nenhum (riso tristonho como se voltasse no tempo de mocinha).
Peter Fry: Não deixava, por quê?
Dita Pires: Uhuuummm, de jeito nenhum. Diz que não presta. Gente antigo né. Pois eu era pra casa com primo, ela não deixô. O primo ficou nervoso e foi embora pro Mato Grosso.
Peter Fry: Ahaaa, a senhora que ia casar com o primo né?

Dita Pires: É. Eu fiquei chorano. Até hoje, que alembro (...) (Diz em voz baixa e melancólica como se ainda esperasse a volta do amor que partiu).

Peter Fry: E ela recusou?

Dita Pires: Ohooooo, ela não deixô.

Peter Fry: E ela deu alguma razão, Dona Dita, pra senhora, pra não casar?

Dita Pires: Pois é que não podia.

Peter Fry: Mas ela explicou por quê?

Dita Pires: Porque casava, tinha filho, o filho saía alejado, otro variado. Mas agora tá casano não doutor?

Peter Fry: Pelo jeito

Dita Pires: Quantos e quanto tia com tio tá casano, sobrinha com tio, tá casano. É até pior, não?

(DEPOIMENTOS... 1980, 029(a)).

Sim, Dona Dita amou, foi apaixonada por um primo que partiu e não mais voltou. Enquanto no depoimento anterior com a pesquisadora ela não se abriu tanto sobre o “ser solteirona”, já com Peter Fry ela se sente mais à vontade para falar desse amor pelo primo, proibido pela mãe Antônia Maria das Dores, que provavelmente aconteceu no período em que ela tinha por volta de 20 anos, em que retornou e permaneceu por alguns anos direto na comunidade. Algo que parece a ter marcado para sempre ou, realmente, esperou pela volta desse amor proibido e o tempo passou.

Dona Dita, nos seus relatos, conta-nos como foi testemunha do intenso comércio de produtos que iriam abastecer a cidade grande Sorocaba, em seu local de trabalho com o rico fazendeiro Honório de Almeida Barros, beneficiador e comprador do algodão produzido, dono das terras vizinhas à comunidade. Em depoimento para o pesquisador Carlos Vogt, relatou um período de fartura, onde viviam do que produziam e vendendo o excedente da produção. O algodão produzido também na comunidade, pelo seu pai, nos traz importante registro que inserem os moradores desse território nesse novo ciclo econômico, marcando o processo de transição do modo de produção escravocrata colonial para o capitalista, com a chegada das indústrias têxteis na região:

Carlos Vogt: Mas que tipo de roça que eles faziam, que tipo de coisa plantavam na época?

Dita Pires: A mesma planta que nós usa agora, feijão, arroz, milho, batata, mindum, mangarito, tudo essa pranta miúda. (agricultura de subsistência)

Carlos Vogt: Tinha café ou não?

Dita Pires: Não. Café não.

Carlos Vogt: Tinha algodão?

Dita Pires: Argodão tinha. Ihiiii nesse tempo era tempo de argodão

Carlos Vogt: Algodão também?

Dita Pires: Plantavam.

Carlos Vogt: A senhora chegou a plantar algodão, ou não?

Dita Pires: Plantemo sim. Ihiiii nessas terra aí que é dos Alves pra lá, nós ia, nós alugava, eles davam terra pra plantar. Meu pai plantava bastante algodão.

(DEPOIMENTO 20(b)).

Dona Dita mostra em seus depoimentos memórias de quem compartilhou um território de liberdade, aconchego e união, mas também de opressão e ganância dos invasores que cobiçavam suas terras. Suas memórias nos fazem visitar e reconstituir um quilombo de ontem ressignificado hoje, pela resistência e perseverança de um povo de luta, de *Anguta* como Dona Ifigênia Maria das Dores, de quem Dona Dita Pires foi contemporânea.

Anguta eram rede de apoio umas para as outras, criavam juntas seus filhos, tudo isso dentro de uma problemática racial que permeia ainda hoje a formação do Brasil como nação e relega os povos de origem africana a lugares sociais marginalizados, onde a luta para (re)existir se compõe em verdadeiros campos de conflitos. Dona Ifigênia Maria das Dores e Dona Benedita Pires Pedroso estavam lá, com sutileza característica de descendentes africanas, estabelecendo uma mediação entre convivência e resistência, criando estratégias de sobrevivência.

Dona Benedita Pires Pedroso nos traz em suas memórias a reconstituição desse Quilombo Mulher que também foi de festas, alegrias, reencontros com parentes e amigos do Caxambu e outros que estavam dispersos pela região e se visitavam, interagiam, informando-se do que acontecia dentro e fora do território. Podemos deduzir que, como acontecia entre outros quilombos, eram momentos em que se formava uma verdadeira rede de informações, trazendo e levando novidades do mundo de fora da comunidade, viviam numa coletividade.

Seguem relatos como encontramos nos depoimentos dos áudios Cf(k)022 de 1979 para Carlos Vogt, que parecia estar numa roda de conversa no terreiro da comunidade, quando o pesquisador chama Dona Dita para a prosa:

Carlos Vogt: Dona Dita, vem cá conversar um pouquinho com nós?
 Dita Pires: Oi, eu nasci aqui, aqui mesmo neste lugar. Nascida e criada aqui.
 Carlos Vogt: Aqui neste lugar?
 Dita Pires: Neste mesmo lugarzinho onde é vossa casa mais o menos, (se referindo a Otávio Caetano) era a casa de meu avô.
 Otávio Caetano: Esses dias mesmo tive contando pra (...)
 (DEPOIMENTOS... 1979, 022).

Nesse momento, o pesquisador interrompe, pois parece querer ouvir a versão de Dona Dita, e direciona a pergunta:

Carlos Vogt: Onde que era a casa?
 Dita Pires: Ali (...) onde o Távio mora, de Joaquim de Oliveira e Ricarda, moravam ali em cima.
 Carlos Vogt: E eles falavam a língua também?

Dita Pires: Isso eu não tenho lembrança doutor.
 Carlos Vogt: Não tem?
 Dita Pires: Não tenho lembrança.
 Carlos Vogt: Não lembra?
 Dita Pires: Meu avô falava alguma coisa, com os colega dele, que vinha né.
 Otávio Caetano: Como digo, não falavam pras criança.
 Dita Pires: Alexandre, Camilo, eram tudo do Caxambu, eles falavam.
 (DEPOIMENTOS... 1979, 022).

Dona Dita Pires lembra de amigos das comunidades Caxambu e de outras regiões vizinhas que se visitavam, interagiam e tinham relações colaborativas no plantio e nos festejos:

Carlos Vogt: Quem era Camilo?
 Dita Pires: Esse já morreu, já faz muitos anos.
 Carlos Vogt: Camilo do que esse?
 Dita Pires: Nem sei a assinatura (o sobrenome) dele, que ele era de Sarapuí? Não tenho lembrança doutor.
 Carlos Vogt: E o Alexandre, como chamava?
 Dita Pires: Alexandre do quê? Lima, Eles eram uns par de africanos que era do tempo do cativo. Aí quando se juntavam em festa, tinha muita festa aqui na casa de meu avô. Aí eles conversavam, cantavam, dançavam. Tudo na língua deles. Jogavam capoeira. Eu me lembro, tudo africano. Eu não tenho muita recordação (...). Inté depois de criança ficava criano irmão, trabaiano. Minha mãe saia, eu ficava com os pequeno, ia pro rio, ficava lutano (...), não guardava nada na ideia. (DEPOIMENTOS... 1979, 022).

Nesse momento, muito interessado, o pesquisador parece perceber nas memórias da matriarca um conhecimento peculiar do cotidiano cultural da comunidade, observado por um olhar de uma Benedita Pires Pedroso menina, jovem que dançava na roda, que se encantava com os instrumentos musicais, com esse quilombo de liberdade, e continua o questionamento:

Carlos Vogt: E eles dançavam o quê, a senhora lembra?
 Dita Pires: Como era a dança (consulta Otavio Caetano), era cumé? Tambú, não é? Tambaque.
 Carlos Vogt: E como é que era a dança, dona Dita?
 Dita Pires: Era dança virando em roda e cantando, com os instrumentos, Quitá. Como era Otávio? Rebeca, tinha Qjanguê, tudo nome tinha os instrumento deles.
 Carlos Vogt: Qjanguê, como era esse instrumento?
 Dita Pires: Era um negócio que tocava ansim, uma cuíca de puxano.
 Carlos Vogt: Era de couro?
 Dita Pires: Parece que era uma taquara, daquela taquara açú (taquara grossa, grande) (...) que nem cuíca.
 Carlos Vogt: Esse outro instrumento que a senhora falou como que chamava?
 Dita Pires: O tambú né? Era tinha um tanto de apareio de instrumento. Agora nem me lembro mais. Naquele tempo a gente não punha sentido. Era criança.
 Carlos Vogt: Falou Qjanguê, esse Tambú e falou outro
 Dita Pires: Isso, tinha o Guaiá.
 Carlos Vogt: Guaiá? Como que era o Guaiá?
 Dita Pires: Era uma roda que nem um prato fechado assim, que tinha um negócio dentro que chaquaiava.
 Carlos Vogt: Que mais que a senhora lembra?

Dita Pires: Parece que só, doutor, isso que me lembro.
(DEPOIMENTOS... 1979, 022).

O pesquisador percebe o entusiasmo de Dona Dita que parece teletransportada para um passado de infância de encantamento de uma menina nas rodas de danças. A prosa continua:

Carlos Vogt: E eles dançavam?
Dita Pires: Dançavam uhuuuuu!!!!
Carlos Vogt: E a dança como era, era de par, homem com mulher, ou fazia roda?
Dita Pires: A roda, homem com mulher, mas roda, cantano, tudo em roda cantando.
Carlos Vogt: E dava a mão?
Dita Pires: Dava a mão, fazia um balão, as muié fazia balão cas saia e abaxava e levantava. Ahiiii era bonito!
Carlos Vogt: E eles cantavam na língua?
Dita Pires: Cantavam, na língua e cantavam em português também.
Carlos Vogt: Tambaquê. O quer dizer Tambaquê, Dona Dita?
Dita Pires: É uma caixa de coro, num é (...), fechado dos dois lados. É como aqueles bumbo do exército.
Carlos Vogt: E a dança como que chamava mesmo, dona Dita?
Dita Pires: É, como é? É tambaquê.
Carlos Vogt: E tinha uma dança de lenço também, não?
Dita Pires: Essa dança de lenço é no pandero.
Carlos Vogt: Esse também eles dançavam?
Dita Pires: Dançavam. Eles dançavam tudo. Fandango de viola.
(DEPOIMENTOS... 1979, 022).

Provavelmente, sob influência dos contatos com tropeiros, esse tipo de dança, catira ou fandango, em momentos de festa também aconteciam na comunidade, algo que parece chamar a atenção do pesquisador:

Carlos Vogt: Fandango de viola?
Dita Pires: É tinha os cantador. Tinha os violeiro e os home batendo o pé no balão. Fazendo vortá e bateno o pé.
Carlos Vogt: Só homem?
Dita Pires: Só homem. O senhor nunca encontrou nada?
Carlos Vogt: Não, nunca vi.
Dita Pires: Mas tem, inté agora tem, aí pros sertanejos (...). Aqui pros mato mesmo fazem, não Otávio? É bonito!
Carlos Vogt: A senhora lembra do seu avô? Quando seu avô morreu a senhora tinha quantos anos?
Dita Pires: Ai, não me lembro. Não me lembro, eu tinha uns 15 ano, né Otávio, você se lembra da morte dele?
Otávio Caetano: Não, capaiz. Não lembro não.
Dita Pires: Acho que eu tinha 19, quase 20 quando ele morreu.
Carlos Vogt: O Alexandre era parente de vocês ou não?
Dita Pires: Era parente do meu avô, da família da África.
Carlos Vogt: Era parente? O que que ele era do seu avô?
Dita Pires: Eles se tratavam de primo, de primo. Acho que eram primos, sei o que lá.
Carlos Vogt: E o Camilo?
Dita Pires: É da mesma família. O Alexandre e o Camilo eram irmãos.
Carlos Vogt: A senhora tá com quantos anos agora Dona Dita?

Dita Pires: 84.

Carlos Vogt: E que mais que a senhora lembra dessa época?

Dita Pires: Doutor, não tô me lembrando. A mente muito fraca pra mim lembrar das coisas. Depois que passa, que eu fico quieta, aí me recordo. Mas assim no momento pra eu conversá, contar os caso, some da minha mente. (DEPOIMENTOS... 1979, 022).

“Não tô me lembrando”, essa era a deixa que Dona Dita Pedroso já estava cansada e não queria mais prosa, como se pedisse uma deixa para a sua mente descansar e “depois me lembro de mais coisas”. Essa era a *Anguta* Dona Dita Pires, que entrava numa conversa como se nada lembrasse, mas que na verdade sabia e tinha consciência de sua importância, pois, com sua notável memória, a matriarca tudo sabia e, também com maestria e sutileza, saía da prosa quando cansada ou amolada de tantas perguntas dos doutores. Uma verdadeira detentora de saberes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto nos limites desta pesquisa, ainda se faz necessário um estudo apurado sobre diversos aspectos da história a partir da perspectiva do povo negro e, principalmente, da mulher negra, devido à quase inexistência de documentação. Em um cenário de início de República, esses sujeitos tornam-se invisibilizados e até mesmo seus documentos de registros de origem foram destruídos como forma de apagar uma história que a história oficial queria ter como página virada, num contexto de pós-abolição, onde tudo lhes foi negado, até mesmo o direito de existir como seres humanos.

Nossa hipótese, no início dessa pesquisa, foi saber se os registros documentais de diferentes tempos demonstravam o protagonismo dessas *Anguta* do *Turi Vimba*, mulheres pretas, dentro do território Cafundó, e como esses registros davam importância para a ressignificação de seus descendentes como forma de pertencimento, preservação cultural e ancestral dessa comunidade e que sim, poderia ressignificar muitos outros afrodescendentes, como eu, que nessa pesquisa me reconectei com minha ancestralidade de África, honrando aquelas que vieram antes e reconhecendo a importância dessa escrita de nós como forma de cura pelos séculos de apagamento de quem somos e de onde viemos.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, apresentada nesta dissertação, confirmamos essa hipótese, que merece continuidade em outras pesquisas. Tentamos traçar um panorama sobre o papel de Dona Ifigênia, mulher negra que, segundo documentação e narrativas encontradas até agora, exerceu um papel de protagonismo, sendo uma mulher negra, viúva e sozinha na criação de seus filhos, num contexto de sociedade já descrito acima, que seguiu nessa travessia, resistindo à opressão dessa sociedade baseada num patriarcado capitalista, racista e sexista.

Também matriarca desse Quilombo Mulher, escutamos sensivelmente a voz de Dona Benedita Pires Pedroso, uma verdadeira detentora de saberes, de um quilombo de liberdade da qual foi testemunha de acontecimentos que outras narrativas encontradas em documentos sonoros só ouviram falar. Ela, como contemporânea de Dona Ifigênia, presenciou e narrou com memória impecável, como muitas vezes ditas pelos próprios pesquisadores, fatos que ela testemunhou e vivenciou.

Podemos dizer que sua memória deu as trilhas necessárias para que os pesquisadores seguissem na busca da documentação necessária para a retomada das

terras da comunidade, além de fazer com que fizéssemos uma verdadeira viagem no tempo e pudéssemos ver e ouvir, em suas narrativas, o quilombo de liberdade, de encontros afetuosos dos parentes que se visitavam, do avô Joaquim Congo que negociava e se relacionava com fazendeiros locais.

Através dela, sabemos que o avô Joaquim Congo, com amigos também africanos do Quilombo do Caxambu, falando na língua Cupópia, confraternizavam nas festas, nos bailes do sambô grande, onde os mais velhos passavam seus ensinamentos aos mais novos pela oralidade, pelo aprender junto, que se juntavam no plantio e na colheita, num quilombo de liberdade que foi também de fartura, onde a colheita muitas vezes tinha que ir para os animais para desocupar o paiol para a próxima. Toda essa riqueza da escuta da voz de Dona Dita Pires nos fez ver o quanto a Comunidade do Cafundó estava inserida numa relação de intensa troca comercial com os outros produtores que detinham a terra.

Dona Dita era a memória viva mais velha até então. Sim, uma detentora de saberes. Uma matriarca que mesmo não tendo filhos da barriga criou os filhos dos outros, criou os irmãos mais novos e sobrinhos. Ela foi o que Gonzalez (2020, p. 54) chama de mãe preta: “(...) coube à mãe preta, enquanto sujeito do suposto saber, a africanização do português falado no Brasil (o pretoguês, como dizem os africanos lusófonos) e, conseqüentemente, a própria africanização da cultura brasileira”.

Para ilustrar a busca dos descendentes na ressignificação de nossas matriarcas ancestrais, invisibilizadas, silenciadas, violadas, trago novamente o poema de Evaristo (2005) para trilhar esse percurso ainda em construção:

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si a
fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade. (EVARISTO, 2005, p. 74-75)

Na comunidade do Quilombo Cafundó, de Dona Ifigênia, Dona Benedita Pires Pedroso e Dona Cida, outras mulheres permanecem firmes no papel de levar adiante esse legado de luta e resistência pelo direito a ter de volta suas terras, e os primos continuam a se casar entre si.

A filha de Maria Aparecida Rosa Aguiar, a Dona Cida, Lucimara Rosa, uma Caetano, se casou com um Pires. Seus filhos, hoje a junção dos parentes Caetano e Pedroso, estão à frente da agricultura, tirando da terra sagrada dos ancestrais o alimento, como sonhou um dia a Matriarca Dona Ifigênia Maria das Dores.

Na Figura 30, uma foto de Amanda Aguiar, filha de Lucimara Rosa, neta de Dona Cida, bisneta de Dona Maria Augusta e tataraneta de Dona Ifigênia, honra suas ancestrais que resistiram aos opressores grileiros. O sustento saíria da terra, como sonhou a *Anguta* ancestral Dona Ifigênia que tão bravamente lutou pela terra que hoje dá frutos, que hoje sustenta a Comunidade. A Baobá Ifigênia vive nessas jovens *Anguta*.

Figura 30 - Amanda Aguiar, tataraneta da Matriarca Ifigênia, durante a colheita de hortaliças na pandemia



Fonte: Arquivo da Família Rosa Aguiar, 2021.

Sim, continua a ser predominante nesse Quilombo Mulher o forte protagonismo das *Anguta*, que dentro ou fora da comunidade buscam o sustento dos filhos, são líderes e procuram levar adiante o sonho sonhado por Dona Ifigênia, a guerreira que resistiu à opressão de poderosos, mas fincou firme o pé na terra que hoje retorna a seus descendentes.

Figura 31 - Aparecida Delgado, em frente à capelinha de Dona Ifigênia, conversando com alunos que visitam o Quilombo



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

A volta também do Sagrado de Matriz Africana, na comunidade do Quilombo Mulher do Cafundó pelas mãos de uma *Anguta* descendente do antigo Caxambu, Cíntia Aparecida Delgado, neta de um dos últimos moradores expulsos do extinto quilombo irmão, vem transformando esse território ancestral em espaço de Educação Antirracista,

onde, como educadora cultural, recebe escolas e visitantes narrando histórias da terra ancestral para transformar e formar seres humano melhores.

Como suas ancestrais, Cintia retoma saberes, como o poder das ervas e os fundamentos da religião de matriz africana. Segue os ensinamentos das erveiras, mulheres conhecedoras de plantas medicinais que, há gerações, cuidam da saúde do corpo e da alma. Novamente, os Quilombos Caxambu e Cafundó se encontrando.

Figura 32 - Alunos visitantes tocando atabaque



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

*Camanacos cafombe*⁷, crianças brancas que nunca tinham visto um quilombo de perto se encantam por estar vivendo experiências outras que não sejam somente aquelas

⁷ *Camanacos cafombe* em Cupóia “criança branca”.

contadas em livros didáticos, que muitas vezes prendem esse quilombo vivo hoje em algo do passado colonial. O encantamento dos *camancos* é visível ao tocar um atabaque, vestir a saia de chita e dançar na roda de jongo.

Aprender vivenciando o diferente em território de aprender, desconstruindo preconceitos, isso é educação antirracista. Como diz Moura (2012, p. 69), “a vida nas comunidades negras rurais é intercalada por sons dos instrumentos de trabalho no campo e batidas de tambores nas festas, percussões que contam história, lutas, alegrias e tristezas do povo negro” e os tambores continuam a tocar, seu legado é passado adiante e a tradição é mantida.

Vida que segue na comunidade na Comunidade do Quilombo Cafundó intercalada pelos sons dos instrumentos, as batidas de tambores nas festas, encontros dos que lá continuam a se achegar, nos cantos de ponto de jongo dançando, contando e cantando suas histórias, lutas, alegrias e tristezas. Sim, os tambores continuam passando esse legado adiante nesse território de educar.

Para concluir essa escrevivência de nós, trago um pouco de uma das alegrias desse meu envolvimento com a pesquisa e com a Comunidade Cafundó, onde mais uma vez me vejo em plena (re)conexão com minha ancestralidade que me levou a fazer o caminho de volta, atravessar o Atlântico, para uma verdadeira imersão cultural na África, propriamente em Angola. Como convidada da comunidade Cafundó e do Consulado de Angola, juntamente com um grupo de mais dez pessoas, embarcamos nessa imersão ancestral. Benguela seria nossa casa por 15 dias, uma das regiões onde o tráfico negreiro colonial embarcou em seus navios milhares corpos negros para serem escravizados aqui no Brasil.

Fazendo esse caminho de volta à terra mãe dos meus ancestrais, pisar em lugares que talvez tenham sido atravessados por elas e eles, mostrou-me o quanto é necessária a (re)conexão com nossa ancestralidade e, para isso, registrar nossas escrevivências é o caminho. Nunca mais irão nos silenciar, seremos as vozes das que vieram antes, gritaremos a todo pulmão: nossas histórias, sim! Trago aqui um dos momentos que, para mim, foi sagrado nessa (re)conexão e agradecimento às minhas e aos meus ancestrais que partiram e que resistiram a toda forma de opressão e violência para que eu pudesse reverenciá-las e reverenciá-los hoje, seguindo meu poema-inspiração “Vozes Mulheres” de Conceição Evaristo, juntamente com a introdução de um pouco do meu pertencimento à comunidade nesta pesquisa.

Figura 33 - Os tambores continuam a tocar



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

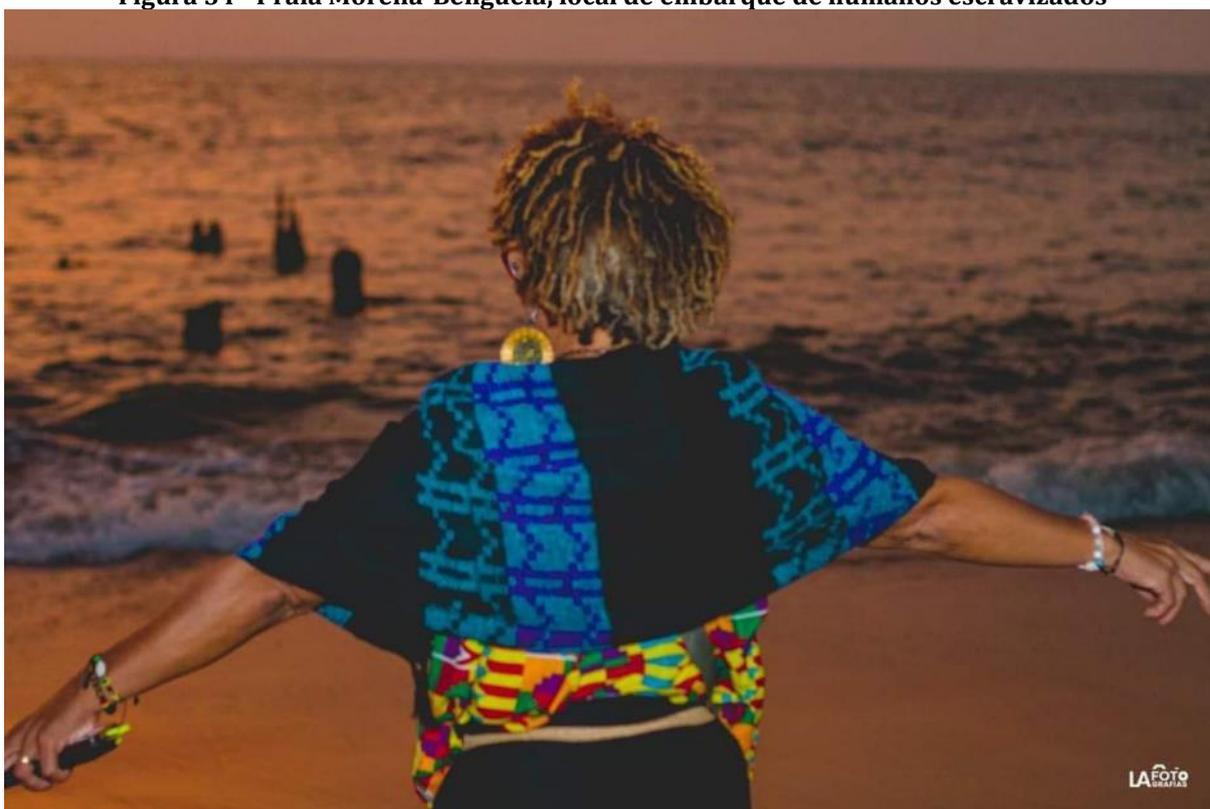
À minha mãe, Benedita da Silva Oliveira, ainda uma adolescente e que poucos anos depois daquela foto (Figura 1), apresentada na Introdução desta pesquisa, já estaria casada e seria mãe, pois quando eu nasci ela tinha por volta de 16 anos; minha avó

Candinha, Candida Madureira Silva, que traz no colo seu neto primogênito Nilton; e minha bisavó materna, Amélia Dias Madureira. Honro as que vieram aqui, sendo a filha que escreve de nós, em fala e ato, e que se fará ouvir. Como lindamente escreveu Conceição Evaristo no Poema abaixo:

A voz de minha filha
recolhe em si a
fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade. (EVARISTO, 2005, p. 74-75)

A imagem abaixo (Figura 34) foi um momento de honrar nossos ancestrais, todos que partiram para uma viagem sem volta. De frente para o mar na Praia Morena, em Benguela, observo os restos das estacas que ligavam a praia aos navios tumbeiros. Estão lá apodrecendo nas ondas do Atlântico, como testemunhas de um período histórico em um dos muitos locais que serviram de embarque de corpos negros, seres humanos descendentes de rainhas e reis, de grandes e prósperos reinos, que foram tratados como mercadoria, jogadas nos porões de fedidos navios.

Figura 34 - Praia Morena-Benguela, local de embarque de humanos escravizados



Fonte: Fotografia Luís Joel, jul. 2023.

Como nada é por acaso na cosmovisão africana, concludo aqui com mais uma frase em Cupópia, a língua africana falada na Comunidade Cafundó e que ressignifica esse momento de (re)conexão ancestral com África: *Tamukanda no injó de Zambi*. Está escrito na casa de Deus.

Sim! Vencemos, sobrevivemos e (re)existimos.

Estou aqui!!!!

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia; BATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

BRASIL, Senado Federal do. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988_12.07.2016/art_68_.asp. Acesso em: 13 jun. 2022.

EVARISTO, Conceição. Vozes-Mulheres. In: SANTOS, Luiz Cardoso dos; GALAS, Maria; TAVARES, Ulisses. **Antologia da poesia negra brasileira: o negro em versos**. São Paulo: Moderna, 2005, p. 74-75.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência, a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

CRUZEIRO DO SUL. Cafundó mantém tradição da festa em Salto de Pirapora, **Jornal Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 16 maio 1978. Seção Região, p. 7. Disponível em: <https://digital.jornalcruzeiro.com.br/pub/cruzeirodosul/index.jsp?serviceCode=login&edicao=37391#page/6>. Acesso em: 21 jun. 2022.

CRUZEIRO DO SUL. Os negros do Cafundó e sua Estranha Maneira de Falar, **Jornal Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 19 mar. 1978. Disponível em: <https://digital.jornalcruzeiro.com.br/pub/cruzeirodosul/?edicao=22251&ipg=415398&keywords=%22Cafundó%20%22#page/30>. Acesso em: 21 jun. 2022.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana desde saberes ancestrais femininos: bordando perspectivas de descolonização do ser-tão que há em nós. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. 31, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/835/755>. Acesso em: 20 out. 2023.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MOURA, Gloria. **Festas dos Quilombos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.editora.unb.br/downloads/24H/As%20festas%20dos%20quilombos-web.pdf>. Acesso em: 26 out. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2014.

ÔRÍ. Direção: Raquel Gerber. TV Brasil, 1989. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbrgax63IUUD8qOgIM2wKVIId4n/view>.
 Acesso em: 13 de jun. 2022.

PIRES, Adriana de Almeida et al. (Orgs.). **Dona Ifigênia: Existência e resistência do povo Cafundó**. São Paulo: Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, [2006].

RATTS, Alex J. P. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. Disponível em:
<https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/eusouatlantica.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

SLENES, Robert W.; FARIA, Sheila de Castro. **Família escrava e trabalho. Tempo**. Niterói, Rio de Janeiro. Vol. 3 n. 6, dezembro de 1998. Disponível em:
https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg6-4.pdf. Acesso em: 13 jun. 2022.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. **Cafundó A África no Brasil: Linguagem e Sociedade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

DOCUMENTOS SONOROS

DEPOIMENTOS: De Otávio Caetano sobre a forma com aprendeu a “língua africana”. Salto de Pirapora-SP: [s. n.], 1978, Cf(k) 001(a). Disponível em:
<http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action= show & 119lbum=21>.
 Acesso em: 01.jun. 2022.

DEPOIMENTOS: De Maria Aparecida e Maria Augusta. O pesquisador está tentando montar a árvore genealógica dos Almeida Caetano e questiona Maria Aparecida e Maria Augusta sobre Joaquim Congo, ocorrido em 1978. Salto de Pirapora-SP: [s. n.], 1978a. Cf(k) 002(b). Disponível em:
<http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action= show & 119lbum=21>.
 Acesso em: 01.jun. 2022.

DEPOIMENTOS: De Otávio Augusto e Maria Augusta. Sobre como bravamente Dona Ifigênia, de como sozinha, enfrentou os fazendeiros que invadem suas terras onde tiravam seus meios de sobrevivência, ocorrido em 1978. Salto de Pirapora-SP: [s. n.], 1978b. Cf(k) 005(b). Disponível em:
<http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action= show & album=21>.
 Acesso em: 01 jun. 2022.

DEPOIMENTOS: Festa de Santa Cruz. O pesquisador descreve os rituais e depois entrevista alguns visitantes, indagando as relações mantidas com os moradores do Cafundó em 1978. O êxodo de jovens mulheres da comunidade Cafundó. Salto de Pirapora-SP: [s. n.], 1978a, Cf(k) 008. Disponível em:

<http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action= show & album=21>. Acesso em: 01 jun. 2022.

DEPOIMENTOS: Com Maria Augusta, Adauto, Maria Aparecida relatando sobre a capelinha de Santa Cruz festas de casamentos do tempo de mãe Dona Ifigênia. Salto de Pirapora-SP: [s. n.], 1978a, Cf(k) 009(a). Disponível em: <http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action= show & album=21>. Acesso em: 01 jun. 2022.

DEPOIMENTOS: Com Maria Augusta relatando como aprendeu sobre a “língua africana com a mãe Dona Ifigênia. Salto de Pirapora-SP: [s. n.], 1978a, Cf(k) 009(b). Disponível em: <http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action= show & 120lbum=21>. Acesso em: 01 jun. 2022.

DEPOIMENTOS: Dona Benedita Pires Pedroso em entrevista com a estagiária Viviane, objetivando elaboração de lista lexical. Salto de Pirapora, SP, 26 jun. 1978, Cf(k) 011(b). Disponível em: <http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action= show & album=21>. Acesso em: 01 jan. 2023.

DEPOIMENTOS: Entrevistas de Vogt com Dona Benedita Pires Pedroso. Salto de Pirapora, SP, 22 de out. de 1979, Cf (k) 021(a). Disponível em: <http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action= show & album=21>. Acesso em: 18.06. 2023

DEPOIMENTOS: Entrevistas de Vogt e Fry com diversos moradores, dentre eles Dona Dita Pires Pedroso, sobre a vida e os costumes da comunidade Cafundó, sobre religião etc. Salto de Pirapora, SP/ agosto, setembro e outubro de 1980 e fevereiro e outubro de 1984, Cf(k) 021(b). Disponível em: <http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action= show & album=21>. Acesso em: 18.06. 2023

DEPOIMENTOS: Entrevistas de Carlos Vogt com Dona Dita Pires e Otavio Caetano, sobre aprendizado da língua, os antepassados etc. Salto de Pirapora, SP, 22 de out. de 1979, Cf(k) 022. <http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action= show & album=21>. Acesso em: 18.06. 2023

DEPOIMENTOS: Entrevistas com Maria Aparecida, a Cida relatando sobre a busca pela cura do irmão em um benzedor. A fé como cura das doenças. Salto de Pirapora-SP: [s. n.], 24 e 25 março 1980 Cf(k) 025(b). Disponível em: <http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action= show & album=21>. Acesso em: 01 jun. 2022.

DEPOIMENTOS: Entrevista com Peter Fry com Dona Dita Pires sobre sua vida, casamento entre parentes, afilhados, religião, feitiço, doação de terras, escravidão e os filhos da avó. Salto de Pirapora-SP, 01.04.1980a Cf(k) 029(a). Disponível em: <http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action= show & album=21>. Acesso em: 27.12. 2022.

DEPOIMENTOS: Com Dita Pires sobre sua infância no território, convivência com seu avô Joaquim Congo e troca das terras. Salto de Pirapora-SP, 01.04.1980a Cf(k) 029(b). Disponível em: [http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action=show & album=21](http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action=show&album=21). Acesso em: 27.12. 2022.

DEPOIMENTOS: Entrevistas de Peter Fry com Geni, Mãe de Santo antepassados etc. Salto de Pirapora, SP, Cf(k) 034(a). [http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action=show & album=21](http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action=show&album=21). Acesso em: 18.06. 2023